

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**ALARICO, CHEFE DOS VISIGODOS  
REBELIÃO E PODER NOS FINAIS DO IMPÉRIO  
ROMANO  
(395-410)**

**BRUNO MANUEL MARTINS GAMA**

Tese orientada pelo Prof. Doutor Amílcar Guerra e pelo Prof. Doutor José Varandas, especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em HISTÓRIA, ESPECIALIDADE HISTÓRIA ANTIGA

2016



# ÍNDICE

<b>LISTA DE FIGURAS E MAPAS</b>	PÁG. 03
<b>RESUMO</b>	PÁG. 05
<b>ABSTRACT</b>	PÁG. 07
<b>PALAVRAS-CHAVES / KEYWORDS</b>	PÁG. 09
<b>AGRADECIMENTOS</b>	PÁG. 11
<b>ABREVIATURAS</b>	PÁG. 13
<b>INTRODUÇÃO</b>	PÁG. 15
<b>PARTE I</b>	
<b>CAPÍTULO I</b>	
ALARICO, ENTRE GODOS E ROMANOS	PÁG. 33
1. TRATADO DE 382: GODOS, UMA DEFINIÇÃO ROMANA	PÁG. 33
2. O <i>BALTHVS</i> ALARICO: ESTRUTURA FAMILIAR	PÁG. 39
3. SOLDADOS REBELDES, COMANDANTES NO IMPÉRIO	PÁG. 45
4. ALARICO: CHEFE DOS VISIGODOS	PÁG. 53
<b>CAPÍTULO II</b>	
AS CORTES IMPERIAIS E AS PRETENSÕES POLÍTICAS DE ALARICO	PÁG. 59
1. OS GOVERNOS ORIENTAIS DE RUFINO, EUTRÓPIO E ÉLIA EUDÓXIA (395-408)	PÁG. 59
2. A REGÊNCIA OCIDENTAL DE ESTILICÃO (395-408)	PÁG. 69
3. OS CERCOS E O SAQUE DE ROMA (408-410)	PÁG. 78

## **PARTE II**

### **CAPÍTULO I**

<b>VISIGODOS: UMA QUESTÃO MILITAR</b>	<b>PÁG. 89</b>
1. REBELIÃO NO SEIO DO IMPÉRIO	PÁG. 89
2. AS FORÇAS DE ALARICO: RECRUTAMENTO E TREINO	PÁG. 101
3. ARMAMENTO E EQUIPAMENTO: UM SUCESSO LOGÍSTICO?	PÁG. 108

### **CAPÍTULO II**

<b>ACÇÕES MILITARES</b>	<b>PÁG. 117</b>
1. REBELIÃO E CAMPANHA NA GRÉCIA E ILÍRIA (395-397)	PÁG. 117
2. PRIMEIRA INVASÃO DA ITÁLIA (401-402)	PÁG. 125
3. SEGUNDA INVASÃO DA ITÁLIA E OS CERCOS DE ROMA (408-410)	PÁG. 133

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>PÁG. 143</b>
-----------------------------	-----------------

<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA</b>	<b>PÁG. 155</b>
------------------------------	-----------------

## LISTA DE FIGURAS E MAPAS

Figura 01 - Busto do imperador Valente.

Figura 02 - Estátua do imperador Teodósio I.

Figura 03 - Ilustração de Alarico.

Figura 04 - Estátua de Ataúlfo.

Figura 05 - Batalha de Frígido por Johann Weikhard von Valvasor (1689).

Figura 06 - Bíblia do bispo godo Úlfilas.

Figura 07 - Busto de Arcádio I.

Figura 08 - Busto de Eutrópio.

Figura 09 - Representação do jovem imperador Honório.

Figura 10 - Representação de Flávio Estilício.

Figura 11 - *Solidus* do imperador Prisco Átalo.

Figura 12 - Saque de Roma por Joseph-Noel Sylvestre (1890).

Figuras 13 e 14 - Representações dos escudos das unidades de *auxilia* godas *Visi* e *Teruingi*.

Figura 15 - Imperador Diocleciano e os restantes colegas de Tetrarquia.

Figura 16 - Artefactos arqueológicos encontrados numa campa de um soldado germano.

Figura 17 - *Spatha* romana.

Figura 18 - Capacete *spangenhelm*.

Figuras 19 e 20 - Exemplos de carroça romana aberta e fechada de quatro rodas.

Esquema 01 - Cargos e estruturas de comando do exército romano.

Mapa 01 - Divisão do Império Romano após a morte do imperador Teodósio I.

Mapa 02 - As prefeituras do Império Romano após a morte de Teodósio I.

Mapa 03 - Localização das oficinas imperiais.

Mapa 04 - A campanha dos auxiliares revoltosos entre os anos de 395 e 397.

Mapa 05 - A primeira campanha de Alarico na Península Itálica.

Mapa 06 - Movimentações das forças de Alarico e Ataúlfo entre 408 e 410.



## RESUMO

As transformações político-militares do final do século IV e início do século V retratam o período de desagregação do Império Romano, que dominava todo o Mediterrâneo, grande parte do continente europeu, do Próximo Oriente e Norte de África. As instabilidades criadas pelos conflitos internos e pressões de forças externas ao *limes* ditariam o fim da parte ocidental do Império e o surgimento de um novo mapa europeu, de novos reinos criados pelos germanos e outros bárbaros.

Neste contexto é proposto para esta dissertação o estudo da vida de Alarico e das suas forças, aqueles que viriam a ser conhecidos como Visigodos. Dividido entre os mundos «bárbaro» e romano, Alarico representa o paradigma das transformações que ocorriam no Império Romano.

Esta dissertação será dividida em duas partes. Em primeiro lugar, tentar-se-á compreender quem era Alarico, quer através das suas origens e do seu lugar de liderança entre os godos, quer pela influência e poder militar que obteve do Império Romano. Observar-se-á também as pretensões de poder de Alarico e de algumas outras figuras, que foram fulcrais para a sua acção no território e política romana, culminando no Saque de Roma de 410.

Na segunda parte do trabalho, analisar-se-á as questões militares associadas à rebelião de Alarico. Que forças, logística e armamento tinham os visigodos de Alarico e quais foram as estratégias e campanhas que o líder godo usou para defrontar e ultrapassar os exércitos romanos, teoricamente mais forte.

Como considerações finais, analisar-se-á brevemente a importância de Alarico e seus sucessores para o surgimento do Reino Visigodo. Um sinal de que a época de unidade política e imperial, baseada numa forte máquina militar, estava cada vez mais distante, permitindo o surgimento de reinos bárbaros sucessores de Roma, sendo o Reino Visigodo o primeiro de muitos.





# ABSTRACT

The political-military transformations of the end of the IV<sup>th</sup> century and the beginning of the V<sup>th</sup> century portray the period of disintegration of the Roman Empire, which dominated all the Mediterranean Sea, the majority of the European continent, of the Near East and the North of Africa. The instabilities created by the internal conflicts and by the adversities from forces outsider the *limes* marked the end of the western part of the Empire and the dawn of a new European map, of new kingdoms settled by germans and other barbarians.

In this context, it's proposed for this dissertation the study of the life of Alaric and his army, those that would be known as Visigoths. Divided between the «barbarian» and the roman worlds, Alaric represents the transformation paradigm that was happening in the Roman Empire.

This dissertation will be divided in two parts. First, trying to understand who was Alaric, through his origins and leadership place among the goths, and through the influence and military power he obtained from the Roman Empire. Also, it will be observed the power pretensions of Alaric and of some other figures, which were crucial to his actions in the roman territories and politics, culminating at the Sack of Roma in 410.

In the second part of the work, it will be analyzed the military issues associated to the Alaric's rebellion. Which armies, logistics and armaments Alaric's Visigoths had and which were the strategies and campaigns that the goth leader used to confront and surpass the roman armies, theoretically stronger.

As final considerations, it will be briefly analyzed the importance of Alaric and his successors for the dawn of the Visigoth Kingdom. A sign that the age of political and imperial unity supported by a strong military machine was further and further away, allowing the appearance of barbarian successor kingdoms of Rome, being the Visigoth Kingdom the first of many.



## **PALAVRAS-CHAVES**

Alarico; Visigodos; Usurpadores; Roma; Constantinopla

## **KEYWORDS**

Alaric; Visigoths; Usurpers; Rome; Constantinople



# AGRADECIMENTOS

Este trabalho é a concretização de um interesse pela História Antiga, que me acompanha há mais de três décadas. Os cinco anos de estudos e aprendizagens no meio académico, nas áreas da história e da arqueologia, permitiram obter as ferramentas e os conhecimentos necessários para melhor compreender as épocas dos que vieram antes de nós, em especial, acerca dos homens de Roma e os povos bárbaros que lhes sucederam. É, por isso, com uma enorme satisfação que vejo o culminar de um investimento pessoal, do qual espero que seja apenas mais um degrau para os meus objectivos e a para continuação de futuras investigações e trabalhos dedicados à História.

A realização desta dissertação não teria sido possível sem o apoio de algumas pessoais fundamentais, que estiveram presentes em todos os momentos, mesmo nos mais complicados. Em primeiro lugar, queria agradecer aos meus pais, Deolinda e Vítor Gama, pelos anos de paciência, constante compreensão e suporte, sem os quais não teria chegado a este ponto, mesmo quando decidi mudar de percurso académico.

Queria também agradecer à minha namorada Mariana Azevedo, companheira e colega de curso nestes últimos cinco anos, por todo o carinho e pela impagável dinâmica de motivação e entreajuda que criámos entres os dois, de horas infindáveis de conversa e debate das quais surgiram novas ideias e novos pontos de vista para este trabalho. Num tom mais pessoal: *consequimos, amor*.

Por último, queria agradecer aos meus orientadores, Prof. Doutor Amílcar Guerra e Prof. Doutor José Varandas, pelos ensinamentos, pela permanente confiança e motivação e pelas constantes questões que levantaram sobre os diversos aspectos do tema desta dissertação e não só. Involuntariamente, fizeram-me ver que o que caminho que tomei, ao mudar de área de estudos, foi o mais correcto para a vida profissional e pessoal, pelo que lhes estou muito grato.

Terminando, *um muito obrigado a todos*.



## ABREVIATURAS

Amm. Marc.	Amiano Marcelino
Claud. <i>de bello Get.</i>	Claudiano, Sobre a Guerra Goda
Claud. <i>de bello Gild.</i>	Claudiano, Sobre a Guerra Gildónica
Claud. <i>de IV cons. Hon.</i>	Claudiano, Sobre o IV consolado de Honório
Claud. <i>de VI cons. Hon.</i>	Claudiano, Sobre o VI consolado de Honório
Claud. <i>de cons. Stil. I.</i>	Claudiano, Sobre o consolado de Estilício I
Claud. <i>de cons. Stil. II.</i>	Claudiano, Sobre o consolado de Estilício II
Claud. <i>de cons. Stil. III.</i>	Claudiano, Sobre o consolado de Estilício III
Claud. <i>in Eutr. I.</i>	Claudiano, Contra Eutrópio I
Claud. <i>in Eutr. II.</i>	Claudiano, Contra Eutrópio I
Claud. <i>in Ruf. I.</i>	Claudiano, Contra Rufino I
Claud. <i>in Ruf. II.</i>	Claudiano, Contra Rufino II
Ida.	Idácio
Jord.	Jordanes
<i>Not. Dign. Occ.</i>	<i>Notitia dignitatum occidentis</i>
<i>Not. Dign. Or.</i>	<i>Notitia dignitatum orientis</i>
Oros.	Orósio
Olimp.	Olimpiodoro, Fragmentos (na obra de Fócio)
Sozom. <i>Hist. eccl.</i>	Sozómeno, História Eclesiástica
Theod. <i>Hist. eccl.</i>	Teodoreto, História Eclesiástica
Veg. <i>Mil.</i>	Vegécio, Compêndio da Arte Militar
Zos.	Zósimo





# INTRODUÇÃO

Com mais de mil anos de existência, o domínio romano estendeu-se por todo o Mediterrâneo, vastas áreas do continente europeu, do Próximo Oriente e Norte de África, marcando profundamente a história de gentes e culturas, dentro e fora das suas fronteiras. Os processos de romanização, sempre apoiados pela poderosa máquina militar romana, foram os moldes para definição de uma imagem de unidade imperial forte, mesmo passando por alguns períodos de instabilidade e guerras civis. É neste contexto que surge a questão que nos acompanha já há muito tempo: o que ditou o fim do Império Romano<sup>1</sup>? E qual foi o papel dos povos ditos bárbaros, muitas vezes apontados como a causa da destruição de Roma, mas ao mesmo tempo herdeiros da *romanitas*<sup>2</sup>?

Ao longo do percurso académico, pude aprofundar os conhecimentos e paixão por este período de transição entre o mundo romano e o godo. Percebi, através das disciplinas de Introdução à Epigrafia, leccionada pelo Professor Doutor Amílcar Guerra, orientador desta dissertação, e de Arqueologia da Antiguidade Tardia, leccionada pela Professora Doutora Catarina Viegas, que o mundo romano não acaba com a vinda dos povos germanos, muito pelo contrário. Apesar dos sinais arqueológicos de desagregação das províncias romanas e de muito do seu comércio, os germanos dão sinais de continuidade, quer pelos vestígios epigráficos e religiosos quer pela presença em espaços romanos no território português.

Surge assim uma primeira ideia para dissertação: perceber a importância dos hispano-romanos para a construção do Reino Visigodo na Península Ibérica. Contudo, sendo o mundo tardo-romano a principal área de interesse, em especial as questões geopolíticas e militares, tornou-se difícil iniciar tal estudo.

Durante o primeiro ano de mestrado, nos vários seminários leccionados pela Professora Doutora Fátima Reis, pelo Professor Doutor Amílcar Guerra e Professor Doutor José Varandas, coorientador desta dissertação, tivemos a oportunidade de continuar a trabalhar no mundo tardio romano, no contexto militar e político. Figuras como os

---

<sup>1</sup> A historiografia tradicional refere a este período como o fim do Império Romano, no entanto a parte oriental do Império, conhecido como Império Bizantino, só caiu no ano de 1453.

<sup>2</sup> Conceito de romanidade.

imperadores Valente, Teodósio, Honório, usurpadores como Máximo, Eugénio e Constantino III e «bárbaros» como Fritigerno, Arbogasto, Estilício e Alarico, e problemáticas militares, como a batalha do Rio Frígido<sup>3</sup>, o papel das carroças godas e as guerras civis entre Constantino III, Honório e Gerônimo, foram o foco de alguns trabalhos ao longo de um ano.

Percebi que estas transformações político-militares, do final do século IV e início do século V, retratam o período de desagregação do Império Romano. As instabilidades, criadas pelos conflitos internos e pressões de forças externas ao *limes*<sup>4</sup>, ditaram a queda da parte ocidental do Império e o surgimento de novas unidades políticas criadas pelos germanos e povos das estepes. Contudo, as questões sobre a herança romana dos «bárbaros», mais em concreto dos visigodos, persistiram e delas resulta a ideia base para esta dissertação.

Deparei logo com vários problemas na definição de quem eram realmente os visigodos. Normalmente associados às tribos godas tervíngias, ao fugir das forças hunas a norte do Danúbio, procuraram refúgio dentro do Império Romano. O imperador Valente aceitou o pedido de algumas tribos, dando assim início à difícil travessia do rio Danúbio<sup>5</sup>. É de salientar que o processo de vaga migratória, que está a acontecer na Europa dos nossos dias, também foi um factor importante para a escolha do tema desta dissertação, ao ver as dificuldades que milhares de pessoas atravessam, só para fugir da guerra ou simplesmente à procura de uma vida melhor, e os problemas logísticos de tal processo.

Tal ocorreu no período romano, a incapacidade para gerir uma vaga migratória levou à corrupção de oficiais romanos e, posteriormente, à revolta goda, liderada por Fritigerno. Durante anos, os romanos foram inaptos na resolução da revolta, sendo mesmo derrotados várias vezes no campo de batalha, como na batalha de Adrianopla<sup>6</sup>, onde grande parte do exército romano oriental e o imperador Valente perdem as suas vidas. A paz foi alcançada anos depois, quando o novo imperador, Teodósio, firmou um tratado com os

---

<sup>3</sup> A vitória do Imperador Teodósio contra as forças do usurpador Eugénio. Williams, S. & Friell, G. (1998), pp. 90-117.

<sup>4</sup> Fronteira do Império Romano.

<sup>5</sup> Michael Kulikowski apresenta um bom resumo dos eventos da travessia. Kulikowski, M. (2007), pp. 130-132.

<sup>6</sup> Todas as problemáticas do antes, durante e após batalha estão na publicação da Osprey sobre Adrianople. MacDowall, S. (2001).

godos<sup>7</sup>. As tribos migrantes finalmente alcançaram o seu objectivo - obtenção de terras dentro do território romano - mas, em troca, tornaram-se forças «federadas» de Teodósio, necessitando este de homens para recompor o exército romano oriental.

É neste enquadramento que aparece em cena o comandante romano e «rei» visigodo, Alarico. Dividido entre o mundo godo e romano, representa o paradigma das transformações que ocorreram no período tardio do Império Romano. A sua acção foi fulcral para a definição política do lado ocidental e do lado oriental, em que se dividiu o Império, e para a reunião de tribos godas e outras gentes à sua volta, criando uma nova entidade etnológica, que conhecemos como «visigoda»<sup>8</sup>. Assim, através da figura de Alarico, encontrou-se o título para esta dissertação.

Tendo em conta os vários aspectos da importância de Alarico e dos visigodos, dividiu-se esta dissertação em quatro capítulos, separados em duas partes. No entanto, por questões de espaço nesta dissertação, ainda na «**Introdução**», falo sobre as fontes utilizadas e do estado de arte da investigação.

No Capítulo I da primeira parte, «**Alarico, entre Godos e Romanos**», procura-se analisar as problemáticas em torno da figura de Alarico. As origens e educação são o ponto de partida para melhor conhecer o homem, tendo em conta as dificuldades de definição de conceitos como «bárbaro» ou «nobre» para este período. De seguida, contextualizando, em conjunto, com outras figuras militares da mesma época, procura-se perceber Alarico enquanto comandante militar romano e as suas ligações ao Império, mesmo quando se revoltou. Esta rebelião, e concluindo este capítulo, leva à observação sobre as qualidades e capacidades de Alarico, enquanto chefe militar e político, e de como a liderança do visigodo foi essencial para a formação de uma unidade político-militar que moldou a parte da Europa pós-Roma.

Ainda na primeira parte da dissertação, o Capítulo II «**As cortes imperiais e as pretensões políticas de Alarico**», olha-se para as questões políticas e diplomáticas imperiais e para os políticos que influenciaram o papel que Alarico e a sua rebelião tiveram dentro do Império Romano. No lado oriental do Império, analisa-se o desenrolar dos

---

<sup>7</sup> Tratado firmado entre Teodósio e os godos, onde em troca de terras, os godos se tornavam membros «federados» do Império e exército romano. Blockley, R. C. (2007b), p. 427.

<sup>8</sup> Apesar da designação de «visigodos» ser anacrónica para as gentes lideradas por Alarico, tomou-se a decisão de a manter para conseguir diferenciar as várias forças godas deste período.

governos de Rufino, Eutrópio e Eudóxia, de como lidaram com o problema visigodo e da luta política contra o general Estilício, e de quais os tratados com Alarico que estão incluídos. No lado ocidental, é preciso entender a regência de Estilício, considerado o rival de Alarico, olhando para os acordos entre os dois comandantes e a morte de Estilício. Em resultado disso, por fim, é necessário olhar para os cercos e o saque de Roma, feito pelos visigodos, numa tentativa final de Alarico e os visigodos conseguirem os seus objectivos.

A segunda parte desta dissertação foca-se, principalmente, nas questões militares dos visigodos e as acções de Alarico. No Capítulo I desta parte, «**Visigodos: uma questão militar**», procura-se compreender quais foram as condições que permitiram a revolta de Alarico dentro do *limes*, sem nunca ter sido travada. É importante analisar a génese do modelo militar visigodo e qual a dimensão da influência do modelo romano. É, também, necessário conhecer o sistema de recrutamento para o exército visigodo e que logística possuía para manter uma rebelião durante mais de uma década. Para este último ponto, olha-se para o armamento visigodo, bem como para a importância da carroça na movimentação da máquina militar visigoda.

No Capítulo II, denominado «**Acções Militares**», pretende-se retratar as campanhas militares dos visigodos que ocorreram durante os quinze anos de rebelião contra os dois lados do Império. Quais foram as estratégias territoriais de Alarico para obter os seus objectivos? E que tácticas os visigodos usaram nas batalhas que tiveram para defrontar e ultrapassar os exércitos romanos teoricamente mais fortes?

Por último, como «**Considerações Finais**», fala-se brevemente nos acontecimentos históricos e as transformações que ocorreram depois da morte de Alarico. Motivadas, em parte, pela acção do chefe dos visigodos, e mesmo que não tenham causado a queda do Império, eram como sinais de que a unidade político-imperial romana, apoiada numa forte máquina militar, estava decadente e em desagregação. A acção e ambição do líder visigodo viriam a culminar na criação do primeiro reino «bárbaro» pós-Roma, o reino visigodo, criado dentro do *limes* romano, poucos anos após a sua morte.

\*\*\*

A metodologia desta dissertação é a usada para um trabalho historiográfico, onde a heurística e hermenêutica são essenciais para o período que aqui se estuda: o Império Romano tardio e o entendimento da estrutura gótica. Na primeira parte da dissertação, têm-se em conta todas as fontes que relatam a vida de Alarico e das outras figuras em contacto com o visigodo. Também se procura recolher uma bibliografia diversificada que suporte o entendimento das fontes clássicas e que defina conceitos como «bárbaro», «visigodo» ou a percepção de Alarico nos dias de hoje. O modelo de abreviaturas que se usa, é em parte, baseado no apresentado nos vários volumes da *Brill's Encyclopaedia of the Ancient World*, onde se acrescentam abreviaturas de autores que não estão na lista da Brill<sup>9</sup>.

Na segunda parte, novamente analisando as fontes, procuram-se as descrições de âmbito militar, quer romanas, quer visigodas, nas quais se inclui o tratado de Vegécio<sup>10</sup> e a *Notitia Dignitatum*<sup>11</sup>, para melhor compreender a organização militar romana dos finais do período imperial. As bibliografias e estudos arqueológicos sobre as forças romanas tardias e germanas são importantes para complementar o entendimento sobre as questões do armamento e da logística de uma força militar dividida entre os mundos romano e godo.

Uma das dificuldades na elaboração desta dissertação esteve na recolha das fontes. Poucos são os autores de época clássica tardia que se encontram traduzidos em português, e por isso teve de se optar pelo uso de traduções na língua inglesa. Contudo, esta decisão trouxe outro problema. A investigação sobre o período final do Império Romano é bastante menor quando comparada com outros períodos, o que faz com que as bibliotecas nacionais não tenham muitas das obras necessárias para o estudo do mundo tardio. Mesmo assim, a colecção de obras sobre este período, na biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, é muito completa neste domínio.

Mesmo que os finais do século IV e inícios do século V sejam um período rico em relatos, por parte de autores contemporâneos ou quase contemporâneos dos eventos tratados nesta dissertação, as origens e as vidas de muitas das figuras são quase inexistentes, e, quando existem, estão envoltas em construções propagandísticas. Problema que aumenta exponencialmente quando, também, tentamos entender quem foram os visigodos.

---

<sup>9</sup> Refiro-me às abreviaturas dos autores tardios Idácio de Chaves e Jordanes.

<sup>10</sup> É possível encontrar uma boa tradução e estudo do tratado militar em português. Vegécio (2009).

<sup>11</sup> Para uma versão da fonte, *Notitia Dignitatum* (1551).

Uma das fontes mais completas para a percepção dos momentos tardios do Império Romano é a obra *Res Gestae*<sup>12</sup> de Amiano Marcelino (330-400). O historiador e militar de origem grega serviu como *protector domesticus* sob o comando do general Ursínico e acompanhou as diversas expedições deste militar romano na Germânia, Gália e Mesopotâmia. Após a rendição de Ursinico no cerco do imperador sassânida Sapor II à cidade de Amida no ano de 359 e relatado pelo historiador na sua obra, Amiano terá deixado o serviço militar<sup>13</sup>. Em 363, junta-se à campanha persa do imperador romano Juliano, onde novamente vê as forças romanas a serem derrotadas. Depois disto, o historiador terá viajado pelo Império, onde assistiu bem de perto a muitos acontecimentos.

No final da sua vida, Amiano Marcelino estabelece-se em Roma e começa a escrever a obra *Res Gestae* onde conta a história do Império Romano, desde o imperador Nerva até à morte do imperador Valente (96-378)<sup>14</sup>, poucos anos antes do surgimento de Alarico. É precisamente o último livro da obra, Livro XXXI, onde encontrámos alguns dos eventos fundamentais para o início desta dissertação. Os relatos da travessia do Danúbio e a posterior revolta por parte dos godos até à Batalha de Adrianopla, são fundamentais, mas não centrais, para perceber em que contexto Alarico emerge anos depois.

A experiência militar de Amiano e o seu conhecimento dos inúmeros povos fora do *limes* romano permite, também, analisar o sistema de organização e composição das estruturas militares romana e goda. Tal possibilita, ainda, o levantamento de diversas questões relacionadas com a logística e com a movimentação de forças em território hostil durante diversos anos. Situação muito frequente e que ocorre durante as primeiras revoltas godas com Fritigerno e, anos mais tarde, com Alarico.

Os relatos de Amiano Marcelino são, sem dúvida, a fonte mais completa dos anos tardios do Império Romano. Infelizmente, não se encontra o mesmo nível de detalhe nas fontes que relatam a vida de Alarico.

A obra com mais informação sobre este período, e fonte principal usada nesta dissertação, é a *Historia Nova*<sup>15</sup> escrita por Zósimo. Referido como «comes» e «advocatus

---

<sup>12</sup> A obra de Amiano Marcelino encontra-se traduzida em três volumes da Coleção Loeb, sendo o último volume importante para esta dissertação. Amiano Marcelino (1986).

<sup>13</sup> Rosen, C. (2002), p. 585.

<sup>14</sup> Idem, *ibidem*, pp. 585-586.

<sup>15</sup> Os eventos da vida de Alarico encontram-se nos últimos três livros da obra de Zósimo. Zósimo (1814), pp. 93-179; Zósimo (1986); Zósimo (1989).

*fisci*»<sup>16</sup> do Império Romano do Oriente, este historiador grego pagão dedicou a sua vida entre os anos 498 e 518 à descrição do declínio do Império, num contraste consciente com a obra do historiador Políbio<sup>17</sup>. Com uma escrita propagandística, pessimista e resignada, Zósimo tenta pôr as culpas da queda de Roma no processo de cristianização do Império. Ao contrário da obra de Amiano, onde o autor detalhava as diferentes tribos e povos não-romanos, Zósimo não tem esse cuidado, e retrata todos os inimigos dos governos imperiais como «bárbaros». Sem outros autores contemporâneos para complementar Zósimo, fica mais complicado perceber quem eram estes «bárbaros».

Alarico e as suas movimentações militares e políticas, os acordos entre as cortes do Ocidente e do Oriente, estão bem relatadas nos Livros V e VI. Contudo, surgiu um outro problema. É clara a utilização de outras fontes na construção da obra de Zósimo. O autor grego terá usado os textos de três outros historiadores<sup>18</sup>. No Livro II até ao capítulo 25 do Livro V, utilizou as *Histórias* do sofista grego Eunápio de Sardes (347-414)<sup>19</sup>, que terminam no ano 404, pegando depois nos relatos de Olimpíodoro de Tebas<sup>20</sup> para o resto do Livro V e do Livro VI.

Isto é visível na descrição da regência de Estilício, o arqui-rival de Alarico, enquanto na parte atribuída a Eunápio, o comandante-em-chefe do Ocidente é representado como uma pessoa cruel e gananciosa, sempre em conspirações para controlar o Império<sup>21</sup>. Nos capítulos atribuídos a Olimpíodoro, já encontrámos uma descrição mais cautelosa do papel de Estilício: o salvador de Itália, quando foi preciso<sup>22</sup>.

Apesar de ainda relatar sobre a invasão da Itália por Alarico e os cercos e intervenções políticas que o líder visigodo teve na cidade de Roma, não se encontram referências ao saque de Roma no *Historia Nova* de Zósimo. O Livro VI termina abruptamente antes da zaragata entre os visigodos e os soldados romanos do general Saro, acção que precedeu ao terceiro e último cerco de Roma e saque da cidade.

---

<sup>16</sup> Conde e advogado fiscal.

<sup>17</sup> Meier, M. (2010), p. 971.

<sup>18</sup> Idem, *ibidem*, pp. 971-972.

<sup>19</sup> Não foi possível recolher os fragmentos da obra de Eunápio. Para uma breve descrição do autor tardio, Baumbach, M. (2004), pp. 169-170.

<sup>20</sup> Portman, W. (2007), pp. 111-112.

<sup>21</sup> Dois exemplos característicos são a descrição da intervenção de Estilício na Grécia e o assassinato de Mascezil após a vitória deste em África; Zos. V 7. e Zos. V 11.

<sup>22</sup> Idem, *ibidem*, p. 153.

É de estranhar tal quebra do relato na obra de Zósimo, pois nos fragmentos dos textos de Olimpíodoro, compilados séculos mais tarde pelo patriarca de Constantinopla Fócio (810-839)<sup>23</sup>, existem referências ao saque e aos anos que se seguiram à morte de Alarico<sup>24</sup>.

Tal como Zósimo, o historiador cristão Sozómeno<sup>25</sup> também utilizou os textos de Olimpíodoro como uma das fontes para a sua *História Eclesiástica*<sup>26</sup>. Escrita entre 439 e 450, a obra de Sozómeno foca, sobretudo, os eventos religiosos e cristãos entre a conversão de Constantino, em 312, e o reinado de Teodósio II.

O líder visigodo Alarico é pouco referenciado nos três livros finais, mas, no entanto, ao contrário de Zósimo, a questão do barbarismo é posta de lado por Sozómeno, preferindo falar do papel das figuras godas em contexto secular, mas com influência religiosa. Para Sozómeno, as acções, que levaram Alarico aos três cercos e ao saque de Roma, são quase consideradas como castigos divinos contra os senadores pagãos e blasfemos de Roma<sup>27</sup>.

A preponderância cristã é um ponto em comum na maioria das fontes para este período. O bispo de Cirro, Teodoreto (393-423)<sup>28</sup>, co-autor de uma outra *História Eclesiástica*<sup>29</sup>, não nos fornece relatos sobre Alarico e os seus visigodos. No entanto, dedica alguns capítulos ao godo Gainas, figura essencial para a história da corte oriental durante a revolta visigoda e um exemplo de como um não-romano conseguia alcançar os altos cargos da hierarquia militar romana. Por isso, não é de estranhar as divergências entre os autores sobre a definição de «bárbaro», muitas vezes misturadas com questões religiosas e disputas políticas entre as cortes imperiais.

Uma das obras cristãs mais completas para a temática desta dissertação é a *História contra os Pagãos* do bispo Orósio<sup>30</sup>, natural na cidade de *Bracara Augusta*. É uma das fontes mais críticas sobre a evolução da história humana, cheia de sofrimento e dor. O

---

<sup>23</sup> Vassis, I. (2007), pp. 186-187.

<sup>24</sup> A obra de Olimpíodoro perdeu-se na sua totalidade, mas é possível encontrar um resumo na compilação do bispo Fócio «*Bibliotheca*». Fócio (2002).

<sup>25</sup> Marksches, C. (2008), p. 684.

<sup>26</sup> Apenas os três últimos livros, do VII ao IX, da «*História Eclesiástica*» são fundamentais para a dissertação. Sozómeno (1855), pp. 312-418.

<sup>27</sup> Falaremos da importância dos cercos e saque de Roma mais à frente, no capítulo «As cortes imperiais e as pretensões políticas de Alarico».

<sup>28</sup> Rist, J. (2007), pp. 450-451.

<sup>29</sup> Teodoreto (1892), pp. 71-370.

<sup>30</sup> Eigler, U. (2007), pp. 240-242.



Livro VII<sup>31</sup>, referente ao período da vida de Alarico, está recheado de alegorias cristãs, ligando o imperador Teodósio e a sua dinastia ao divino, como último reduto da misericórdia de Deus na Terra.

Em oposição à imagem divina teodosiana, Orósio faz ferozes ataques a todos aqueles que considerava causadores do mal no Império. Tanto acha um bem a morte dos godos que lutaram ao lado de Teodósio<sup>32</sup>, como ataca as figuras de Estilício ou Rufino, que ficaram como regentes nas duas cortes imperiais. Alarico, apesar de ser intencionalmente ignorado por Orósio, é referenciado por causa das batalhas que teve contra Estilício e no saque de Roma. Esta última parte está relacionada com o facto do trabalho de Orósio ter sido encomendado por Santo Agostinho, como suplemento à obra *Cidade de Deus*<sup>33</sup>.

A crónica<sup>34</sup> de outro bispo hispânico, Idácio de Chaves<sup>35</sup>, é a última fonte cristã analisada para este trabalho. É uma visão quase-apocalíptica dos momentos finais do Império Romano. A informação sobre Alarico é escassa, apenas com duas referências, mas as *Crónicas de Idácio* tornam-se essenciais para analisar o que estava a acontecer no território do Império do Ocidente, em especial na Hispânia, enquanto as forças de Alarico invadiam a Itália. É necessária esta visão mais alargada para se perceber como foi possível aos visigodos entrar tão facilmente na Península Itálica sem qualquer oposição.

Uma das fontes contemporâneas de Alarico, e muito importante para a construção da acção do visigodo contra as cortes imperiais, é o poeta Claudiano<sup>36</sup>. Por causa do estilo panegírico de escrita<sup>37</sup>, que mistura e compara acontecimentos históricos com épicos clássicos, tivemos alguma dificuldade em analisar as diversas obras do poeta. No entanto, graças ao trabalho de investigação e de tradução do académico britânico Alan Cameron<sup>38</sup>, pudemos retirar o necessário para a análise de Alarico e de outras figuras deste período.

O poeta Claudiano era um claro defensor da corte ocidental, com vários poemas históricos e políticos a elogiar o reinado de Honório e o papel de Estilício ao longo da regência, e com ataques ferozes às figuras da corte oriental. É, também, com os textos de

---

<sup>31</sup> Orósio (2000), pp. 166-205.

<sup>32</sup> Oro. VII. 34. 19.

<sup>33</sup> Eigler, U. (2007), p. 242.

<sup>34</sup> As crónicas encontram-se traduzidas em português; Idácio (1982).

<sup>35</sup> Frohlich, R. (2005), p. 598.

<sup>36</sup> Hofmann, H. (2003), pp. 386-389.

<sup>37</sup> Os textos encontram-se publicados em dois volumes da coleção da Loeb. Claudiano (1922a); Claudiano (1922b).

<sup>38</sup> Cameron, Alan (1970), pp. 63-188.

Claudiano, que compreendemos alguma da movimentação política e militar de Alarico, primeiro no Oriente e depois nas batalhas e nos acordos com Estilício.

No século VI, o autor godo Jordanes<sup>39</sup> escreve aquela que seria a única obra antiga sobrevivente que fala sobre as origens dos povos godos, *A História dos Godos*<sup>40</sup>. A *Getica* de Jordanes é um resumo<sup>41</sup> dos doze volumes escritos pelo estadista romano Flávio Cassiodoro (487-583)<sup>42</sup>, mas que não sobreviveram até aos nossos dias. Foi dos volumes de Cassiodoro que Jordanes retirou as designações «visigodo» e «ostrogodo», para diferenciar os reinos godos da Aquitânia/Hispania e da Itália.

Repleta do que hoje sabemos serem construções fictícias de Jordanes, *a História dos Godos* introduz pela primeira vez dados sobre as origens de Alarico, ausentes em todas as outras fontes utilizadas para esta dissertação. É difícil aceitar estas informações não contemporâneas sobre Alarico, mais quando toda a obra é construída como um resumo de enaltecimento à imagem nobre dos povos godos. Contudo, não podemos rejeitar categoricamente esta fonte, mas apenas usá-la com muita cautela.

O *Compêndio da Arte Militar*<sup>43</sup> de Flávio Vegécio Renato<sup>44</sup> é um tratado essencial para compreender os sistemas militares deste período tardio. Ao longo de quatro livros, Vegécio levanta questões e aconselha sobre os mais diversos assuntos, como os da organização, do treino, da logística e do armamento das forças romanas. Fala, também, sobre os inimigos de Roma e as suas estratégias. Tendo em conta que as forças visigodas são formadas por uma mistura de antigos federados godos do exército romano (outros auxiliares bárbaros e romanos descontentes), e sendo Alarico um antigo oficial de Teodósio, torna-se importante analisar o tratado de Vegécio, para definir melhor a estrutura destas forças.

Por fim, queremos referir o documento administrativo romano *Notitia Dignitatum*<sup>45</sup>. Trata-se de um documento único onde se detalha a administração dos dois lados do Império

---

<sup>39</sup> Schmidt, P. (2005), pp. 917-918.

<sup>40</sup> Jordanes (1915).

<sup>41</sup> É o próprio Jordanes que refere no prefácio da sua obra. Jord. Prefácio. 1-3.

<sup>42</sup> Filho do governador administrativo da Sicília, teve desde cedo contacto com a política romana e ostrogoda. Foi chefe de ofícios do Reino Ostrogodo, conselheiro de Teodorico e prefeito pretoriano de Itália ao longo da sua vida, onde teve acesso a inúmeros manuscritos que lhe permitiram a escrita de várias obras. Jordanes (1915), pp. 23-27.

<sup>43</sup> Vegécio (2009).

<sup>44</sup> Brandt, H. (2010), pp. 252-253.

<sup>45</sup> *Notitia Dignitatum* (1551).

nos inícios do século V, incluindo a organização das várias unidades militares do Ocidente e do Oriente, o que permite também conhecer as áreas de influência dos vários cargos que referimos ao longo desta dissertação e o número, pelo menos em papel, dos homens que comandavam. A investigação de A. H. Jones sobre o documento<sup>46</sup>, da qual falaremos em pormenor num capítulo posterior, possibilita uma noção da organização e dimensão das forças neste período.

Como últimas notas, esta dissertação encontra-se escrita segundo o acordo ortográfico de 1945. O método de referenciação bibliográfico utilizado é o *APA 6ª edição*, optando por usar notas de rodapé para as citações bibliográficas. Para facilitar o acesso ao leitor, decidiu-se colocar as imagens e os mapas, de nossa autoria, no corpo de texto.

\*\*\*

Ao longo de séculos, a imagem que sobreviveu de Alarico e dos visigodos era aquela relatada pelos autores cristãos tardios, muito devido à importância da obra de Santo Agostinho, *Cidade de Deus*. Não se questionava a visão do líder bárbaro Alarico e dos saques e massacres selvagens, mas misericordiosos, realizados pelo seu povo, como um castigo divino, sobre os pagãos que ainda existiam na sociedade romana<sup>47</sup>.

Após o despertar do Renascimento, para as fontes clássicas e com as transformações de pensamento do Iluminismo, os académicos setecentistas e oitocentistas começaram a repensar os modelos civilizacionais que sempre conheceram, com o intuito de construir as bases para novas teses de «nação» e de «império». É, então, neste contexto, que ressurge a questão: o que terá levado à queda do Império Romano?

É a esta mesma pergunta que o historiador e deputado britânico Edward Gibbon tenta responder na obra *The Decline and Fall of the Roman Empire*<sup>48</sup>, publicada entre 1776 e 1788. Reconhecido, hoje em dia, como um dos primeiros historiadores modernos do mundo romano, tornou-se uma referência para a historiografia da Antiguidade Tardia.

---

<sup>46</sup> O estudo usado para a dissertação é do autor A. H. M. Jones. Jones, A. H. M. (1964c), pp. 347-380.

<sup>47</sup> Clark, G. (2011), pp. 34-42.

<sup>48</sup> As questões sobre visigodos e Alarico encontram-se no Volume IV e V da obra de Gibbon. Gibbon, E. (1906a), pp. 259-339; Idem (1906b), pp. 1-288.

Gibbon faz passar uma ideia bem presente na época em que viveu, a do imperialismo britânico: a luta entre os «bons» civilizados e os «maus» bárbaros, em conjunto com uma crítica às religiões organizadas, como o cristianismo. Nos capítulos referentes ao período em que Alarico viveu, os visigodos são representados como bárbaros iletrados, liderados por chefes com longos cabelos e cobertos de peles, em contraste com a exaltação das figuras «civilizadas» que defendiam o Império.

À semelhança dos autores tardios, Edward Gibbon culpabiliza a crescente «barbarização» do exército e os vícios opulentos das cortes e de Roma<sup>49</sup> pela facilidade que o bárbaro Alarico teve para se tornar numa figura perigosa para os romanos. Contudo, ao longo da narrativa, Gibbon vai mudando o seu discurso sobre Alarico: de génio invasor bárbaro para um prudente diplomata com objectivos definidos de obtenção de cargos romanos e terras para os visigodos.

Após Gibbon, o estudo da Antiguidade Tardia ganhou espaço na historiografia moderna. Durante o século XIX, as academias alemãs foram o centro da investigação sobre os inúmeros povos germanos que migraram e estabeleceram os seus reinos no antigo território romano. Estes trabalhos foram uma clara demonstração do crescente nacionalismo alemão, para justificar uma identidade cultural germânica herdeira da latina, mas com raízes muito mais antigas.

Surgem assim obras como *Geschichte des Ostgothischen Reichs*<sup>50</sup> de Manso, *Geschichte der Westgoten*<sup>51</sup> do académico historiador Joseph Aschbach, *Ueber das Leben und die Lehre des Ulfila*<sup>52</sup> de G. Waitz e *Das Leben des Ulfilas und die Bekehrung der Gothen zum Christenthum*<sup>53</sup> de W. Bessel, entre outros<sup>54</sup>.

No final do séc. XIX, o historiador clássico alemão Theodor Mommsen publica em 1882 a que se torna a edição clássica da *Getica* de Jordanes. Os manuscritos com a obra de Jordanes perderam-se num incêndio que ocorreu na casa de Mommsen. Mas, felizmente,

---

<sup>49</sup> A opulência de Roma é descrita durante quase vinte páginas. Idem, *ibidem*, pp. 206-224.

<sup>50</sup> *História milenar do reino Ostrogodo*, publicada em 1824.

<sup>51</sup> *História milenar dos Visigodos*, ano de 1827.

<sup>52</sup> *Sobre a vida e ensinamentos de Ulfila*, ano de 1840.

<sup>53</sup> *A vida de Ulfilas e a conversão dos Godos ao Cristianismo*, publicado em 1870.

<sup>54</sup> Estes autores são referenciados na obra de Henry Bradley. Bradley, H. (1891), p. viii.

novos manuscritos foram encontrados posteriormente. A edição de Mommsen é, depois, traduzida para inglês já no início do século XX<sup>55</sup>.

No ano de 1889 é publicada a primeira obra, em língua inglesa, acerca dos povos godos: *The Goths, from the earliest times to the end of the gothic dominion in Spain*, do filólogo britânico Henry Bradley<sup>56</sup>. Apesar de a publicação não ter trazido nada de novo para o meio académico de então, em relação às origens e histórias dos godos, permite entender as primeiras divergências entre a investigação oitocentista e o estudo de Edward Gibbon.

Sendo o foco da investigação os godos, a imagem de «bárbaros» e «selvagens» com que Gibbon categorizou todos os não-romanos desaparece parcialmente. Esta visão é agora atribuída às tribos hunas que forçaram as migrações godas. Alarico já não era apenas um rei invasor, mas um antigo oficial do exército romano tornado rei dos visigodos, que, não querendo a destruição do Império, lutava somente pela reposição do tratado de federação estabelecido entre os godos e Teodósio em 382. Mesmo que esta última parte seja coincidente com as palavras de Gibbon, toda a imagem negativa à volta do líder visigodo está ausente na obra de Henry Bradley.

Durante o século XX, a investigação prossegue no entendimento dos povos germanos e do seu papel para o desagregar do Império Romano. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, novos estudos sobre as mais diversos campos da Antiguidade Tardia começam a surgir. O historiador clássico e medieval, E. A. Thompson, começa a publicar uma série de trabalhos sobre o período tardo-romano, entre os quais *Ammianus Marcellinus*, *The Visigoths in the Time of Ulfila* e *The Goths in Spain*.

Um outro britânico, A. H. M. Jones, viu publicados os seus 3 volumes de *Later Roman Empire*<sup>57</sup>. Apesar da crítica ao seu trabalho de se apoiar exclusivamente em fontes literárias e epigráficas, nos anos em que começam a surgir os primeiros estudos arqueológicos sobre o mundo tardio, é um dos mais completos estudos até então sobre a Antiguidade Tardia. Com capítulos dedicados às questões da organização e números das forças, da indústria, da logística e dos transportes romanos, ainda hoje é referência para muitos trabalhos de cariz social, económico e militar.

---

<sup>55</sup> A *História dos Godos*, já acima referenciada. Veja-se a nota 40.

<sup>56</sup> Bradley, H. (1891).

<sup>57</sup> Jones, A. H. M. (1964).

No campo político e diplomático, surgem outras obras importantes, como as publicações do académico Alan Cameron. Livros como *Claudian. Poetry and Propaganda at the Court of Honorius*<sup>58</sup> e *Barbarians and Politics at the Court of Arcadius*<sup>59</sup>, e que são o resultado de um estudo intensivo e de excelência da literatura tardia, combinada com a história social e política do mesmo período, possibilitam uma visão privilegiada dos jogos políticos e diplomáticos imperiais durante a vida de Alarico.

A partir da década de 70, começam a surgir varias publicações que levantam novas questões sobre Alarico e os visigodos. Académicos como o austríaco Herwig Wolfram<sup>60</sup> e o irlandês Peter Heather<sup>61</sup> defendem que, apesar de todos os contactos e interligações entre godos e romanos, as gentes visigodas e o seu líder eram exógenos à estrutura imperial, e que os objectivos políticos de Alarico eram apenas para demonstrar o seu poder perante os outros chefes godos, unindo-os sob um reino. No campo oposto, estão outros investigadores, como Thomas S. Burns<sup>62</sup>, J. H. W. G. Liebeschuetz e Michael Kulikowski<sup>63</sup>, que defendem a tese de que a acção de Alarico tem de ser olhada dentro da estrutura imperial, e que este terá sido empurrado a liderar um grupo de descontentes, que se moldaram à unidade visigoda.

Este campo de discussão tem sido rico nos últimos anos, com investigadores e académicos a defender um campo ou outro, e até mesmo uma dimensão intermédia. O debate também permitiu a abertura a trabalhos de âmbito etnológico sobre os visigodos. Uma coisa é certa, a tese dos séculos XVIII e XIX de um povo visigodo invasor está, hoje, posta de parte.

Os artigos arqueológicos, como os publicados a partir da conferência «The Archaeology of War in Late Antiquity»<sup>64</sup> realizada em Oxford no ano de 2007, e a obra *Rome's Gothic Wars*, de Michael Kulikowski, escrita com base em estudos arqueológicos e militares vieram complementar, ainda mais, a investigação sobre o mundo tardo-romano e as migrações germanas. Editoras como a Osprey Publishing criaram colecções temáticas

---

<sup>58</sup> Cameron, A. (1970), pp. 63-188.

<sup>59</sup> Cameron, A. e Long, J. (1993).

<sup>60</sup> Wolfram, H. (1988), pp. 54-171.

<sup>61</sup> Para a dissertação usamos as obras mais recentes de Peter Heather. Heather, P. (2009) e Heather, P. (2006), pp. 3-250.

<sup>62</sup> Burns, T. S. (1994).

<sup>63</sup> Kulikowski, M. (2007).

<sup>64</sup> A conferência foi posteriormente compilada em dois volumes. Sarantis, A. e Christie, N. (eds.) (2013).

acerca das questões militares, onde investigadores como Simon Macdowal<sup>65</sup> puderam publicar os seus trabalhos. Também essencial para o estudo militar do mundo tardo-romano e germano, são obras como o *Companion of the Roman Army*, editado por Paul Erdkamp<sup>66</sup>, onde se encontram compilados artigos de diversos autores, ou o *War in Late Antiquity* de A. D. Lee<sup>67</sup>.

Já nesta década, o interesse pelo assunto continua. Foram apresentadas novas dissertações em diversas universidades ao nível global, nos diversos campos de investigação do mundo tardio, incluindo olhares sobre os visigodos e Alarico. A publicação de números temáticos de revistas como a *Desperta Ferro* e a *Le Figaro Histoire* sobre as questões político-militares dos finais dos séculos IV e V demonstra que, apesar de já amplamente trabalhadas, as questões da Antiguidade Tardia estão bem presentes no meio académico actual.

No âmbito nacional, a investigação sobre o mundo de Alarico e dos seus visigodos é ainda pequena, em especial sobre as problemáticas militares. Esperamos que esta dissertação, mais do que trazer algo de novo, ajude a fazer crescer o campo da investigação sobre a Antiguidade Tardia em Portugal.

---

<sup>65</sup> O antigo oficial do exército canadiano Simon MacDowall é autor de diversos livros e artigos sobre as questões militares do mundo tardo-romano. Escolhemos o artigo mais recente para esta nota, MacDowall, Simon (2012), pp. 16-22.

<sup>66</sup> Erdkamp, P. (ed.) (2007).

<sup>67</sup> Lee, A. D. (2007).





# PARTE I



# I

## ALARICO, ENTRE GODOS E ROMANOS

### 1. TRATADO DE 382: GODOS, UMA DEFINIÇÃO ROMANA

«We have seen their leaders and chiefs, not making a show of surrendering a tattered standard, but giving up the weapons and swords with which up to that day they had held power, and clinging to the king's [the emperor Theodosius'] knees more tightly than Thetis, according to Homer, clung to the knees of Zeus when she besought him on her son's behalf, until they won a kindly nod and a voice which did not rouse war but was full of kindness, full of peace, full of benevolence and the forgiveness of sins.»<sup>68</sup>

Em que momento se pode considerar o começo da história de Alarico e dos visigodos? É difícil responder com exatidão a esta pergunta. Apesar do autor do século VI, Jordanes, apoiado na obra de Cassiodoro, colocar a origem dos visigodos numa cisão entre o povo *Getae*<sup>69</sup> ainda anterior à travessia do rio Danúbio<sup>70</sup>, a fonte contemporânea da época, Amiano Marcelino, nunca faz uma única referência ao nome visigodo. A historiografia actual pôs de lado as construções de Cassiodoro e Jordanes, decisão, a meu ver, muito correcta.

No dia 3 de Outubro de 382, o *magister militum* Saturnino, sobrevivente da batalha de Adrianopla e enviado do imperador Teodósio (r. 379-395)<sup>71</sup>, assinou um tratado de paz que pôs termo ao conflito de seis anos que opunha a rebelião dos godos tervíngios contra forças da parte oriental do Império Romano<sup>72</sup>. São estes tervíngios a quem Cassiodoro e Jordanes, posteriormente, chamaram visigodos.

As tribos tervíngias faziam parte dos inúmeros povos com origens no norte da Europa e que, durante quase dois séculos, se movimentaram pelos territórios entre o Mar

---

<sup>68</sup> Heather, P. (2006), p. 182.

<sup>69</sup> Designação grega para godos.

<sup>70</sup> Jord. XXIV, entre «ostrogodos» e «visigodos».

<sup>71</sup> Halsall, G. (2007), p. 183.

<sup>72</sup> Curran, J. (2007), p. 182.

Negro e o rio Danúbio<sup>73</sup>. As invasões da Dácia romana e o aumento dos contactos entre estes povos e os romanos no século III foram a chave para o surgimento de uma «imagem» goda, presente nas fontes mais antigas<sup>74</sup>, e definida por Amiano Marcelino.

A primeira referência aos tervingos data da primavera de 291<sup>75</sup>, após uma separação<sup>76</sup> do grupo principal dos godos. O resto do grupo foi identificado como as tribos greutungas ou, as posteriores, ostrogodas<sup>77</sup>, que Amiano reintroduz no seu relato, anos mais tarde.

Durante o século IV, os contactos e conflitos entre tervingos e romanos continuam. O imperador Constantino (r. 306-337) derrota o líder tervíngio Ariarico no ano de 332<sup>78</sup> e após trinta anos de paz, o novo líder Atanarico é castigado pelo Augusto do Oriente, Valente (r. 364-376), em três campanhas anuais entre 367 e 369<sup>79</sup>. A liderança de Atanarico é posta em causa e o líder tervíngio inicia uma serie de perseguições a todos aqueles que se tinham convertido ao cristianismo<sup>80</sup>. Este acontecimento viria a enfraquecer a comunidade tervíngia, dividida entre pagãos e cristãos arianos<sup>81</sup>.

Pressionados e atacados pelas forças hunas vindas das estepes<sup>82</sup>, todas as comunidades godas foram forçadas a movimentarem-se para Sul. Esse relato está presente na obra de Amiano Marcelino. Liderados pelo cristão Fritigerno, e por Alavivo, uma parte dos tervingos, que vivia na margem norte do rio Danúbio, enviou uma petição de hospitalidade ao Império Romano na qual, em troca de paz e acolhimento no território romano, forneciam combatentes tervíngios para as forças auxiliares<sup>83</sup>.

---

<sup>73</sup> As obras de Herwig Wolfram e Michael Kulikowski são um bom ponto de partida para aprofundar o estudo sobre os povos godos. Wolfram, H. (1988), pp. 42-64; Kulikowski, M. (2007). As primeiras referências de incursões godas contra posições romanas no Mar Negro são datadas do ano de 238.

<sup>74</sup> Kulikowski defende a cultura material arqueológica algo romanizada de Santana-de-Mures/Cernjachov, que tem, na sua base, os contactos entre os povos que invadiram a região da Dácia e os romanos, e que consolidaram as diferentes tribos godas, Kulikowski, M. (2007), pp. 98-99.

<sup>75</sup> Após conflitos com o imperador Diocleciano. Wolfram, H. (1988), p. 24.

<sup>76</sup> «*pars Gothorum*», Kulikowski, M. (2007), p. 31.

<sup>77</sup> Wolfram, H. (1988), pp. 24-25.

<sup>78</sup> Kulikowski, M. (2007), p. 100.

<sup>79</sup> Os tervingos liderados por Atanarico ajudaram o usurpador Prócopio contra o imperador do Oriente Valente. Idem, *ibidem*, pp. 114-116.

<sup>80</sup> A conversão do godo Úlfilas ao Arianismo, em 341, iniciou o processo de cristianização de grande parte das tribos tervíngas. Idem, *ibidem*, pp. 107-111.

<sup>81</sup> Sozom. *Hist. eccl.* VII. 38; Zos. IV.

<sup>82</sup> Giménez, I (2012), p. 15.

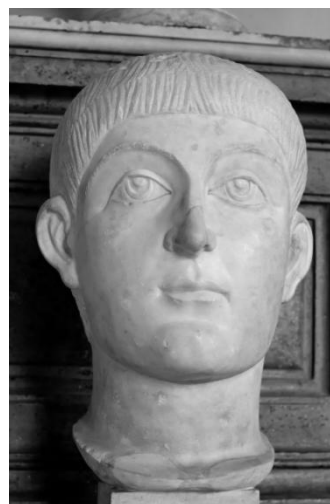
<sup>83</sup> Amm. Marc. XXXI. 4. 1-2.

A complicada travessia do rio Danúbio e a fome e o tratamento dado pelos oficiais romanos comandados por Lupicino e Máximo, forçou a rebelião por parte dos tervingos de Fritigerno, em 376<sup>84</sup>. A revolta rapidamente se espalhou ao resto da Trácia, com as forças tervíngias a pilharem tudo o que podem e a aumentarem os efectivos com antigos escravos, fugitivos e desertores romanos<sup>85</sup>. Durante dois anos, Fritigerno, conseguiu escapar e derrotar as forças romanas enviadas pelo imperador. Sem ver qualquer resultado, Valente toma a iniciativa e marcha com um forte exército desde Antioquia<sup>86</sup> até Adrianopla<sup>87</sup>.

Na manhã de 9 de Agosto de 378, os tervingos de Fritigerno, apoiados pelos greutungos, que entretanto atravessaram o Danúbio, defrontam e derrotam as forças do Império do Oriente<sup>88</sup>. Entre as inúmeras baixas romanas encontra-se o imperador Valente. Depois de Adrianopla, os godos ficaram sem qualquer tipo de oposição.

É, neste contexto, que surge a problemática sobre o tratado de 382 e a definição destes godos moldados por anos de rebelião. Com o desastre de Adrianopla, tornou-se evidente para o novo imperador Teodósio<sup>89</sup> que era necessária uma nova reserva de homens para reconstruir o exército do Oriente e viu nos godos tervíngios essa mesma reserva<sup>90</sup>.

A situação também era complicada para o lado godo: viram-se novamente pressionados e bloqueados num terreno hostil e complicado<sup>91</sup> por pequenos grupos de



**Figura 01** - Busto do imperador Valente. [Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Valens>] <sup>ns</sup>

<sup>84</sup> Amm. Marc. XXXI. 5. 1-9; o comandante Lupicino, numa tentativa para enfraquecer os tervingos, convidou Fritigerno para um banquete na cidade de Marcianopla. Desconhece-se o que realmente aconteceu, mas os rumores de uma tentativa de assassinato por parte de Lupicino originou a rebelião e a vitória dos godos naquela cidade.

<sup>85</sup> Amm. Marc. XXXI. 6. 1; é o caso de dois oficiais godos, Suerido e Colias, do exército romano.

<sup>86</sup> Amm. Marc. XXXI. 12. 1-3.

<sup>87</sup> Atual Edirne, na Turquia.

<sup>88</sup> Amm. Marc. XXXI. 13. 1-19. Esta batalha é um dos principais estudos de caso para a Antiguidade Tardia, mas ainda há muitas questões sobre como foi possível aos godos derrotarem o, teoricamente, melhor preparado exército romano. MacDowall, S. (2010), pp. 108-120; Eisenberg, R. (2009).

<sup>89</sup> Com a morte do imperador Valente, o general Flávio Teodósio foi promovido a *Magister Militum* e enviado para a Trácia por Graciano para reprimir a revolta goda. Após a vitória contra os Sarmatinos na região da Panónia, Teodósio é aclamado Augusto do Oriente a 19 de Janeiro de 379. Williams, S. & Friell, G. (1998), p. 12.

<sup>90</sup> Eadem, *ibidem*, pp. 76-77.

forças rapidamente organizadas por Teodósio, numa tentativa do lado romano de os enfraquecer e ganhar tempo. Este facto leva à quebra da unidade criada anos antes<sup>92</sup>. Aliada à dificuldade das forças godas está a ausência de qualquer referência aos antigos líderes como Fritigerno e Alavivo após o ano de 380<sup>93</sup>, o que, a nosso ver, indica uma perda de capacidade por parte dos rebeldes tervíngios.

O pagão Atanarico, líder dos godos tervíngios que ficaram a norte do rio Danúbio, reaparece relatado nos textos antigos. Em Janeiro de 381, este líder dirige-se para Constantinopla onde é recebido pelo imperador Teodósio<sup>94</sup>. Depois de fugir do seu reino e à beira da morte, Atanarico e os seus homens aceitaram a admissão como «federados» por parte do Império do Oriente<sup>95</sup>. O líder tervíngio morre pouco tempo depois em Constantinopla.

Apesar da admissão de Atanarico como federado romano, este tratado não era extensível aos restantes tervíngios revoltosos presentes no território romano, e que tinham anteriormente sido perseguidos por Atanarico e fugido dos avanços hunos em 374. Portanto, Teodósio, ainda tinha que resolver o problema da revolta. No ano de 382, o orador e filósofo Temístio já preparava o caminho para a paz, afirmando que era melhor encher a Trácia com agricultores de origem goda do que com mortos<sup>96</sup>. Tal aconteceu a 3 de Outubro.

Desconhece-se por completo o teor do tratado<sup>97</sup>, ou sequer se existiu algum<sup>98</sup>. No entanto, existem relatos contemporâneos de retóricos, que indicam o que poderá ter acontecido. Sinésio afirma que foram dadas terras aos godos. Pacato relata que os godos se tornaram agricultores, e Temístio fala da transformação de espadas em arados e situa os novos agricultores na região da Trácia<sup>99</sup>.

---

<sup>91</sup> Como podemos ver hoje em dia, as actuais Bulgária e a parte europeia da Turquia são um território de revelo irregular.

<sup>92</sup> Halsall, G. (2007), p. 183.

<sup>93</sup> Idem, *ibidem*, p. 182; Kulikowski, M. (2007), p. 152.

<sup>94</sup> Halsall, G. (2007), p. 181.

<sup>95</sup> Oros. VII 34. 6–7 «*foedus cum Athanarico gothorum rege percussit*»; Jord. XXVIII; Williams, S. & Friell, G. (1998), p. 77.

<sup>96</sup> Kulikowski, M. (2007), p. 152.

<sup>97</sup> Idem, *ibidem*, p. 152; Williams, S. & Friell, G. (1998), p. 76.

<sup>98</sup> A existência de um tratado é rejeitada por alguma historiografia da época. Para Guy Halsall, não se trata de um simples tratado de *foedus*, mas várias *deditiones*; Halsall, G. (2007), p. 182. Por outro lado, Peter Heather e Herwig Wolfram defendem a existência deste tratado.

<sup>99</sup> Kulikowski, M. (2007), p. 152.



**Figura 02** - Estátua do imperador Teodósio I, o último líder de um Império Romano unificado. [Disponível em: <http://imperiioroma.blogspot.pt/2009/11/t-eodosio-i.html>]

É complicado saber realmente o que realmente aconteceu nos finais do ano de 382, sendo as únicas fontes exercícios de retórica pró-imperial e de defesa do novo imperador Teodósio. No início de 383, Temístio discursa na corte imperial de Teodósio, onde afirma que a guerra foi dura e a rendição goda um alívio<sup>100</sup>. No meio de toda a propaganda, assim se demonstra claramente que os romanos estavam cansados da guerra<sup>101</sup>, mas que os godos se rendem.

Certo é que a guerra entre romanos e godos tervíngios terminou sem uma clara vitória para um dos lados. Pode-se afirmar que a rendição goda é um sinal de vitória romana, mas por outro lado a perda do imperador Valente e a ausência de medidas castigadoras sobre os godos diminuem muito tal vitória. Também não se pode afirmar que foi uma vitória goda. A região da Trácia retomou a sua integridade fiscal e as fortificações foram reconstruídas, o que indica total controlo por parte dos romanos<sup>102</sup>, mesmo com a suposta semi-independência goda.

Assim sendo, e tendo em conta estes dados, devemos questionar a tese do tratado, do *foedus*, que alguns autores defendem<sup>103</sup>. Mesmo com os precedentes sobre o *foedus* entre o Augusto do Ocidente, Graciano (r. 375-383), e os godos greutungos liderados por Safráx e Alateu em 380, e que foram colocados na região da Panónia<sup>104</sup> e, ainda, da admissão de Atanarico em 381, não podemos transpor o mesmo cenário para os rebeldes. Ao contrário dos anos anteriores, as referências sobre a liderança tervíngia, em 382, são inexistentes.

<sup>100</sup> Halsall, G. (2007), p. 183.

<sup>101</sup> Os trabalhos arqueológicos da cidade romana de *Nicopolis ad Istrum* demonstraram um aumento de casas ricas dentro das muralhas durante os finais do século IV e inícios do século V, o que demonstra uma fuga dos campos por parte dos senhorios. Heather, P. (2006), p. 186.

<sup>102</sup> Idem, *ibidem*, p. 183

<sup>103</sup> Herwig Wolfram constrói uma hipótese sobre este tratado na sua obra *História dos Godos*. Wolfram, H. (1988), pp. 133-134.

<sup>104</sup> Williams, S. & Friell, G. (1998), p. 76.

Temístio refere a rendição de vários líderes e chefes aquando da assinatura do tratado de paz sem nunca referir o nome de algum<sup>105</sup>. Isto indica que foi uma rendição de vários grupos godos rebeldes e não a capitulação de uma força unificada. Portanto, se tivesse existido um *foedus*, este tinha de ser com cada chefe godo, o que é um pouco difícil de conceber.

Quer tenha sido um *foedus* ou diversas *deditiones*<sup>106</sup>, certo é que os godos rebeldes, foram finalmente acolhidos dentro do Império, algo que desejavam desde do ano de 376. Alguns tornaram-se agricultores na região da Trácia e da Mésia e outros foram recrutados para o exército oriental de Teodósio que pode assim reconstruir as suas forças. A presença de godos na liderança das unidades regulares romanas e como tropas auxiliares nas campanhas de Teodósio contra o usurpador Máximo, em 388, e Eugénio, em 394, aceleram o processo de transformação destes godos<sup>107</sup>.

Agora já não eram as simples tribos tervíngias cristãs à procura de hospitalidade imperial, mas uma amálgama de godos: escravos e desertores que foram forçados a seis anos de combate contra o Império Romano. Posteriormente, serão integrados no interior do Império como agricultores e soldados. Estará aqui a génese dos grupos que chamamos visigodos?

---

<sup>105</sup> Heather, P. (2006), p. 182.

<sup>106</sup> Já referido na nota 98.

<sup>107</sup> Kulikowski, M. (2007), p. 153; Williams, S. & Friell, G. (1998), p. 76.



## 2. O BALTHVS ALARICO: ESTRUTURA FAMILIAR

«The contempt of the Goths for the Romans soon increased, and for fear their valor would be destroyed by long peace, they appointed Alaric king over them. He was of famous stock, and his nobility was second only to that of the Amali, for he came from the family of the Balthi, who because of their daring valor had long ago received among their race the name Baltha, that is, The Bold.»<sup>108</sup>

A 28 de Agosto de 388, o exército do Império do Oriente defrontou e derrotou as forças ocidentais do usurpador Magno Máximo (r. 383-388)<sup>109</sup>, junto ao rio Sava, na actual Croácia<sup>110</sup>. As situações de usurpação e de guerra civil eram frequentes neste período tardio do Império Romano. Os conflitos que opuseram Teodósio e Máximo não foram excepção. No entanto, constituíram o primeiro grande teste ao novo exército de Teodósio, após o tratado de paz de 382. Aqueles que até seis anos antes tinham combatido contra os romanos de Teodósio eram agora seus companheiros de armas e aliados.

Magno Máximo, conde da longínqua Britânia, conhecia essa «fraqueza» das forças do Império do Oriente. Quando Teodósio preparava as suas legiões para defrontar Máximo, recebe uma mensagem de que Máximo tinha convencido uma parte das forças «bárbaras» a desertar em troca de grandes recompensas<sup>111</sup>. Ao tomarem conhecimento de que o imperador Teodósio sabia desse plano, os desertores fugiram e esconderam-se nas florestas e pântanos da Macedónia<sup>112</sup>.

Este grupo de desertores pilhou a Macedónia e a Tessália durante a estadia de Teodósio na Itália e reapareceu depois da derrota de Máximo, provavelmente no ano 391, no momento em que o imperador estava de regresso à sua corte, em Constantinopla. A par

---

<sup>108</sup> Jord. XXIX.

<sup>109</sup> Oros. VII 34. 10; Sozom. *Hist. eccl.* V. 13; Theod. *Hist. eccl.* V. 12; Zos. IV. 35. O *comes* da Britânia Magno Máximo auto-proclama-se Augusto na primavera de 383. A 23 de Agosto do mesmo ano, capturou e executou o Augusto do Ocidente, Graciano, abandonado pelas suas forças. O território ocidental do Império Romano fica, agora, sob o controlo de Máximo, Curran, J. (2007), p. 105; Halsall, G. (2007), p. 186.

<sup>110</sup> Zos. IV. 45. Curran, J. (2007), p.107.

<sup>111</sup> Zos. IV. 43 «*When all things were prepared for his journey, he was informed that the Barbarians, who were mixed with the Roman legions, had been solicited by Maximus with the promise of great rewards if they would betray the army*». Gibbon, E. (1906a), p. 337; Wolfram, H. (1988), p.136.

<sup>112</sup> Zos. IV. 43.

desta situação, o imperador e o exército do Oriente conseguiram empurrar os desertores novamente para os pântanos<sup>113</sup>.

As fontes que relatam este incidente são omissas acerca do destino do grupo de bárbaros desertores após a escaramuça com Teodósio. Contudo, o poeta Claudiano parece relatar este conflito, no qual o imperador Teodósio é travado por um grupo de godos, enquanto tentava atravessar o rio Hebrus<sup>114</sup>, actual rio Maritsa na Bulgária.

O mais importante nestes relatos de Claudiano não é a confirmação daquele confronto após o tratado de 382, mas a quem o poeta atribuiu a chefia do grupo que emboscou o imperador. É, com este incidente, que aparecem os primeiros relatos sobre aquele que veio a tornar-se no líder dos visigodos: Alarico<sup>115</sup>.



**Figura 03** - Ilustração de Alarico, chefe dos visigodos. [Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/history/ancient/romans/enemies\\_gallery\\_01.shtml](http://www.bbc.co.uk/history/ancient/romans/enemies_gallery_01.shtml)]

O aparecimento de Alarico demonstra, em plenitude, as mudanças originadas com o tratado de 382 e o estabelecimento dos godos no interior do território romano. Natural da antiga ilha de Peuce, no delta do rio Danúbio<sup>116</sup>, o futuro chefe godo integra uma das últimas gerações que ainda

nasce no seio das tribos tervíngias, antes da migração para o interior do Império. Apesar de não se conhecer a data de nascimento de Alarico, o facto de o encontrarmos a comandar um grupo de desertores, em 391, e ao mesmo tempo ser acusado de possuir uma juventude irrequieta em 401<sup>117</sup>, permite considerar que o seu nascimento poderá ter ocorrido por volta do ano de 370<sup>118</sup>.

<sup>113</sup> Zos. IV. 48-49.

<sup>114</sup> Claud. *de bello Get.* 524 «*tot Augustos Hebro qui teste fugavi*»; Claud. *de VI cons. Hon.* 107. 8. «*Thracum venienti e finibus alter Hebri clausit aquas*».

<sup>115</sup> Devemos ter em conta que estas referências surgem num contexto em que Estilício procurava esmagar a revolta de Alarico, já depois da morte de Teodósio. Claud. *de bello get.* 524; Claud. *de VI cons. Hon.* 107; Wolfram, H. (1988), pp. 133-134.

<sup>116</sup> Claud. *de bello Get.* 81 «*patrii... Histri*»; Claud. *de VI cons. Hon.* 105-6 «*Alaricum barbara Peuce nutrierat*».

<sup>117</sup> Claud. *de bello Get.* 498 «*calidae rapuit te flamma iuventae*».

<sup>118</sup> Henry Bradley refere que Alarico não tinha muito mais do que vinte anos quando iniciou a sua revolta em 395; Bradley, H. (1891), p. 85.

Alarico foi, provavelmente, uma das muitas crianças que integravam o grupo de tervingos de Fritigerno. Os mesmos que atravessaram o rio Danúbio em busca de segurança, no ano de 376. Como outros da sua idade, moldados pelos acontecimentos entre os anos de 376 a 382, Alarico entrou para o exército romano, onde procurou fazer carreira militar. As primeiras referências sobre o jovem Alarico são, precisamente, em contexto militar. Quer a fazer parte de um grupo de desertores das forças de Teodósio<sup>119</sup>, quer como líder de auxiliares godos e como subcomandante romano, presente ao lado de Teodósio, contra a usurpação de Eugénio, em 394<sup>120</sup>.

Alarico encontra-se envolto por construções propagandísticas que, ainda hoje, são assunto de discussão. Descrito como oriundo de uma casta famosa, o chefe godo era referido na linhagem nobre dos *Balthi*, só precedida pela linhagem *Amal* dos reis ostrogodos<sup>121</sup>. Devemos analisar esta descrição de maneira criteriosa e por partes.

Em primeiro lugar, o nome *Alaricus* é uma forma latina do godo *Alhreiks*<sup>122</sup>, ou *Alareiks*<sup>123</sup>. O elemento *-reiks* pode levantar algumas questões, pois *reiks* é a designação usada para os chefes tribais godos<sup>124</sup>. No entanto, é difícil atribuir qualquer importância acrescida ao nome de Alarico. Nenhuma das fontes coevas se referem a este aspecto.

Também ausente dos textos antigos está qualquer referência aos antepassados de Alarico. Mas os historiadores Wolfram e Wenskus chamam a atenção para o facto de o nome Alarico partilhar um elemento dos nomes dos líderes tervíngios Ariarico e Atanarico<sup>125</sup>, ou do comandante Alavivo<sup>126</sup>. No entanto, Wolfram é contraditório na sua tese. Primeiro defende que Alarico é filho de Alavivo, mas, depois, tenta construir uma linhagem destes Ariarico e Atanarico que os ligue a Alarico. Como referimos atrás, o chefe Atanarico representava a parte tervíngia que se manteve pagã a norte do Danúbio, enquanto Alavivo liderava, em conjunto com Fritigerno, os tervingos arianos durante a migração de 376. Poderão, por isto, não pertencerem todos à mesma família?

---

<sup>119</sup> Wolfram, H. (1988), pp. 136.

<sup>120</sup> Zos. V 5; Jord. XXVIII-XXIX.

<sup>121</sup> Jord. XXIX.

<sup>122</sup> Bradley, H. (1891), p. 85.

<sup>123</sup> Heather, P. (1999), (p. 57).

<sup>124</sup> Wolfram, H. (1988), p. 136. O trabalho de Henry Bradley termina com uma listagem de palavras godas, *Alh+reiks* significa «Líder dos Templos». Bradley, H. (1891), p. 369.

<sup>125</sup> Wolfram, H. (1988), pp. 64-65.

<sup>126</sup> Idem, *ibidem*, p. 33.

Peter Heather acrescenta mais dados em oposição à tese de Wolfram, nos quais afirma que o nome godo *Alareiks* não é proveniente de Ariarico, Atanarico ou Alavivo. Acrescenta que não existem quaisquer documentos que indiquem a aliteração de nomes nas casas reinantes godas. Para Heather, não existe qualquer ligação entre as lideranças tervíngias e o surgimento do líder visigodo, Alarico<sup>127</sup>.

É preciso ter em conta que as informações que ligam Alarico à linhagem nobre dos *Balthi* surgem apenas no século VI, com Cassiodoro a estabelecer as relações *Amal*/Ostrogodos e *Balthi*/Visigodos, que Jordanes reproduz na sua obra<sup>128</sup>. Neste período já estavam bem implementados os reinos visigodo e ostrogodo, logo tornava-se necessário exaltar as famílias reinantes, acrescentando-as como descendentes de antigos chefes godos anteriores ao seu estabelecimento dentro do *limes* romano.



**Figura 04** - Estátua de Ataúlfo, cunhado de Alarico e rei dos visigodos. [Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Ataulf>]

Novamente surgem teses diferentes sobre a importância do relato de Jordanes. Apesar de qualquer ligação dinástica entre tervíngios e visigodos estar posta de lado, Wolfram defende que são essas famílias nobres godas que estruturam a entidade dos visigodos<sup>129</sup>. Heather recusa essa ideia. Justifica que qualquer traço de nobreza goda foi perdida durante a migração, a rebelião e o estabelecimento dos tervíngios<sup>130</sup>. Colocamo-nos no campo defendido por Heather. Uma migração atribulada, como foi a dos godos tervíngios, somada à posterior revolta, onde a sobrevivência era o mais importante e, com a fixação dos godos na Trácia, leva ao corte com as linhagens antigas. É de ter em conta, também, que estes tervíngios já estavam em fuga por causa das purgas realizadas, entre eles, por Atanarico.

É possível que este contexto afaste Alarico de um passado dinástico, que provavelmente não era o seu, e que decerto não o definia como militar romano e líder visigodo. Contudo, os laços

<sup>127</sup> Heather, P. (1999), p. 57.

<sup>128</sup> Jord. V. Contudo, Jordanes também refere que, antes da chegada dos Hunos, os Ostrogodos e os Visigodos eram governados por reis da linhagem ostrogoda *Amal*, demonstrando algumas das construções dinásticas criadas por Cassiodoro e por Jordanes; Jord. XVII.

<sup>129</sup> Wolfram, H. (1988), pp. 29-33.

<sup>130</sup> Heather, P. (1999), pp. 55-56.

familiares que criou, durante a sua vida, foram fundamentais para a construção da unidade visigoda. Em especial, o casamento com uma irmã do seu braço direito, Ataúlfo<sup>131</sup>. O visigodo Ataúlfo (r. 410-415) foi um aliado importante, sempre ao lado do seu comandante, mesmo quando discordava da atitude prudente de Alarico. Este apoio permitiu a eleição de Ataúlfo para «rei», e para a criação de um reino visigodo, após a morte de Alarico, dando os primeiros passos para o estabelecimento do seu povo nas regiões da Aquitânia e da Hispânia.

O papel da irmã de Ataúlfo é quase nulo nos relatos, aparecendo só referenciada quando foi capturada após uma batalha entre Alarico e o exército ocidental dos romanos<sup>132</sup>. No entanto, é o fruto deste casamento que se tornou em mais um tópico de debate para a construção da história dos Visigodos, e que liga Alarico ao rei Teodorico I dos Visigodos (r. 418-451). Durante muito tempo considerou-se que Teodorico era filho de Alarico<sup>133</sup>. Essa hipótese ainda é usada nos dias de hoje, mas com pouca fundamentação. Surgiu, contudo, uma nova tese que defende que a ligação entre os dois líderes visigodos não é de sangue, mas de casamento. Teodorico casou com uma filha de Alarico<sup>134</sup>.

Isto não implica que exista qualquer continuidade dinástica entre Alarico e o reino visigodo de Teodorico I, já que a liderança do povo visigodo passou pelas mãos de Ataúlfo, Sigerico e Vália (r. 415-418)<sup>135</sup>, antes do reinado de Teodorico<sup>136</sup>. É a Teodorico I que se reconhece a fundação da dinastia de Tolosa<sup>137</sup>, que domina o trono visigodo durante um século.

Fora destas questões familiares, o papel da religião é importante para a caracterização da personagem Alarico. O líder godo era cristão ariano, tal como a grande maioria dos tervingos que procuraram segurança dentro do Império Romano. Desconhece-se qual a importância que o arianismo teve durante os primeiros anos da sua vida, mas foi como líder rebelde que pudemos observar o quanto a religião foi importante para as suas decisões, na construção da sua imagem pelos autores tardios.

---

<sup>131</sup> Zos. V 37; Oros. VII 40. 2; Olimp. fr. 10.

<sup>132</sup> Gibbon, E. (1906b), p. 155.

<sup>133</sup> Gibbon, E. (1906a).

<sup>134</sup> Peter Heather defende esta posição por causa de um discurso panegírico que representa o filho de Teodorico I, Tormusido, como filho de Alarico por meio de casamento. Heather, P. (1999), p. 58.

<sup>135</sup> Oros. VII 40.

<sup>136</sup> Wolfram, H. (1988), p. 33.

<sup>137</sup> Actual Toulouse, capital do reino de Teodorico.

Após a revolta de Alarico, as suas forças invadiram a Grécia, em 395. Pilharam diversas cidades e destruíram monumentos e templos pagãos<sup>138</sup>. Apesar das tentativas anteriores feitas pelo imperador Teodósio I, de acabar com a prática pagã no seio do Império Romano<sup>139</sup>, a cultura grega ainda mantinha muitos dos seus traços pagãos e templos dedicados às divindades pré-cristãs. Foi essa Grécia que as forças de Alarico encontraram e, sem qualquer ligação àquele passado, não tiveram problemas em pilhar e destruir o que se opunha às suas crenças. Mas o que levou à definição de Alarico, como um cristão devoto e misericordioso, por parte dos autores cristãos, foi a intervenção que o líder fez para parar a pilhagem de igrejas, durante o Saque de Roma, em 410<sup>140</sup>.

Defendemos que as origens tervíngias e arianas foram relevantes para a educação e para as decisões que Alarico tomou durante a sua vida, suportando também que as teses que ligam o chefe visigodo a uma nobreza tervíngia são muito ténues. Mais do que um antigo tervingo, Alarico é a representação primacial dos godos que se afirmaram politicamente com o tratado de 382, e que estão no limiar de um novo período de transformação.

---

<sup>138</sup> Wolfram, H. (1988), p. 141.

<sup>139</sup> Theod. *Hist. eccl.* V. 20.

<sup>140</sup> Oros. VII 39. 1-15; Sozom. *Hist. eccl.* IX. 6.

### 3. SOLDADOS REBELDES, COMANDANTES NO IMPÉRIO

«When Rufinus had concerted these infamous devices, he discovered that Alaric became seditious and disobedient to the laws, for he was displeased that he was not entrusted with the command of some other military forces besides the Barbarians, which Theodosius had allotted to him when he assisted in the deposition of the usurper Eugenius.»<sup>141</sup>

Com a derrota e morte do usurpador Magno Máximo, o poder imperial da dinastia valentiniana parecia reestabelecido com a elevação de Valentiniano II (r. 375-392), filho de Valentiniano I e meio-irmão de Graciano, como o único Augusto da parte ocidental do Império no ano de 388<sup>142</sup>. Na realidade, o poder do jovem imperador Valentiniano era praticamente nulo. Teodósio tornou-se no Augusto sénior de todo o Império Romano, com a morte de Graciano, e durante a sua estadia em Itália dominou todo o império, do Ocidente e Oriente. Uma das decisões que influenciaria o rumo dos destinos do Império do Ocidente foi a promoção de Arbogasto, comandante de origens francas e homem de confiança de Teodósio, para *magister militum in praesenti* das forças do Ocidente<sup>143</sup>.

Após a partida de Teodósio para Constantinopla, em 391<sup>144</sup>, a autoridade do general Arbogasto passou a ser absoluta no Ocidente, ignorando, completamente, o jovem imperador Valentiniano II. Começou aqui o choque entre o senhor da guerra Arbogasto e o Augusto Valentiniano. As desavenças entre os dois, com o jovem imperador a exigir respeito pela sua posição, por várias vezes, acabaram tragicamente com a morte do Valentiniano II, a 15 de Maio de 392<sup>145</sup>. Provavelmente, receando a inação inicial por parte de Teodósio após a morte de Valentiniano, e percebendo que a sua origem «bárbara» e a sua posição militar não lhe eram favoráveis à tomada do poder imperial, o general

---

<sup>141</sup> Zos. V 5.

<sup>142</sup> Williams, S. & Friell, G. (1998), p. 90; Curran, J. (2007), p. 108

<sup>143</sup> Zos. IV. 53; Williams, S. & Friell, G. (1998), p. 96; Curran, J. (2007), pp. 108-109.

<sup>144</sup> Zos. IV. 50.

<sup>145</sup> Zos. IV. 54. Oros. VII 35. 10. Segundo as fontes, Valentiniano II foi encontrado morto nos seus aposentos, dando origem a diversas especulações sobre a sua morte, desde suicídio até assassinato, por parte de Arbogasto. Williams, S. & Friell, G. (1998), p. 97, Curran, J. (2007), p. 109.

Arbogasto decidiu elevar o professor de retórica romano, Flávio Eugénio, como novo imperador do Ocidente, a 22 de Agosto de 392<sup>146</sup>.

O reinado de Eugénio (r. 392-394) durou apenas dois anos, durante o qual Arbogasto procurou apoios nas elites pagãs da cidade de Roma. Estes apoios não foram bem vistos pelo cristão convicto Teodósio, criando uma ruptura entre o general Arbogasto e o imperador do Oriente. O culminar da disputa, entre os dois lados do império, aconteceu nos dias 5 e 6 de Setembro de 394, junto ao rio Frígido, actual rio Vipava na Eslovénia, onde as forças orientais de Teodósio derrotam o exército de Arbogasto<sup>147</sup>. O general suicida-se após a derrota e o imperador Eugénio é executado.



**Figura 05** - Batalha de Frígido por Johann Weikhard von Valvasor (1689). [Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Battle\\_of\\_the\\_Frigidus](https://en.wikipedia.org/wiki/Battle_of_the_Frigidus)]

A promoção do «bárbaro» de ascendência franca Arbogasto não foi uma novidade no contexto do exército romano, no século IV<sup>148</sup>. Os comandantes Silvano<sup>149</sup>, Merobauda<sup>150</sup>, Bauto e Ricomero<sup>151</sup>, todos francos, alcançaram o topo da hierarquia militar do exército romano e tiveram forte influência junto das cortes imperiais. No entanto, Arbogasto foi o primeiro «senhor da guerra» a elevar alguém a imperador, sem abdicar do poder e domínio da estrutura imperial, enquanto comandante-em-chefe de todas as forças do Império do Ocidente.

É preciso recuar mais de um século para compreender como foi possível, aos comandantes de origens não-romanas, adquirir tanto poder no seio da estrutura militar e da política imperial. Até ao século III, os cargos militares eram atribuídos a membros de famílias senatoriais por motivos políticos, mas em 262, o imperador Galiano (r. 260-268)

<sup>146</sup> Oros. VII 35. 11-12; Williams, S. & Friell, G. (1998), p. 131.

<sup>147</sup> Oros. VII 35. 13-19; Williams, S. & Friell, G. (1998), p. 131; Curran, J. (2007), p. 109. A batalha do Rio Frígido ficou marcada por um forte cariz religioso relatado pelos autores tardios, associada a um milagre que salvou as forças de Teodósio. Cameron, A. (2011), pp. 93-130.

<sup>148</sup> Halsall, G. (2007), pp. 108-109.

<sup>149</sup> *Magister peditum* de Constâncio II. Jones, A. H. M (1964b), pp. 622-623.

<sup>150</sup> *Magister militum* do imperador Valentiniano I e cônsul durante o reinado de Graciano. Williams, S. & Friell, G. (1998), p. 139.

<sup>151</sup> General sob o comando de Graciano e tio de Arbogasto. Eadem, *ibidem*, p. 114.



vedou-lhes o acesso à carreira militar<sup>152</sup>, o que permitiu às famílias equestres, com longas carreiras militares, ascenderem aos cargos agora vagos<sup>153</sup>. É desta forma que Diocleciano, de origens simples, alcança a púrpura, graças à sua carreira militar.

Nos finais do século III, o imperador Diocleciano (r. 284-305) reforma o Império e, numa das reformas que faz, oficializa a separação entre os ramos civis e militares do serviço imperial. Remove, assim, os comandos das forças romanas dos cargos políticos e administrativos<sup>154</sup>. Depois de Diocleciano, o imperador Constantino (r. 306-337) continuou a reformar a estrutura militar romana, criando os cargos de *magister peditum* e *magister equitum*, comandantes de infantaria e de cavalaria<sup>155</sup>. Com a morte de Constantino e as guerras civis que lhe sucederam, os cargos de *magistri* multiplicaram-se para níveis regionais, criando uma estrutura hierárquica de algum modo confusa<sup>156</sup>.

Graças às mudanças e às reformas na estrutura imperial, o exército tornou-se apelativo aos povos fronteiriços do Império. Quer através do recrutamento directo, quer pela utilização de líderes germanos e francos federados<sup>157</sup>, as forças imperiais entraram numa fase que é designada como «barbarização» do exército romano<sup>158</sup>. É assim que homens de origem bárbara, como Arbogasto, puderam construir carreiras militares e ganhar a confiança junto de outros comandantes romanos e das figuras imperiais, sem nunca ser posta em causa a sua lealdade perante o Império. É, no entanto, com o imperador Teodósio, sobretudo depois da sua morte, que estes generais se tornam em senhores da guerra, em nome do poder imperial.

Ironicamente, a derrota do general Arbogasto e do usurpador Eugénio junto ao rio Frígido, não significou o fim, mas antes o prelúdio de um período no qual o poder militar se sobrepunha ao dos imperadores. Teodósio I morreu a 17 de Janeiro de 395<sup>159</sup> e o Império Romano foi novamente dividido e entregue aos seus dois filhos, Honório (r. 393-423) e Arcádio (r. 395-408)<sup>160</sup>.

---

<sup>152</sup> Richardot, P. (2015), p. 23.

<sup>153</sup> Elton, H. (2009), p. 305.

<sup>154</sup> Halsall, G. (2007), p. 103.

<sup>155</sup> Elton, H. (2009), p. 307; Williams, S. & Friell, G. (1998), p. 58.

<sup>156</sup> Elton, H. (2009), p. 308

<sup>157</sup> Richardot, P. (2015), p. 24.

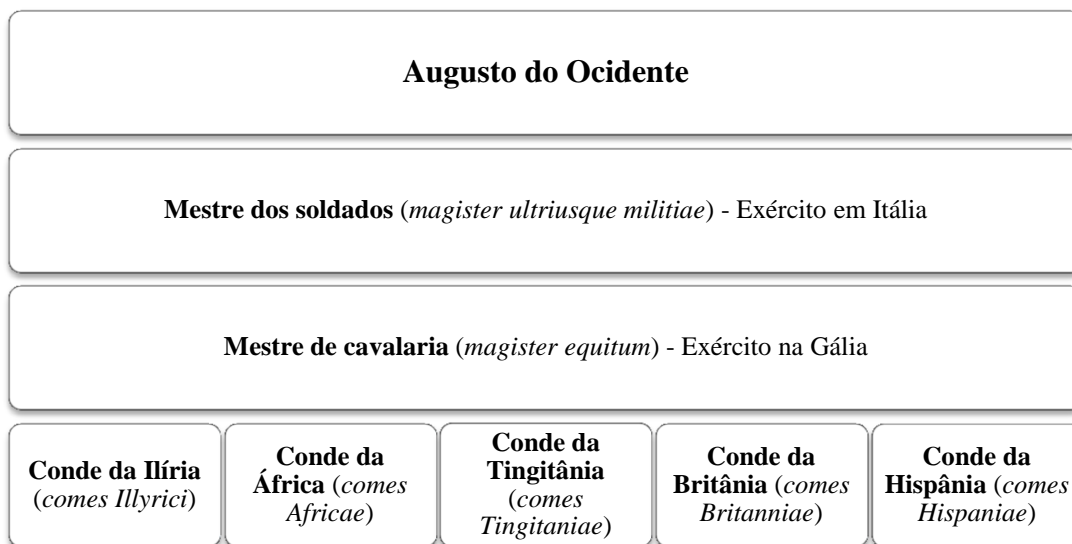
<sup>158</sup> Esta problemática será tratada mais à frente, nesta dissertação, no capítulo «**Godos: uma questão militar**».

<sup>159</sup> Oros. VII 35. 23., Sozom. *Hist. eccl.* VII. 29., Williams, S. & Friell, G. (1998), p. 121.

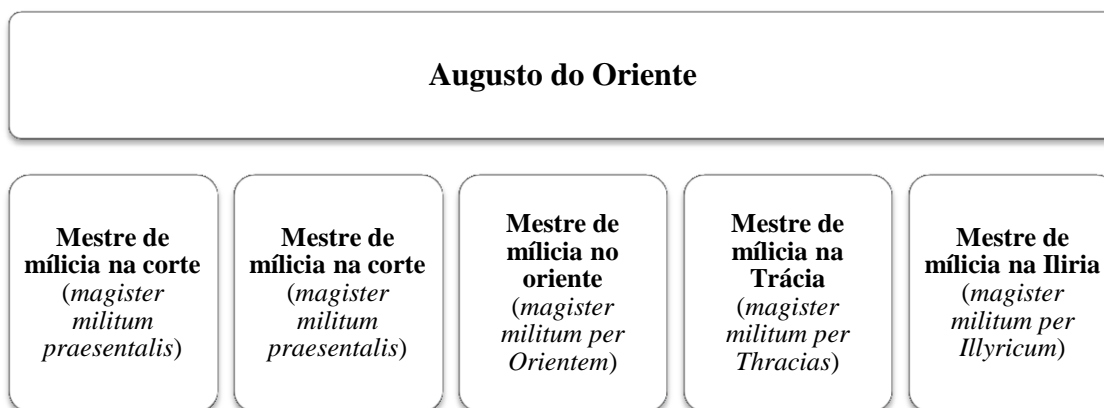
<sup>160</sup> Oros. VII 36. 1., Zos. V I.

**Esquema 01 - Cargos e estruturas de comando do exército romano segundo *Notitia Dignitatum*<sup>161</sup>**

Occidente (c. 410-425)<sup>162</sup>



Oriente (c. 395)<sup>163</sup>



Os dois novos Augustos ainda eram muito jovens para governar os destinos romanos do Ocidente e do Oriente. Por isso, no seu leito de morte, o imperador Teodósio

<sup>161</sup> Goldsworthy, A. (2009), p. 359.

<sup>162</sup> *Not. Dign. Occ.*

<sup>163</sup> *Not. Dign. Or.*

chama o general Estilício, homem do seu núcleo familiar<sup>164</sup> e comandante das forças do Império do Oriente, durante a batalha de Frígido. Teodósio confia-lhe a guarda dos jovens Honório e Arcádio, ficando o *magister militum utriusque militiae*<sup>165</sup> do exército do Oriente, com o governo do Império, em nome dos jovens Augustos<sup>166</sup>.

Tal como Arbogasto, Estilício tinha ascendentes bárbaros. Era filho de um vândalo, oficial de cavalaria romana<sup>167</sup>. As origens do general foram usadas como propaganda negativa pelos seus rivais no Oriente, em especial por Rufino, que tinha uma forte influência sobre o imperador Arcádio<sup>168</sup>, e que toma o controlo da corte oriental, travando as ambições de Estilício de reunificar o Império sobre a sua regência<sup>169</sup>.

Outros militares ganham preponderância neste período. É o caso do general godo Gainas, oficial do exército romano e comandante, ao lado de Teodósio, na batalha de Frígido<sup>170</sup>. Anos depois surgiu o godo Saro, general no exército de Honório, durante e após os eventos da morte de Estilício<sup>171</sup>. No entanto, o grande rival do general Estilício, durante a sua regência do Império do Ocidente, foi Alarico.

Apesar da liderança do grupo de desertores, derrotado após o ataque contra o imperador Teodósio em 391, Alarico reaparece nas fontes, à frente dos contingentes auxiliares godos do exército oriental, durante a batalha do rio Frígido<sup>172</sup>. Mas, nada indica que fosse um comando independente. Afinal, era o general Gainas o seu oficial superior<sup>173</sup>.

Com a vitória de Teodósio sobre as forças «usurpadoras» do Ocidente, Alarico esperava ser reconhecido pelo seu desempenho militar, e a importância dos godos ser valorizada<sup>174</sup>. Mas tal não aconteceu, o que enfureceu o líder godo<sup>175</sup>. Com a morte de Teodósio, em 395, Alarico apercebeu-se da fraqueza da estrutura imperial, e decidiu iniciar

---

<sup>164</sup> Zos. IV. 56; Olimp. fr. 1; Estilício casou-se com Serena, sobrinha de Teodósio, ligando-se à dinastia teodosiana.

<sup>165</sup> Liebeschuetz, W. (2007), p. 482.

<sup>166</sup> Zos. V 3. O general Estilício foi o único que esteve presente no leito da morte de Teodósio, o que pôs em causa as afirmações de Estilício sobre os pedidos do imperador, Blockley, R. C. (2007a), p. 113.

<sup>167</sup> Oros. VII 38. 1; Doyle, C. (2014).

<sup>168</sup> Oros. VII 36. 1; Zos. V II.

<sup>169</sup> Jones, A. H. M (1964b), pp. 1038-1039.

<sup>170</sup> Sozom. *Hist. eccl.* VIII. 4; Zos. IV. 56.

<sup>171</sup> Oros. VII 37. 12, Zos. VI. 2.

<sup>172</sup> Zos. V 5; Jord. XXVIII.

<sup>173</sup> Wolfram, H. (1988), p.138.

<sup>174</sup> Oros. VII 35. 19. Segundo Orósio, dez mil auxiliares godos foram enviados à frente das forças de Teodósio, sendo completamente aniquilados.

<sup>175</sup> Zos. V 5.

uma rebelião contra o Império. Pilha grande parte da Trácia e da Ilíria<sup>176</sup> e invade a Grécia, em seguida<sup>177</sup>.

O líder godo nunca perdeu, contudo, a sua ambição militar romana. Durante a sua estadia na Grécia, manteve contactos com os governos orientais de Rufino<sup>178</sup> e Eutrópio<sup>179</sup>. Conseguiu que estes reconhecessem o seu poder oficialmente, em 397, com o cargo de *magister militum per Illyricum*<sup>180</sup>. Alarico era agora um senhor da guerra legal, com o acesso administrativo às cidades e fábricas da Ilíria romana, território que pilhou anos antes.

Em 401, as forças de Alarico invadem a Itália, dando início ao conflito que opôs o líder godo contra o general Estilício<sup>181</sup>. Desconhecem-se os motivos pelos quais Alarico abandonou a sua posição na Ilíria e marchou para a parte ocidental do Império. Mas mesmo com os sucessos iniciais, durante invasão da Península Itálica, não conseguiu alcançar supremacia sobre o território. Foi sempre derrotado pelas forças ocidentais comandadas por Estilício, e acabou por ser empurrado de Itália, em 403<sup>182</sup>, refugiando-se nos territórios da Dalmácia e da Panónia<sup>183</sup>.

O afastamento de Alarico, por parte das estruturas imperiais romanas, parecia definir cada vez mais o seu papel como senhor da guerra, em busca de melhor vida para o seu povo, e não como o de um antigo responsável militar romano<sup>184</sup>. Ainda assim, Alarico nunca pôs as suas ambições sobre as estruturas imperiais de lado.

Foi Estilício que voltou a trazer Alarico para o seio dos acontecimentos romanos. O regente do Império do Ocidente nunca ficou satisfeito com a perda de influência perante a corte de Arcádio e, por isso, organizou um plano para tomar a prefeitura da Ilíria ao controlo do Oriente. Depois de derrotar a invasão goda de Radagásio, em 405<sup>185</sup>, Estilício contacta Alarico e os dois elaboram um pacto secreto para atacar o Império do Oriente<sup>186</sup>.

---

<sup>176</sup> Claud. *in Ruf. II* 36 fr.; Claud. *de bello Get.* 164-193; Zos. V 5.

<sup>177</sup> Zos. V 5.

<sup>178</sup> Zos. V 5-9.

<sup>179</sup> Claud. *de bello Get.* 496-7.

<sup>180</sup> Wolfram, H. (1988), p.142-143.

<sup>181</sup> Claud. *de bello Get.* 151-153; Oros. VII 37. 2.

<sup>182</sup> Claud. *de bello Get.* 77-79; Wolfram, H. (1988), pp. 152-153.

<sup>183</sup> Sozom. *Hist. eccl.* VIII. 25; Sozom. *Hist. eccl.* IX. 4.

<sup>184</sup> Oros. VII 38.

<sup>185</sup> Oros. VII 37. 4-16; Zos. V 26.

<sup>186</sup> Oros. VII 38. 1; Zos. V 26.

Promovido a *comes Illyrici*<sup>187</sup>, pelo imperador Honório em 407, Alarico é integrado, novamente, dentro da estrutura militar romana, com promessas de pagamento feitas pelos dignitários imperiais em Ravena. Todavia, a usurpação de Constantino III (r. 408-411) na Gália<sup>188</sup>, a morte de Arcádio e o assassinato de Estilício<sup>189</sup> travaram as pretensões do pacto firmado entre Alarico e Estilício.

Repetiu-se o sucedido em 395. Alarico voltou a ver as promessas feitas e as suas ambições imperiais recusadas pelos agentes do Império<sup>190</sup>, e o líder godo revoltou-se mais uma vez. Itália foi de novo invadida pelos godos de Alarico, e Roma foi o alvo escolhido para forçar a aceitação das medidas propostas pelo líder godo.

Durante três anos, o senhor da guerra Alarico tenta negociar com o imperador Honório, mas as negociações são sempre frustradas por agentes da corte imperial do ocidente<sup>191</sup>. O domínio de Alarico, em Itália, neste momento, é tal que lhe foi proposto pelo embaixador de Honório o lugar que pertencera a Estilício: *magister militum* do Império do Ocidente, em troca de menos pagamentos por parte do Império<sup>192</sup>. O imperador Honório terá, contudo, recusado quaisquer propostas. Alarico cerca a cidade de Roma e, como Arbogasto, duas décadas antes, proclama o romano Prisco Átalo como novo Augusto em Roma<sup>193</sup>.

Apesar de ter um imperador sobre sua alçada e de alcançar finalmente a posição de *magister militum*, isto não foi suficiente para forçar o reconhecimento por parte de Honório. Os embaixadores de Alarico são atacados perto de Ravena pelo general de Honório, o godo Saro<sup>194</sup>. Terminam as esperanças de Alarico conseguir conjugar as suas ambições «romanas» e os desejos do seu povo de pilhar a cidade de Roma. O líder godo morre poucos meses depois do saque de Roma, em 410<sup>195</sup>.

Os relatos sobre as constantes mudanças de atitude de Alarico, ora como líder rebelde, ora como militar romano, demonstram, claramente, as transformações que estavam

---

<sup>187</sup> Sozom. *Hist. eccl.* VIII. 25. «Conde dos Ilíricos», o que significava general das forças romanas da Ilíria.

<sup>188</sup> Blockley, R. C. (2007a), pp. 431-432.

<sup>189</sup> Oros. VII 38. 5.

<sup>190</sup> Zos. V 36; Sozom. *Hist. eccl.* IX. 6. Honório recusou as propostas de paz de Alarico e pagar o prometido aos godos.

<sup>191</sup> O caso de Olímpio, que está por detrás da execução de Estilício.

<sup>192</sup> Zos. V 48; Sozom. *Hist. eccl.* IX. 7.

<sup>193</sup> Zos. VI. 7; Sozom. *Hist. eccl.* IX. 8; Olimp. fr. 3; Oros. VII 42. 7.

<sup>194</sup> Zos. VI. 12-13; Sozom. *Hist. eccl.* IX. 8-9.

<sup>195</sup> Olimp. fr. 10; Jord. XXX.

a ocorrer na parte final do Império Romano, onde generais e comandantes revoltosos não procuravam a púrpura imperial, mas antes o poder militar para impôr as suas ambições.

É provável que as origens bárbaras destes militares fossem fulcrais na decisão de nunca terem ambicionado o cargo imperial, já que continuaram a aparecer generais romanos usurpadores no mesmo período. Mas o certo é que militares como Arbogasto, Estilício e Alarico tiveram uma importância maior do que os imperadores que juraram defender. Só nos resta perceber o que terá sido mais preponderante para o comandante foradalei Alarico: a sua ambição de se tornar num general do Império Romano ou o seu lugar como chefe dos visigodos.

#### 4. ALARICO: CHEFE DOS VISIGODOS

«Now when this Alaric was made king, he took counsel with his men and persuaded them to seek a kingdom by their own exertions rather than serve others in idleness.»<sup>196</sup>

Os quinze anos de sucessivas revoltas e obtenção de cargos romanos permitiram que Alarico ganhasse um grande prestígio e um poder emergente de «fora-da-lei» dentro do Império Romano, e fosse temido pelas figuras da estrutura imperial. Tal deveu-se, em grande parte, às forças militares que juntou e organizou, moldando os vários grupos descontentes de godos, resultantes do tratado de 382, escravos e desertores romanos, e outras forças bárbaras que entretanto tinham atravessado o *limes* do Império, como um só «povo»: os visigodos.

Todavia, ao contrário do papel que já foi apontado a Alarico, em relação aos assuntos políticos e militares do Império Romano, é praticamente omissa a real posição de

liderança junto dos seus homens e da sua gente. Surgem assim duas questões: que titulações de chefia o líder godo poderá ter tido, e que importância Alarico teve na génese do futuro reino visigodo.

Para responder a estas questões, é preciso recuar várias décadas e olhar para os territórios dominados pelas chefaturas tervíngias no baixo Danúbio, antes das migrações para o interior do Império Romano, para as quais existem várias fontes de informação. A Bíblia do godo Úlfilas<sup>197</sup> é essencial para o conhecimento do mundo godo, pois para além da tradução da Bíblia para a língua goda, Úlfilas introduz um vocabulário de palavras godas e de relações de parentesco, em



**Figura 06** - Bíblia do bispo godo Úlfilas.  
[Disponível em:  
[https://en.wikipedia.org/wiki/Gothic\\_Bible](https://en.wikipedia.org/wiki/Gothic_Bible)]

<sup>196</sup> Jord. XXIX.

<sup>197</sup> Theod. *Hist. eccl.* IV. 33; Sozom. *Hist. eccl.* VI. 37. Bispo godo que trabalhou como missionário junto do seu povo, tendo sido depois forçado a fugir das perseguições pagãs do chefe godo Atanarico. Formou um núcleo godo ariano junto ao Danúbio.

conjunto com a utilização do latim e do grego, para a explicação sobre os cargos administrativos organização militar dos vários grupos godos<sup>198</sup>.

O relato da vida de São Sabas, o Godo, mostra o confronto do santo mártir com as autoridades tervíngias pagãs, a sua fuga, captura e morte<sup>199</sup>. Através da narrativa de Sabas, é possível perceber os conflitos entre as chefaturas pagãs e cristãs godas, nos quais poucos anos depois emerge o ariano Fritigerno. E é possível apreender um pouco da organização administrativa dos tervingos. Como, por exemplo, que um líder de um bando de homens apenas controlava um pequeno território, com aldeias, e não podia intervir nos assuntos de outros territórios<sup>200</sup>.

A última peça para compreender a estrutura de liderança tervíngia é a emergência do chefe Atanarico como *iudex*<sup>201</sup>. É curiosa a titulação de Atanarico, pois aponta para uma liderança ao nível legal perante as autoridades romanas e não apenas como chefatura hierárquica dos vários grupos tervíngios.

Sendo assim, tendo em conta estes dados, o historiador alemão Herwig Wolfram estruturou os povos tervíngios, de acordo com os seguintes pontos<sup>202</sup>:

- Os tervingos encontravam-se divididos em vários *kunja* (grupos, *kuni* no singular) e eram liderados por *reiks* (chefes tribais).
- Em situações de política comum entre as tribos tervíngias, era reunido um conselho tribal constituído pelos *reiks*, *sinistans* e *maistans* (representantes) de cada *kuni*.
- Nos casos de necessidade para lidar com assuntos internos e externos graves, o conselho reactivava uma espécie de cargo monárquico, o juiz dos chefes tribais. O juiz passava a representar toda a confederação tervíngia, mas sem nunca poder sair do território da confederação.

Certo é que a pressão hunica e a migração tervíngia para o interior do Império Romano mudaram a estrutura de liderança dos godos. O *reik* ariano Fritigerno revoltou-se

---

<sup>198</sup> Burns, T. S. (2015), p. 51.

<sup>199</sup> Kulikowski, M. (2007), pp. 120-121.

<sup>200</sup> Burns, T. S. (2015), p. 51.

<sup>201</sup> «Juiz». Amm. Marc. 27. 5. 6; Amm. Marc. 31. 3. 4.

<sup>202</sup> Wolfram, H. (1988), pp. 94-96.



contra o *iudex* Atanarico<sup>203</sup> e iniciou o processo de migração para o território imperial, concluído após seis anos de guerra entre godos e romanos. Com o desaparecimento das figuras de Atanarico e Fritigerno, antes do tratado de 382, parece que a antiga estrutura tervíngia perdeu a sua importância, mas é possível que os velhos *reiks* tivessem uma palavra no meio das pequenas comunidades godas estabelecidas na Trácia romana.

Já durante a liderança de Alarico, encontramos o líder godo a reunir um senado (conselho) de guerra com velhos comandantes e chefes, antes da primeira invasão da Itália<sup>204</sup>. Portanto, em conjunto com a forte influência das estruturas militares romanas, os antigos *reiks* revelavam-se fundamentais para organização das forças de Alarico.

Todavia, ao contrário de Atanarico, Alarico não aparece representado nas fontes como juiz dos chefes godos. Para além dos cargos romanos que o líder godo obteve durante a sua vida, alguns autores tardios descrevem Alarico como *rex* dos Godos<sup>205</sup> e *tyrannus Geticus*<sup>206</sup>. É difícil dizer se Alarico, realmente, recebeu alguma destas titulações enquanto líder dos godos<sup>207</sup>. Provavelmente, terá unificado os seus seguidores sob um único *kuni* e sendo elevado a *reiks*<sup>208</sup>, mas é curiosa a definição de «tirano godo» dada a Alarico, numa época em que os usurpadores imperiais são identificados como tiranos.

A ligação com a imagem de oficial «usurpador» no exército romano leva-nos à segunda questão. O que mais influenciou a construção da entidade visigoda? Terá sido o comandante rebelde que se viu empurrado várias vezes para fora da estrutura imperial romana, criando uma força «fora-da-lei», no seio do Império, moldada essencialmente a partir dos godos do tratado de 382<sup>209</sup>? Ou terá sido enquanto líder de auxiliares godos que aproveitou as fraquezas imperiais para conseguir os seus objectivos, usando os cargos romanos para mais prestígio perante os restantes *reiks* godos?

Estas duas teses têm ganhado força nas últimas décadas de investigação sobre Alarico e os visigodos. Peter Heather e Herwig Wolfram defendem a posição de Alarico

---

<sup>203</sup> Tal como referimos nas páginas 28 e 29 desta dissertação.

<sup>204</sup> Claud. *de bello Get.* 479-551.

<sup>205</sup> Jord. XXIX; Oros. VII 37. 2.

<sup>206</sup> Wolfram, H. (1988), p. 145.

<sup>207</sup> Halsall desenvolve a problemática da atribuição da titulação de *rex* a Alarico. Halsall, G. (2007), pp 200-206.

<sup>208</sup> Wolfram, H. (1988), p. 145.

<sup>209</sup> Na sua tese de mestrado, Ryan Wilkinson, fala da dificuldade em definir as forças de Alarico, identificando-as como «mercenários bárbaros». Estes seriam a assimilação dos elementos da «Roma errada» ou «fora-da-lei» dentro do Império. Wilkinson, R. H. (2007), p. 81-84.

como líder godo, que apesar de ter sido um general do Império, tem como preocupação principal a segurança das gentes reunidas à sua volta e fortemente marcadas pela herança goda<sup>210</sup>.

Por outro lado, Liebeschuetz e Thomas S. Burns suportam a tese de um Alarico essencialmente romano. Apoiam-se na constante atracção pelos cargos militares que lhe davam poder imperial, sendo os visigodos apenas um veículo para alcançar tal posição<sup>211</sup>. É neste campo que nos colocamos. Todas as fontes apontam a ambição de Alarico por um elevado cargo na estrutura romana. A sua rebelião, em 395, acontece por não ter sido promovido após a batalha do rio Frígido. É preciso, também, salientar o desgosto de Alarico por ter sido forçado a saquear a cidade de Roma. O que parece demonstrar a existência de um forte sentimento de «romanidade», por parte do líder godo.

Mesmo assim, não se podem definir os godos de Alarico como um simples grupo militar «fora-da-lei», que seguia os comandos do seu líder. Desde o tratado de 382, os godos foram, enquanto grupo, moldados pelas estruturas romanas, tornando-se cada vez mais romanizados, mesmo que fossem rejeitados socialmente pelos mesmos romanos que os aceitaram acolher<sup>212</sup>.

A recruta de militares godos para o exército romano, como foi o caso de Alarico, foi o principal motor para a criação de uma nova identidade goda, onde os soldados godos partilhavam com os romanos o respeito pelas leis e estruturas do Império<sup>213</sup>. Daí a recusa por parte das autoridades imperiais em reconhecer o papel de Alarico e «seus godos» ter causado a revolta de 395.

A elevação de Alarico à chefia dos visigodos não terá sido uma continuidade dos costumes tervíngios, de escolha de um líder que representasse os restantes chefes tribais num momento de oposição contra o Império Romano. Parece ser, antes, o pôr em forma um novo grupo - o dos visigodos - gentes romanizadas, mas excluídas das estruturas imperiais e que olhavam para o Império Romano com fascínio e respeito. O constante recrutamento,

---

<sup>210</sup> Heather, P. (2009), pp. 191-207; Wolfram, H. (1988), p. 160-161.

<sup>211</sup> Heather, P. (1999), p. 48; Wilkinson, R. H. (2007), pp. 96-97.

<sup>212</sup> Neal, J. (2011), p. 10.

<sup>213</sup> Idem, *ibidem*, p. 17.

por parte de Alarico, de novos povos vindos do *barbaricum*<sup>214</sup>, entrados no *limes* romano durante os quinze anos das suas revoltas, vinham transformar ainda mais os visigodos.

É difícil identificar os visigodos como uma continuidade linear das tribos arianas tervíngias. Desde a entrada e revolta de Fritigerno, em 376, até à morte de Alarico, os godos estiveram quase sempre em constante movimentação, rebelião e transformação. Mais do que o acolhimento no território imperial da Trácia, e do recrutamento para o exército romano, as acções de Alarico foram fundamentais para unificar um povo à volta de uma nova entidade. No entanto, não podemos afirmar que Alarico liderasse como rei supremo. Esse último passo para um verdadeiro rei, e um novo reino dos visigodos só seria alcançado pelos seus sucessores.

---

<sup>214</sup> Zos. V 35. 5-6. Segundo Zósimo, após a morte de Estilício em 408, trinta mil godos de Radagásio, que tinham invadido a Itália em 406, juntaram-se às forças de Alarico.



## II

# AS CORTES IMPERIAIS

# E AS PRETENSÕES POLÍTICAS DE ALARICO

### 1. OS GOVERNOS ORIENTAIS

#### DE RUFINO, EUTRÓPIO E ÉLIA EUDÓXIA (395-408)

«While the oration of Synesius and the downfall of the Barbarians were the topics of popular conversation, an edict was published at Constantinople, which declared the promotion of Alaric to the rank of master-general of the Eastern Illyricum. The Roman provincials and the allies, who had respected the faith of treaties, were justly indignant that the ruin of Greece and Epirus should be so liberally rewarded. The Gothic conqueror was received as a lawful magistrate, in the cities which he had so lately besieged.»<sup>215</sup>

A situação política do Império Romano nos finais do século IV era repleta de intrigas e de jogos palacianos pelo poder imperial. Com a morte de Teodósio I, o Grande, o Império foi, de novo, dividido e passou para as mãos dos dois filhos<sup>216</sup>, Flávio Arcádio e Flávio Honório, tornados Augustos<sup>217</sup> ainda antes da morte de Teodósio. Todavia, a juventude dos dois fez com que o poder caísse rapidamente no controlo de figuras poderosas das cortes ocidentais e orientais.

A ocidente, o general Estilício ficou como tutor e regente do imperador Honório, seguindo o suposto pedido de Teodósio no leito de morte, mas a distância que o separava de Constantinopla não lhe permitiu estabelecer o controlo sobre a corte oriental e a tutoria de Arcádio. O obstáculo inicial de Estilício para dominar o oriente foi o *praefectus praetorio orientis*<sup>218</sup>, Rufino.

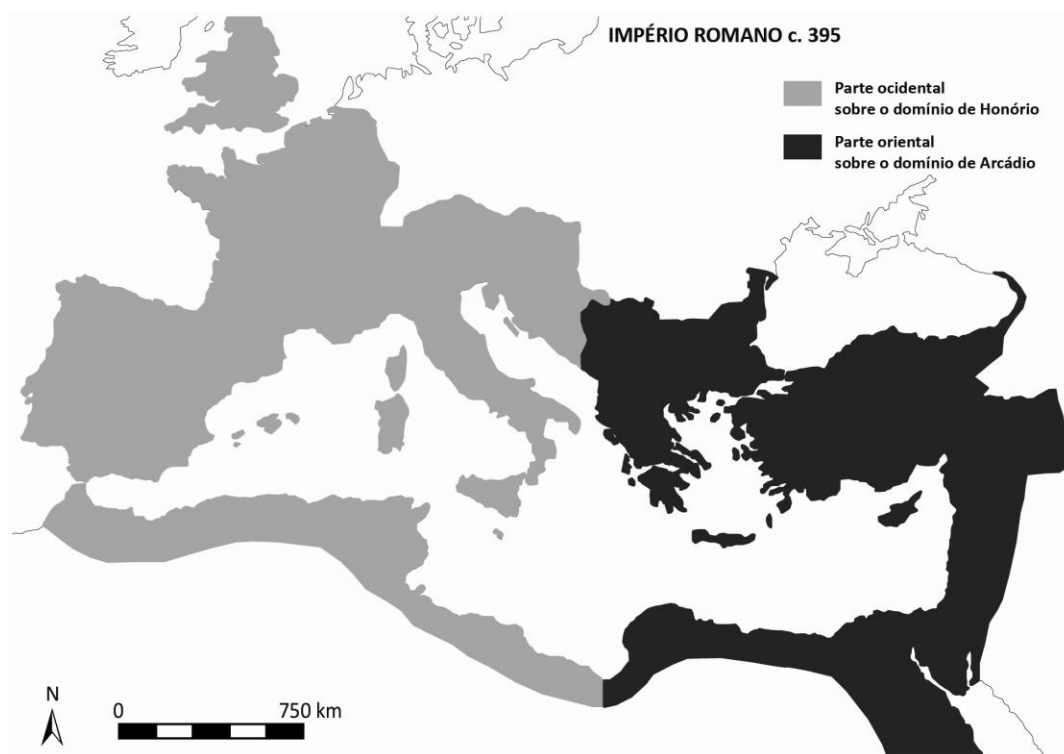
---

<sup>215</sup> Gibbon, E. (1906b), p. 146.

<sup>216</sup> Como já referimos antes. Veja-se as notas 159 e 160.

<sup>217</sup> Arcádio nasceu cerca ano de 377 e foi elevado a Augusto do Oriente por Teodósio a 19 de Janeiro de 383; Sozom. *Hist. eccl.* VII 12. Por sua vez, o irmão mais novo, Honório, nasceu a 9 de Setembro de 384 e foi elevado a Augusto a 23 de Janeiro de 393. Sozom. *Hist. eccl.* VII 24.

<sup>218</sup> Prefeito do pretório do oriente, o mais alto cargo administrativo da parte oriental do Império.



**Mapa 01** - Divisão do Império Romano após a morte do imperador Teodósio I.

O estadista Rufino<sup>219</sup> foi um dos mais influentes burocratas da corte oriental de Teodósio. Apontado como *magister officiorum*<sup>220</sup>, em 388, Rufino usou o cargo administrativo para ganhar influência em Constantinopla, em particular junto de Teodósio e de Arcádio. O poder crescente de Rufino fez com que, em 391, criasse rivalidades com os generais Timásio e Promoto, tendo sido este último morto numa emboscada, possivelmente planeada pelo burocrata<sup>221</sup>.

Em 392, Rufino foi eleito cônsul juntamente com Arcádio<sup>222</sup> e, no mesmo ano, iniciou as jogadas palacianas que lhe dariam o controlo da corte do Oriente, conseguindo

<sup>219</sup> Nativo da cidade de Elusa, actual Eauze no sudoeste francês. Claud. *in Ruf.* I. 137; Zos. IV 51.

<sup>220</sup> «Mestre de ofícios».

<sup>221</sup> Zos. IV 51. O general Promoto terá agredido Rufino em público e este organizou a expulsão de Promoto da corte imperial; Cameron, A. (1970), p. 63.

<sup>222</sup> Zos. IV 52.

que o prefeito Taciano fosse demitido e a sua casa fosse extinta<sup>223</sup>. O burocrata gaulês alcançou, por fim, o cargo de prefeito do pretório da parte oriental do Império<sup>224</sup>.

Com a partida do imperador Teodósio, em Maio de 394, para defrontar o general Arbogasto e o usurpador Eugénio, foi entregue a Rufino a responsabilidade de aconselhar o adolescente Arcádio no governo de Constantinopla<sup>225</sup>. Esta decisão colocou Rufino numa posição de influência absoluta sobre Arcádio e sobre os destinos do Império, o que não terá sido bem aceite pelo homem de confiança de Teodósio, o general Estilício, já rival de Rufino. A morte do imperador Teodósio só alimentou mais esta disputa pelo poder imperial. Rufino, naturalmente, ficou com a guarda do novo imperador Arcádio<sup>226</sup>.

Foi neste contexto que Alarico decidiu começar a dar expressão às suas pretensões militares e políticas. O líder godo, descontente com a rejeição do seu pedido de promoção por parte das cortes imperiais, provavelmente, tinha conhecimento das fragilidades políticas imperiais e aproveitou o facto de os dois exércitos romanos estarem ainda sobre o controlo de Estilício, no Ocidente, para começar a sua revolta e pressionar o Império. Foi então que Alarico e as suas forças se dirigiram para a Trácia e cercaram a cidade de Constantinopla, nos inícios de 395<sup>227</sup>.

Neste momento, Rufino terá percebido a frágil situação em que estava. Com grande parte das unidades militares ainda em Itália, sob o comando do general Estilício<sup>228</sup>, Rufino não tinha forma de travar a revolta de Alarico<sup>229</sup>. O prefeito do Oriente viu só uma solução: negociar com o líder godo<sup>230</sup>.

Não existem relatos acerca do que foi negociado entre Alarico e Rufino<sup>231</sup>, mas as forças godas retiram-se da Trácia, tal como Rufino desejava. Todavia, foi apenas uma simples troca de alvo, pois a parte oriental da prefeitura da Ilíria é invadida pelos homens

---

<sup>223</sup> Apesar de Rufino ter conseguido o julgamento e a ordem de execução de Tatiano, Teodósio muda no último minuto a sentença para exílio; Cameron, A. (1970), p. 63.

<sup>224</sup> Zos. IV 52.

<sup>225</sup> Zos. IV 54.

<sup>226</sup> Oros. VII 37. 1.

<sup>227</sup> Claud. *in Ruf.* II 54-99; Claud. *de bello Get.* 164-165; Zos. V 5. Wolfram, H. (1988), p. 140.

<sup>228</sup> Goldsworthy, A. (2009), p. 367.

<sup>229</sup> A mesma dificuldade repetiu-se meses depois, quando as forças hunas invadem a Asia Menor e a Síria; Blockley, R. C. (2007a), p. 114.

<sup>230</sup> Claud. *in Ruf.* II 73-85. Rufino terá saído de Constantinopla sozinho e vestido com roupas godas para se encontrar com Alarico. Wolfram, H. (1988), p. 141.

<sup>231</sup> O pagamento de suborno é uma das hipóteses levantadas. Kulikowski, M. (2007), p. 165.

de Alarico com o apoio tácito do prefeito Rufino<sup>232</sup>. Isto quando o general Estilício se deslocava para o oriente com os dois exércitos romanos.

Estilício chega ao território da Tessália em Setembro de 395, onde cercou as forças revoltosas de Alarico<sup>233</sup>. Foi então que Rufino interveio politicamente, receando que Estilício saísse vitorioso. O prefeito do oriente convenceu o imperador Arcádio a ordenar a devolução do comando das forças romanas do oriente<sup>234</sup>. Esta ordem acabou por ser uma mais-valia para os planos políticos de Estilício. Apesar de ser forçado a retirar para Itália sem conseguir derrotar Alarico<sup>235</sup>, o general de ascendência vândala pôs em marcha um plano para derrotar Rufino de uma vez por todas.

Sem maneira de quebrar os revoltosos de Alarico e assolado pelo descontrolo criado pelos conflitos entre as forças ocidentais e orientais<sup>236</sup>, Estilício decide entregar o comando do exército do Oriente ao godo Gainas<sup>237</sup>.

O *comes rei militaris* Gainas marchou com o exército do Oriente para Constantinopla e encontrou-se com o imperador Arcádio e o prefeito Rufino às portas da cidade por volta de Novembro de 395. Estava lançada a armadilha que ditou o fim do governo de Rufino. Estilício terá enviado Gainas com a missão de matar o prefeito, e foi o que aconteceu quando Rufino se encontrou com o comandante godo, sendo despedaçado pelos soldados do exército do Oriente<sup>238</sup>.

Terminou assim o governo do prefeito Rufino, que, depois da sua morte, foi acusado de corrupção<sup>239</sup> e traição<sup>240</sup>. O caminho parecia finalmente aberto para as pretensões imperiais de Estilício no Oriente. No entanto, foi outra figura da corte de

---

<sup>232</sup> Zos V 5. Segundo o historiador Zósimo, Rufino terá ordenado a Alarico que avançasse contra Estilício. Hansall, G. (ed.) (2007), pp. 192-193.

<sup>233</sup> Cameron, A. (1970), p. 66.

<sup>234</sup> Claud. in *Ruf. II*. 131, 161-162. Wolfram, H. (1988), p. 141.

<sup>235</sup> Cameron, A. (1970), p. 66.

<sup>236</sup> Zos. V 7. Blockley, R. C. (2007a). p. 114. Cameron, A. (1970), pp. 168-172. Possível evidência da desordem das forças de Estilício é a pilhagem da Grécia realizada durante a retirada para a Itália.

<sup>237</sup> Zos. V 7. O general Gainas nasceu a norte do Danúbio, foi recrutado para o exército de Teodósio como soldado e chegou à posição de comando durante a batalha de Frígido. Zos. V 21, 57-58; Theod. *Hist. eccl.* V 32; Sozom. *Hist. eccl.* VIII 4.

<sup>238</sup> Zósimo descreve os detalhes do encontro entre Gainas e Rufino e a macabra morte do prefeito do oriente. Zos. V 7.

<sup>239</sup> Zos. V 1; Claud. in *Ruf. I*. 176; Oros. VII 37.

<sup>240</sup> Zos. V 1-3, 7; Sozom. *Hist. eccl.* VIII 1.



Arcádio, o eunuco Eutrópio, que tomou o controlo dos destinos do Império Romano do Oriente, retirando assim a vitória ao general Estilício<sup>241</sup>.

O novo homem forte do Oriente, Flávio Eutrópio<sup>242</sup>, entrou ao serviço do palácio imperial enquanto jovem, e, em 393, tinha uma posição de confiança junto do imperador Teodósio<sup>243</sup>. Com a subida de Rufino ao lugar de prefeito do Oriente, o eunuco Eutrópio percebeu que tinha de travar as pretensões imperiais do novo prefeito. A 27 de Abril de 395, o novo *praepositus sacri cubiculi*<sup>244</sup> Eutrópio, celebra o casamento do Augusto Arcádio<sup>245</sup> com Élia Eudóxia<sup>246</sup>, travando as intenções de Rufino de casar a sua filha com o jovem imperador.

Foram estas movimentações de Eutrópio, cada vez mais claras<sup>247</sup>, que lhe permitiram, após a morte de Rufino, ser o novo poder na corte de Arcádio, tendo para tal eliminado potenciais rivais dentro da corte<sup>248</sup>. Em 396, o Império encontra-se politicamente dividido entre dois grandes rivais e inimigos, o general Estilício como regente do Ocidente e o eunuco Eutrópio com o controlo da corte e da casa imperial do Oriente.

A inimizade e conflitos entre Estilício e Eutrópio deram uma nova possibilidade às pretensões de Alarico. Depois da retirada nos finais de 395, Alarico invade novamente a Ilíria oriental e a Grécia em 396, conseguindo o domínio do território sem qualquer problema<sup>249</sup>. O general Estilício, nada satisfeito



**Figura 07** - Busto de Arcádio I, imperador do Oriente e filho mais velho de Teodósio. [Disponível em: <https://www.romancoinshop.com/arcadius-archief>]

<sup>241</sup> Ainda hoje se discute a responsabilidade do plano da morte de Rufino, se foi Estilício, se Eutrópio ou os dois em conjunto, que planearam o ataque. Cameron, A. (1970), p. 90-92.

<sup>242</sup> Nasceu junto à fronteira com a Pérsia, foi castrado na sua infância e vendido como escravo, sendo liberto anos mais tarde. Zos. V 3; Sozom. *Hist. eccl.* VII 22.; Claud. *in Eutr. I*, 44-49, 132, 158.

<sup>243</sup> Foi enviado ao Egipto em nome de Teodósio para perguntar ao vidente monge João qual seria o desfecho do conflito contra o usurpador Eugénio. Sozom. *Hist. eccl.* VII 22.

<sup>244</sup> Zos. V 9. Camareiro-mor e responsável pela casa imperial.

<sup>245</sup> Zos. V 3.

<sup>246</sup> Filha do general franco Bauto, que foi educada na casa do general Promoto, o rival morto por Rufino. Blockley, R. C. (2007a), pp. 113-114.

<sup>247</sup> Claudiano descreve como as acções de Eutrópio passaram de discretas para frontais em pouco tempo. Claud. *in Eutr. II*. 553-560.

<sup>248</sup> Zos. V 9-12.; Claud. *in Eutr. I*. 105.

<sup>249</sup> Claud. *de bello Get.* 183; Claud. *in Eutr. II*. 209-216.

pela perda de influência no oriente e depois de um ano a reconstruir o exército romano do ocidente, atravessou o Peloponeso e desembarcou na Grécia em Abril de 397, onde defrontou as forças de Alarico<sup>250</sup>.

Tal como em 395, Estilício não consegue derrotar os revoltosos. Isto deve-se, possivelmente, a três jogadas políticas por parte de Eutrópio. O general Estilício foi publicamente declarado como inimigo em Constantinopla<sup>251</sup>, perdendo qualquer apoio logístico que pudesse ainda ter no Oriente. Eutrópio terá subornado o conde Gildão de África a revoltar-se contra o domínio do Império do Ocidente para passar para o controlo da corte oriental<sup>252</sup>, o que forçou a movimentação de forças de Estilício para África.

Por fim, o eunuco Eutrópio entrou em contacto com Alarico e promoveu o líder godo a *magister militum per Illyricum*, provavelmente, nos inícios de 398, reconhecendo as pretensões políticas e militares romanas de Alarico<sup>253</sup>. Com esta decisão, o chefe godo, para além de obter a promoção que procurava desde a batalha do rio Frígido, tinha agora acesso oficial aos cofres e às fábricas da prefeitura rica da Ilíria, o que lhe possibilitava poder reabastecer e reforçar as suas forças.

O camareiro-mor Eutrópio conseguiu, assim, alcançar algo que Rufino não pôde: estancar as pretensões de Estilício e controlar Alarico, colocando-o na estrutura política romana. Sem qualquer oposição externa, Eutrópio vira-se para o interior do Império do Oriente. Retira, em primeiro lugar, os comandos aos vários generais de Constantinopla e comanda pessoalmente o exército contra os hunos que invadiram os territórios da Frigia e da Capadócia em 397 e 398, de onde sai vitorioso<sup>254</sup>.

No ano de 399, Eutrópio foi eleito cônsul romano. Esta eleição nunca foi aceite pelas cortes do Ocidente, mas ganhou o reconhecimento como «patrício» do Oriente<sup>255</sup>. Estas alterações políticas, conjuntamente com a imagem inconcebível de um cônsul e comandante militar eunuco<sup>256</sup>, foram a «gota de água» para os membros da corte opositores a Eutrópio, entre os quais se incluíam o general Gainas<sup>257</sup> e a imperatriz Élia Eudóxia<sup>258</sup>.

---

<sup>250</sup> Kulikowski, M. (2007), p. 167.

<sup>251</sup> Zos. V 11.

<sup>252</sup> A revolta de Gildão será tratada mais à frente, em conjunto com as questões políticas do ocidente.

<sup>253</sup> Claud. in *Eutr. II*. 215. Wolfram, H. (1988), pp. 142-143.

<sup>254</sup> Claud. in *Eutr. I*. 234-286.

<sup>255</sup> Zos. V 17.; Sozom. *Hist. eccl.* VIII 7.; Claud. in *Eutr. II*. 126-128.

<sup>256</sup> Goldsworthy, A., (2009), p. 368.

<sup>257</sup> Zos. V 13.

A revolta do federado godo<sup>259</sup> Tribigildo<sup>260</sup> forçou Eutrópio a reorganizar os comandos militares do exército do Oriente. Gainas ficou com a responsabilidade de proteger a Trácia e a passagem das Termópilas, enquanto o general romano Leão, tinha a missão de atravessar para os territórios asiáticos e travar aí a revolta de Tribigildo<sup>261</sup>. Com



**Figura 08** - Busto de Eutrópio.  
[Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Eutropius\\_\(consul\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Eutropius_(consul))]

o insucesso de Leão, o godo Gainas assumiu o comando unificado e marchou com todas as forças para a Ásia<sup>262</sup>.

Na primavera de 399, o general Gainas deixou cair a sua máscara. Sem nunca realmente defrontar Tribigildo<sup>263</sup>, este chefe godo culpabilizou o eunuco Eutrópio pela revolta e recusou-se a parar os homens de Tribigildo, a não ser que fossem satisfeitas certas condições. Uma delas era a demissão e a prisão de Eutrópio<sup>264</sup>. O imperador Arcádio aceitou as condições e o camareiro-mor Eutrópio, sem qualquer apoio, é capturado e exilado para a ilha de Chipre, onde ficou até que, no mês de Agosto de 399, foi levado para Constantinopla, onde foi executado<sup>265</sup>.

À semelhança do prefeito Rufino, Eutrópio foi acusado de ganância<sup>266</sup>, de corrupção<sup>267</sup> e de incompetência militar<sup>268</sup> pelos seus opositores. A facção da imperatriz Eudóxia rapidamente tomou controlo da corte de Arcádio. Aureliano, apoiante de Eudóxia, foi eleito prefeito do Oriente no verão de 399<sup>269</sup>. A escolha de Aureliano para o cargo de ministro

<sup>258</sup> Apesar do seu casamento com Arcádio ter sido organizado por Eutrópio, Eudóxia aliou-se com os seus opositores na corte. Cameron, A. (1970), p. 148; Blockley, R. C. (2007a), p. 116.

<sup>259</sup> Possivelmente das tribos greutungas; Claud. *in Eutr. II.* 153-159.

<sup>260</sup> Eutrópio terá recusado e desonrado um pedido de Tribigildo. Claud. *in Eutr. II.* 174.

<sup>261</sup> Zos. V 14.

<sup>262</sup> Zos. V 15.

<sup>263</sup> Segundo Sozómeno, Gainas e Tribigildo pertenciam à mesma família. Sozom. *Hist. eccl.* VIII 4.

<sup>264</sup> Zos. V 18.

<sup>265</sup> Sozom. *Hist. eccl.* VIII 7; Zos. V 17-18.

<sup>266</sup> Zos. V 10-12.

<sup>267</sup> Claud. *in Eutr. I.* 196.

<sup>268</sup> Claud. *in Eutr. I.* 285-286.

<sup>269</sup> Kulikowski, M. (2007), p. 169.

principal de Arcádio não terá sido ingénua, pois era conhecida a sua posição nacionalista, sendo o principal patrono do religioso anti-bárbaro Sinésio<sup>270</sup>.

As movimentações políticas em Constantinopla foram do desagrado do general Gainas, que se encontrava ainda no território asiático com Tribigildo. Como forma de pressão, Gainas junta-se ao líder revoltoso Tribigildo e os dois encontram-se com o imperador Arcádio na cidade de Calcedónia<sup>271</sup>. O general godo é agraciado com o cargo de *magister utriusque militiae*<sup>272</sup>, ficando com o total controlo das forças romanas do Império do Oriente, e consegue o afastamento e exílio do prefeito Aureliano, do velho general de Teodósio, Saturnino, e do *comes* João<sup>273</sup>.

Os acontecimentos do início de 400 mostram-se confusos. Apesar da aparente supremacia política de Gainas, a imperatriz Élia Eudóxia é proclamada Augusta em Janeiro de 400<sup>274</sup>, em contraponto com o exílio dos seus aliados. O impopular general godo tentou, mas sem sucesso, tomar posse das igrejas nicenas de Constantinopla para os godos arianos, confiscar o dinheiro dos banqueiros e, por fim, incendiar secretamente o palácio imperial<sup>275</sup>.

As notícias de que soldados romanos vindos de outras cidades do Império estavam no interior do palácio obrigaram o general Gainas a sair de Constantinopla, mas parte da sua força militar ficou dentro da cidade para que atacasse ao seu sinal<sup>276</sup>. A mobilização dos homens do general godo foi o rastilho que os opositores de Gainas precisaram. Em Julho de 400, a população de Constantinopla cercou e massacrou a força de Gainas<sup>277</sup>.

Em fuga, Gainas e o resto dos seus homens tentaram primeiro encontrar refúgio na Trácia e depois atravessaram para a Ásia, mas foram travados pelo comandante Flávio

---

<sup>270</sup> Sinésio é conhecido principalmente pelo discurso que deu em Constantinopla, *De Regno*, onde enaltecia as virtudes do imperador Arcádio e avisa para os perigos da aceitação dos bárbaros no meio da sociedade romana. Para conhecer melhor esta figura e as suas obras recomendamos o estudo feito por Alan Cameron e Jacqueline Long. Cameron, A. e Long, J. (1993).

<sup>271</sup> Zos. V 18. Calcedónia encontrava-se na margem oposta da cidade de Constantinopla, sendo hoje um distrito de Istambul.

<sup>272</sup> Sozom. *Hist. eccl.* VIII 4; Theod. *Hist. eccl.* V 32.

<sup>273</sup> Zos. V 18.

<sup>274</sup> Blockley, R. C. (2007a), p. 116.

<sup>275</sup> Sozom. *Hist. eccl.* VIII 4.

<sup>276</sup> Zos. V 19.

<sup>277</sup> Zósimo descreve como sete mil godos procuraram refúgio dentro de uma igreja e como Arcádio ordenou que queimassem a igreja com os godos lá dentro. Zos. V 19.

Fravita<sup>278</sup>, designado *magister militum* para acabar com a revolta de Gainas<sup>279</sup>. Fracassada a travessia para a Ásia, o rebelde Gainas atravessou o Danúbio, mas após algumas batalhas foi morto pelo líder huno Uldino, que enviou a cabeça do general godo para Constantinopla<sup>280</sup>.

A facção de Eudóxia saiu vitoriosa e a imperatriz torna-se na figura mais poderosa do Império do Oriente. Os seus aliados voltaram do exílio<sup>281</sup> e a imperatriz governa através do prefeito do oriente, Cesário<sup>282</sup>.

Contudo, resta uma questão: qual foi o papel de Alarico durante este período de instabilidade na corte oriental? Não existem quaisquer fontes que descrevam as suas acções durante os anos de 397 até 401, onde reaparece a invadir a Itália. Portanto, podemos especular apenas sobre as movimentações políticas de Alarico.

É provável que Alarico estivesse satisfeito com o cargo de *magister militum per Illyricum*, e com a sua posição na estrutura política e militar durante o governo de Eutrópio. A instabilidade criada pelo golpe de Gainas e a execução do eunuco Eutrópio pode ter ditado a perda do cargo a Alarico. Mas isto não explica porque Alarico não aparece referenciado nos anos de 399 e 400.

Quando o godo Gainas foge de Constantinopla, não procurou a ajuda do seu antigo subordinado, o que parece dar a entender que os dois não tinham objectivos em comum. No entanto, a morte de Gainas, ditou a vitória da facção de Eudóxia, de forte cariz nacionalista e anti-bárbaros<sup>283</sup>. O general Fravita, que travou as intenções de Gainas, foi morto em intrigas palacianas em 401<sup>284</sup>.

A instabilidade política e a posterior vitória da facção anti-goda podem ter ditado a decisão de Alarico abandonar o território da Ilíria e atacar o ocidente para conseguir reentrar na estrutura política romana. Todavia, em 405/407, alguns anos após ter sido derrotado por Estilício, o godo Alarico voltou a invadir a Ilíria, mas agora aliado ao general Estilício.

---

<sup>278</sup> Um antigo líder godo que prestou juramento ao imperador Teodósio após o tratado de 382. Liderou os godos pró-romanos numa disputa contra o chefe godo Eriulfo da facção anti-romana. Zos. IV 56.

<sup>279</sup> Zos. V 19-21; Sozom. *Hist. eccl.* VIII 4. Kulikowski, M. (2007), p. 169.

<sup>280</sup> Zos. V 21-22.

<sup>281</sup> Blockley, R. C. (2007a), p. 117.

<sup>282</sup> Kulikowski, M. (2007), p. 169. O governo de Cesário durou 4 anos, até ao ano da morte da imperatriz Eudóxia (ano de 404).

<sup>283</sup> É irónico quando a própria Eudóxia era de origens francas.

<sup>284</sup> Cameron, A. e Long, J. (1993), pp. 237-238.

Apesar dos conflitos religiosos entre a imperatriz Eudóxia e São João Crisóstomo, a parte oriental do Império Romano gozou de relativa estabilidade entre 401 e 408<sup>285</sup>. A morte do imperador Arcádio a 1 de Maio de 408<sup>286</sup> ditaria o fim da presença dos visigodos de Alarico nos territórios sob o domínio do Império do Oriente. Os acontecimentos políticos nas duas cortes levaram o líder godo para a Península Itálica, pela última vez.

---

<sup>285</sup> Blockley, R. C. (2007a), p. 123.

<sup>286</sup> Idem, *ibidem*, pp. 123-124.

## 2. A REGÊNCIA OCIDENTAL DE ESTILICÃO (395-408)

«Greater art thou, Stilicho, than all; thine only rival is Camillus,  
whose arms broke the rash power of Brennus as thine have broken  
that of Alaric.»<sup>287</sup>

Contrastando com a instabilidade política vivida na parte oriental do Império Romano, a situação na corte do Augusto do Ocidente, Flávio Honório, foi muito mais estável. Apesar do imperador Honório ser mais novo que o seu irmão e homólogo no Oriente, Arcádio, este facto foi benéfico para a definição política em Milão<sup>288</sup> após a morte do imperador Teodósio. Isto deveu-se em grande parte à regência do general Estilicão, escolhido por Teodósio para a tutoria do jovem Honório<sup>289</sup>.

Tal como todos os comandantes militares de origens bárbaras deste período, pouco se conhece sobre os primeiros anos de vida de Flávio Estilicão, anteriores a 380<sup>290</sup>, apenas que era filho de um cavaleiro vândalo que serviu no exército do Imperador Valente e de uma cidadã romana<sup>291</sup>. Apesar do seu ascendente vândalo, Estilicão foi considerado um cidadão romano de pleno direito<sup>292</sup>.

A primeira referência da ligação entre o general Estilicão e o imperador Teodósio é do ano de 383, quando o então *tribunus praetorianus militaris*<sup>293</sup> Estilicão foi enviado para a corte do imperador sassânida Sapor III como negociador do tratado de paz entre Roma e a Pérsia<sup>294</sup>. A segurança do Império Romano, assolado anos antes pela revolta goda, dependia muito deste tratado com a Pérsia, que é conseguido em 387, após a divisão da Arménia.

Entretanto, Estilicão voltou da Pérsia, em 384, e é prontamente promovido a *comes stabuli*<sup>295</sup> e *comes domesticorum*<sup>296</sup> no ano seguinte. A estrela do militar estava claramente em ascensão, alcançando cargos militares cada vez mais próximos do imperador Teodósio.

---

<sup>287</sup> Claud. *de bello Get.* 430-434.

<sup>288</sup> Capital do Império do Ocidente desde o reino de Diocleciano.

<sup>289</sup> Como já referimos anteriormente.

<sup>290</sup> De Sena, E. C. (2012), p. 414.

<sup>291</sup> Oros. VII 38. 1. Doyle, C. (2014).

<sup>292</sup> Mathisen, R. (2013), pp. 201-202. Este artigo do investigador Ralph Mathisen é um bom ponto de partida para conhecer mais sobre as questões jurídicas dos bárbaros no Império Romano.

<sup>293</sup> «Tribuno militar».

<sup>294</sup> Claud. *de cons. Stil. I.* 51-68. Williams, S. & Friell, G. (1998), p. 25.

<sup>295</sup> Eadem, *idibem*, p. 26. «Conde do estábulo», responsável pelos animais usados pelo exército romano.

<sup>296</sup> Zos. V 34. «Conde doméstico», chefe da guarda e dos guarda-costas imperiais.

Mas foi no campo pessoal que a sua influência política mais cresceu na corte de Teodósio, já que pouco depois de ter voltado da Pérsia, Estilício casou-se com Serena, sobrinha e filha adotiva do imperador<sup>297</sup>.

Isto demonstra, na nossa opinião, a importância e a afinidade de Estilício com a casa de Teodósio e com a sua protecção, o que explicava a defesa aguerrida e o absoluto respeito do general vândalo pelo Império Romano e pelos filhos de Teodósio contra os inimigos internos e externos até ao momento da sua morte.

Apesar de ausente das referências a comandantes e generais que Teodósio levou na sua campanha contra o usurpador Magno Máximo, em 388, é possível que Estilício tenha acompanhado o seu sogro como *comes domesticorum*<sup>298</sup>. O caso foi diferente na batalha de rio Frígido, onde o general vândalo apareceu ao comando de parte do exército que derrotou Arbogasto<sup>299</sup>. Com o fim do reinado do usurpador Eugénio, Estilício foi promovido a *magister utriusque militiae* do Ocidente, substituindo Arbogasto à frente do exército romano do Ocidente<sup>300</sup>.

Olhando para o percurso do general Estilício não é de estranhar que Teodósio tenha confiado no seu genro para garantir a estabilidade e segurança do Império Romano, entregando assim a guarda de Honório ao general<sup>301</sup>. Com a morte do imperador Teodósio, Estilício tornou-se praticamente regente da parte ocidental do Império<sup>302</sup>, com o comando os dois exércitos imperiais, ainda em Itália, após a batalha do rio Frígido.

Como dissemos antes, as pretensões de Estilício não passaram apenas pelo controlo do Império do Ocidente e a tutoria do jovem imperador Honório. O general queria,



**Figura 09** - Representação do jovem imperador Honório, envergando equipamento militar romano. [Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Honorius\\_\(emperor\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Honorius_(emperor))]

<sup>297</sup> Claud. *de cons. Stil* I. 69-83; Olimp. fr.1; Claud. *de bello Gild.* 310.

<sup>298</sup> Williams, S. & Friell, G. (1998), p. 43.

<sup>299</sup> Zos. IV 57-58.

<sup>300</sup> Zos. IV 59.

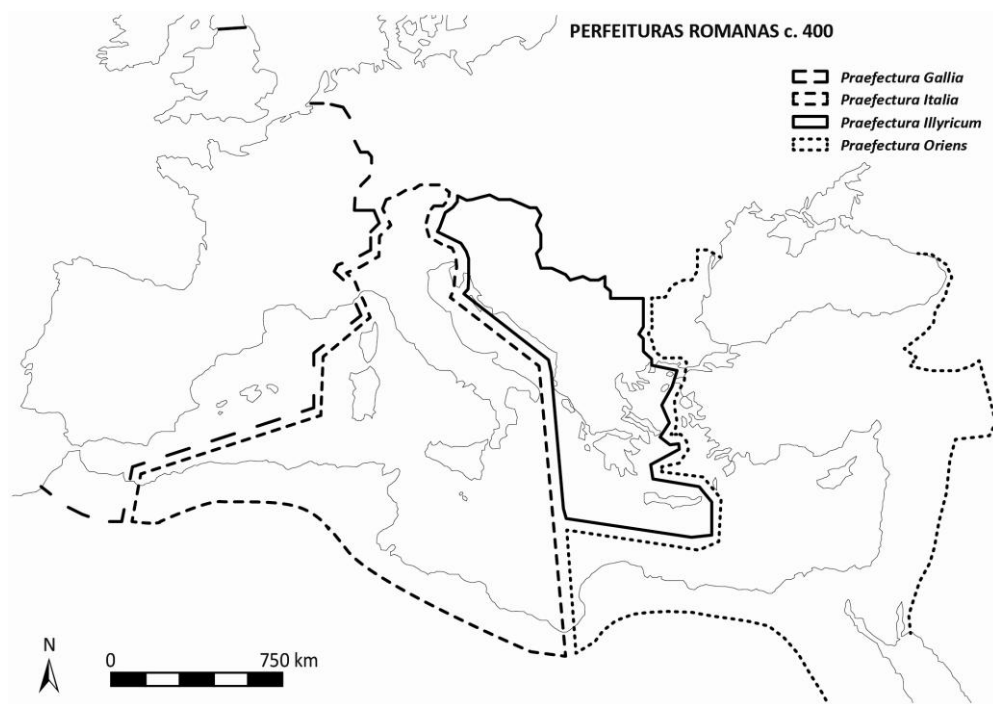
<sup>301</sup> Zos. IV 59; Oros. VII 37.

<sup>302</sup> Zos. V 4.



em nome do seu falecido sogro, a guarda de Arcádio e poder sobre a corte oriental. Mas as jogadas políticas de Rufino e Eutrópio impediram que Estilício conseguisse efectivamente o controlo dos destinos da parte oriental do Império Romano. Outro problema, que o general Estilício não conseguiu resolver, foi a revolta de Alarico nos territórios da Trácia e da Ilíria, mesmo que o líder godo nunca tenha realmente derrotado as forças de Estilício.

No entanto, no meio de todas as derrotas no tabuleiro político contra os governos do Oriente, foi no campo militar que Estilício obteve a sua única vitória contra o camareiro Eutrópio. Em Agosto de 397, a província da África<sup>303</sup> sob a jurisdição da parte ocidental do Império Romano, foi assolada por uma revolta de forças romanas, que ficou conhecida com a revolta do Gildão.



**Mapa 02** - As prefeituras do Império Romano após a morte de Teodósio segundo *Notitia Dignitatum*. A prefeitura da Ilíria era a razão das disputas entre as duas cortes romanas. [Adaptado de <http://www.usna.edu/Users/history/abels/hh381/ARMIES,%20WAR,%20AND%20SOCIETY%20IN%20THE%20WEST,%20ca.300-ca.600.htm>].

<sup>303</sup> Actualmente o território ocupado pela Tunísia, parte do nordeste argelino e da costa oriental da Líbia.

O conde berbere Gildão ficou conhecido pelo seu domínio e tirania<sup>304</sup> no território africano. Filho do príncipe Nubel da Mauritânia e irmão de Firmo<sup>305</sup> e Mascezil<sup>306</sup>, Gildão foi comandante do exército romano em África ao serviço do conde Teodósio<sup>307</sup>. Cerca do ano de 373, combateu e derrotou a revolta do seu irmão Firmo contra o Império Romano<sup>308</sup>. Com a morte de Firmo, Gildão herdou as riquezas e propriedades da sua família no Norte de África.

A crescente influência e o apoio continuado ao Império Romano, por parte do berbere Gildão, fizeram com que fosse escolhido para *comes et magister utriusque militiae per Africam* em 386<sup>309</sup>, ficando com o domínio do Norte de África, o que representava controlo da anona frumentária da cidade de Roma<sup>310</sup>.

Impulsionado pelos eventos políticos nas cortes imperiais após a morte do imperador Teodósio, o conde Gildão viu uma oportunidade para mostrar o seu descontentamento com a corte ocidental e para se libertar da soberania que o Império do Ocidente tinha sobre os territórios africanos. Depois de negociações com Eutrópio, Gildão cortou o abastecimento da anona de Roma e declarou fidelidade ao imperador Arcádio<sup>311</sup>.

Sabendo da gravidade da revolta de Gildão, Estilício decidiu enviar de imediato Mascezil para o Norte de África para travar o seu irmão, e, a 31 de Julho de 398, depois de uma campanha envolta por acontecimentos estranhos<sup>312</sup>, Gildão é morto<sup>313</sup>. Apesar da vitória, por parte das forças ocidentais do Império Romano, e o recomeço do abastecimento de cereais para Roma, foi uma derrota no campo político para o general Estilício. As movimentações políticas de Eutrópio impossibilitaram futuras iniciativas de Estilício para a obtenção do controlo da corte oriental.

---

<sup>304</sup> Doyle, C. (2014), p. 93. Cameron, A. (1970), pp. 102-104.

<sup>305</sup> Amm. XXXIX 5. 2. 6.

<sup>306</sup> Zos. V 11; Oros. VII 36; Claud. *de bello Gild.* 389-390.

<sup>307</sup> Pai do imperador Teodósio.

<sup>308</sup> Amm. XXXIX 5. 6.

<sup>309</sup> «Conde e mestre de milícia de África». Doyle, C. (2014), p. 106.

<sup>310</sup> Com a transferência do abastecimento de cereais vindos do Egipto para Constantinopla, Roma ficou dependente exclusivamente dos celeiros da província da África. Cameron, A. (1970), p. 93.

<sup>311</sup> Claud. *de bello Gild.* pp. 66-75; Oros. VII 36; Zos V. 11.

<sup>312</sup> Segundo Alan Cameron, a descrição da campanha foi propositadamente menorizada a uma mera formalidade pelo poeta Claudiano, na qual Mazcezil terá levado apenas cinco mil gauleses e nenhuma cavalaria para África para defrontar os milhares de criminosos e desordeiros de Gildão que se renderam mesmo antes do começo da batalha. Cameron, A. (1970), pp. 116-118.

<sup>313</sup> Claud. *de bello Gild.* 16; Claud. *in Eutr. I.* 410; Oros. VII 36; Zos. V 11.

Ainda no ano de 398, Estilício supostamente efectuou uma campanha de punição na Britânia, depois de ataques por parte dos escoceses, pictos e saxões<sup>314</sup>. Mas a única fonte que refere esta campanha é o poeta Claudiano, o principal defensor de Estilício, o que levanta alguma dúvida sobre a veracidade da presença de Estilício na Britânia<sup>315</sup>.

Independentemente dos confrontos militares e políticos que o regente Estilício teve durante os primeiros anos do seu governo, a situação de estabilidade em Milão era bem diferente daquela que se vivia em Constantinopla, palco constante de revoltas e golpes de estado. Estilício foi eleito cônsul no ano de 400. O seu poder afirmava-se<sup>316</sup>.

Mas foi dos territórios orientais que veio aquele que seria o principal factor de instabilidade durante o início do século V para o Império do Ocidente e para o imperador Honório. Nos finais de 401, os visigodos, liderados por Alarico, atravessaram os Alpes Julianos e invadiram a Itália, apanhando as legiões romanas de surpresa.<sup>317</sup>. Desconhecemos o que terá levado Alarico a abandonar a sua posição na Ilíria e enfrentar as forças romanas de Estilício em Itália.

Depois da revolta de Gainas em Constantinopla, o Império do Oriente estaria teoricamente mais fraco em termos militares do que a parte ocidental. Alarico, depois de anos a fortalecer as suas forças com os recursos da Ilíria, estava em boas condições para pressionar militarmente o governo oriental. Todavia, a morte dos comandantes godos Gainas, Tribigildo e Fravita, e a vitória da facção anti-bárbara na corte do imperador Arcádio, provavelmente, terão levado Alarico a pensar que não teria qualquer possibilidade de negociação ou sequer aceder novamente aos cargos na estrutura política oriental.

Terá Alarico visto uma oportunidade de obter melhores concessões vindas da corte de Honório<sup>318</sup>? O certo é que o líder godo decidiu atacar o Ocidente, tendo relativo sucesso no início da campanha, chegando mesmo a cercar a capital de Milão, em 402<sup>319</sup>. Mas o general Estilício demonstrou novamente a sua superioridade militar sobre as forças visigodas, derrotando Alarico nas batalhas de Verona e de Pollentia<sup>320</sup>.

---

<sup>314</sup> Claud. *de cons. Stil. II*. 250-255; Claud. *in Eutr. I*. 391-392.

<sup>315</sup> Blockley, R. C. (2007b), p. 430.

<sup>316</sup> Doyle, C. (2014), p. 134.

<sup>317</sup> Claud. *de bello Get.* 151-153, 194-200, 279-288; Claud. *de VI cons. Hon.* 442; Jord. XXIX.

<sup>318</sup> Tal como Michael Kulikowski questiona na sua obra. Kulikowski, M. (2007), p. 170.

<sup>319</sup> Claud. *de bello Get.* 561; Claud. *de VI cons. Hon.* 443. O cerco levou Honório a transferir a corte para a cidade de Ravena. Wolfram, H. *op. cit.*, p. 151.

<sup>320</sup> Oros. VII 37; Claud. *de bello Get.*; Claud. *de VI cons. Hon.* 127; Jord. XXIX.

Tal como em 395 e 397 na Grécia, Estilício permitiu que Alarico pudesse retirar sem o capturar. O regente do Império do Ocidente seria mais tarde acusado de simpatia pelos visigodos por ter deixado partir Alarico<sup>321</sup>. Por sua vez, o líder godo encontrou refúgio na região da Panónia<sup>322</sup>, onde reconstruiu a sua força, para reaparecer no contexto romano poucos anos depois.



**Figura 10** - Representação de Flávio Estilício e a sua mulher Serena e seu filho Euquério. O general aparece envergando uma lança e um escudo redondo, o equipamento típico de um efectivo militar romano. [Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Diptych\\_of\\_Stilicho](https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Diptych_of_Stilicho)]

Travada a invasão da Itália pelos visigodos, o general Estilício pôde focar as suas atenções de novo na parte oriental do Império, mas agora com um objectivo claro: transferir o total controlo da prefeitura da Ilíria para a corte de Honório. Sem a conseguirmos datar<sup>323</sup>, Estilício concebeu uma estratégia para conseguir obter a Ilíria e que passava pela utilização

<sup>321</sup> Oros. VII 38. 1. Doyle, C. (2014), pp. 138-139.

<sup>322</sup> Sozom. *Hist. eccl.* VIII 25, IX 4.

<sup>323</sup> As fontes não permitem construir uma cronologia correcta dos eventos entre a invasão visigoda da Itália e a posterior invasão de Radagaiso, pois são confusas e contraditórias entre si.

de forças não-romanas. Para isso, o general terá contactado secretamente aquele que tinha sido seu rival militar na última década e que derrotou várias vezes, o líder godo Alarico<sup>324</sup>.

Em 405, o líder godo pagão Radagaiso<sup>325</sup>, completamente desconhecido até então, mobilizou uma força numerosa a norte do Danúbio, atravessou os Alpes pela Europa Central e invadiu a Itália sem encontrar problemas<sup>326</sup>. Também a 31 de Dezembro do mesmo ano, aproveitando a fraqueza de um *limes* cada vez mais desguarnecido devido aos constantes conflitos do general Estilício, grupos de Vândalos, Alanos e Suevos atravessaram o Reno, atacando a província da Gália<sup>327</sup>.

Novamente, Estilício foi obrigado a pôr de parte os seus planos para a prefeitura da Ilíria e defender a Península Itálica dos invasores godos de Radagaiso. Apesar da aparente superioridade numérica dos godos<sup>328</sup>, que terá permitido o ataque a várias cidades e a ameaçar Roma<sup>329</sup>, o general Estilício conseguiu empurrar Radagaiso para Fiesole<sup>330</sup>. Pressionados pela fome e pela sede, muitos dos apoiantes de Radagaiso abandonaram o seu líder<sup>331</sup>, que foi capturado e depois executado a 23 de Agosto de 406, às portas de Florença<sup>332</sup>.

A situação no Império Romano inverteu-se. Enquanto a parte oriental gozava de uma aparente estabilidade política e militar, o domínio do imperador Honório sofria de constantes invasões de povos bárbaros e de rebeliões. O que terá então levado o regente Estilício a voltar, de novo, a planear a invasão da Ilíria? Apesar da conhecida riqueza e centros de recrutamento da província, a mesma foi pilhada e controlada por Alarico durante quase uma década. Mas isso não impediu Estilício de convencer o imperador Honório a eleger o líder godo Alarico como *comes Illyrici*<sup>333</sup>, ao mesmo tempo que preparava o

---

<sup>324</sup> Zos. V 26. Apesar das fontes colocarem Alarico na Ilíria apenas em 407, vários autores defendem que ele já estaria presente no território desde 405. Kulikowski, M. (2007), p. 171; Wolfram, H. (1988), p. 153.

<sup>325</sup> Oros. VII 37.

<sup>326</sup> Zos. V 26, Oros. VII 37.

<sup>327</sup> Ida. 42 XV. Esta data é defendida por Michael Kulikowski para justificar as revoltas na Britânia em 406. Kulikowski, M. (2007), p. 156.

<sup>328</sup> Zos. V 26; Oros. VII 37. 4. Zósimo apontou para quatrocentos mil homens, enquanto Orósio relata que terão sido duzentos mil. Apesar da contradição, ambos os números parecem algo exagerados.

<sup>329</sup> Zos. V 26; Oros. VII 37. 6.

<sup>330</sup> Actual Fésulas, localizada no centro da região italiana da Toscana, a seis quilómetros de Florença e a pouco mais de duzentos quilómetros de Roma.

<sup>331</sup> Oros. VII 37. Muitos dos homens de Radagaiso foram capturados e tornados escravos.

<sup>332</sup> Olimp. fr. 9; Zos. V 26; Oros. VII 37.

<sup>333</sup> Sozom. *Hist. eccl.* VIII. 25.

exército romano do Ocidente para invadir a Grécia. Na nossa opinião, Estilício nunca ficou satisfeito com o facto de não ter controlo e influência na corte de Arcádio.

Esta insistência do general Estilício provou ser um dos factores da sua queda. Após as revoltas e sucessivas elevações imperiais na Britânia em 406, o novo usurpador, Constantino III (r. 407-411), atravessou o canal da Mancha e estabeleceu-se como imperador na Gália em 407<sup>334</sup>. Estilício, que se preparava para invadir a Grécia, e após ter ouvido rumores sobre a morte de Alarico<sup>335</sup>, viu-se forçado a abandonar os planos na Ilíria para travar a usurpação de Constantino III.

Alarico, pouco satisfeito por ter de abrandar as suas pretensões, marchou para a região do Nórico<sup>336</sup>, em 408, onde escreveu a Estilício a exigir quatro mil libras de ouro, como compensação por ter esperado pelas forças romanas. Por sua vez, em Maio de 408<sup>337</sup>, o general Estilício teve de convencer o senado romano de que o acordo com Alarico tinha sido para proteger os interesses do imperador Honório no Oriente e que era melhor pagar ao líder godo em troca da paz<sup>338</sup>. De seguida, Estilício aconselhou Honório a enviar Alarico para a Gália para atacar as forças do usurpador Constantino III<sup>339</sup>.

Com a instabilidade vivida no Império do Ocidente, Estilício encontra-se cada vez mais enfraquecido no seu lugar de regente. As invasões bárbaras, a usurpação de Constantino III e o tributo pago a Alarico, permitem que os membros da corte opositores ao general Estilício, e liderados pelo ministro Olímpio, ganhem força junto do imperador Honório. A morte de Arcádio, em Maio de 408, ditaria o fim do governo de Estilício.

Ao saber da morte do seu irmão, Honório prepara-se para viajar para Constantinopla para segurar a sucessão do seu sobrinho Teodósio II (r. 408-450), mas foi travado por Estilício, que também planeava ir à corte oriental<sup>340</sup>. Rapidamente, os opositores de Estilício aproveitaram o sucedido para espalhar rumores sobre o plano de um golpe de estado por parte do general que queria colocar o seu filho Euquério no trono do Império do Oriente<sup>341</sup>.

---

<sup>334</sup> Kulikowski, M. (2007), p. 157.

<sup>335</sup> Zos. V 27-28.

<sup>336</sup> Sozom. *Hist. eccl.* VIII 25, IX 4. Actualmente parte da Áustria.

<sup>337</sup> Zos. V 31.

<sup>338</sup> Zos. V 29-30; Olimp. fr. 5.

<sup>339</sup> Zos. V 31.

<sup>340</sup> Zos. V 31.

<sup>341</sup> Kulikowski, M. (2007), pp. 156-157.

A 13 de Agosto de 408 em Ticino<sup>342</sup>, perante a presença de Honório e Olímpio, as forças destinadas para travar Constantino III revoltam-se e matam muitos dos oficiais romanos<sup>343</sup>. Este motim foi planeado por Olímpio, e a grande parte dos oficiais recrutados por Estilício foram mortos. Ao ouvir sobre o motim, o regente Estilício refugiou-se numa igreja até ao dia 22 de Agosto de 408, quando recebe duas cartas muito curiosas. Uma é de perdão, mas a seguinte, recebida após ter saído do templo que o protegia, ordenava a sua execução imediata. Apesar da contestação dos seus militares, Estilício aceitou a execução<sup>344</sup>.

Foi este o fim do general Estilício, que liderou os destinos do Império do Ocidente, durante treze anos. Apesar da sua constante protecção ao Império, não conseguiu juntar as duas partes. Curiosamente, seria Alarico, o grande rival, aquele que acabaria por vingar a honra do general Estilício nos anos seguintes.

---

<sup>342</sup> Actual Pavia.

<sup>343</sup> Zos. V 32.

<sup>344</sup> Zos. V 34, 37.

### 3. OS CERCOS E O SAQUE DE ROMA (408-410)

«As affairs were thus ordered, Alaric began his expedition against Rome, and ridiculed the preparations made by Honorius. Being unwilling to enter on so important an affair with not more than nearly equal forces to his enemy, he sent for Ataulphus, his wife's brother, from the upper Pannonia, to share with him in the enterprize, he having under him a very considerable force of Goths and Huns.»<sup>345</sup>

Os eventos que conduziram à execução de Estilício e ao final da sua regência colocaram o Império do Ocidente numa posição muito frágil. A parte oriental estava em processo de transição de soberania para o jovem Augusto Teodósio II, mas o usurpador Constantino III continuava a sua revolta na Gália, e o líder visigodo, Alarico, estava na região do Nórico com as suas forças, à espera de intervir contra Constantino III e, também, pelo pagamento que tinha sido negociado com o general Estilício e o senado romano. Chave essencial para o entendimento destes acontecimentos é Olímpio, o novo homem forte da corte ocidental e conselheiro central de Honório após a morte do general Estilício.

Praticamente desconhecido<sup>346</sup> antes do ano de 408, o ministro Olímpio foi recomendado para fazer parte do círculo de influência do imperador Honório pelo próprio Estilício<sup>347</sup>. Foi o principal responsável pelo plano que levou ao motim dos soldados romanos em Ticino e à prisão e morte de Flávio Estilício. Após a morte do general de ascendência vândala, Olímpio reclamou para si o cargo de *magister officiorum* e escolheu os seus próprios nomeados para outros altos cargos na corte ocidental<sup>348</sup>.

Controlada a corte de Honório, Olímpio iniciou uma purga dos oficiais militares e outros responsáveis do antigo governo, substituindo-os por militares leais a si<sup>349</sup> e perseguindo todos os apoiantes de Estilício<sup>350</sup>. As perseguições não ficaram apenas pelos homens do general Estilício, também as famílias dos bárbaros auxiliares no exército

---

<sup>345</sup> Zos. V 37.

<sup>346</sup> Apenas encontramos a referência de que era nativo da região do Mar Negro. Zos. V 32.

<sup>347</sup> Olímp. fr. 2. Heather, P. (2006), p. 217.

<sup>348</sup> Zos V 35; Olímp. fr. 8.

<sup>349</sup> Falamos dos generais Turpílio, Varanes e Vigilância. Zos. V 36.

<sup>350</sup> Zos. V 35, 44.



ocidental, na sua maioria godos do derrotado Radagaiso, foram atacadas e massacradas<sup>351</sup>. Com as notícias do massacre, as forças auxiliares desertaram do exército ocidental romano e depois de inicialmente terem tentado apoiar o filho de Estilício, Euquério<sup>352</sup>, em Roma, a morte do filho de Estilício forçou os *auxilia* bárbaros a se juntarem à única força que podia vingar a morte dos milhares de mulheres e crianças, os visigodos de Alarico<sup>353</sup>.

O líder godo, agora com o seu exército fortalecido, viu uma oportunidade para exercer pressão sobre o novo governo ocidental e exigir o que tinha sido negociado com o general Estilício. Alarico entendeu que estava numa posição de superioridade, perante Honório, e enviou emissários à corte do imperador para negociar o pagamento do tributo e a obtenção de dignitários romanos da corte de Honório, como reféns em troca da paz e da retirada da região do Nórico para os territórios da Panónia<sup>354</sup>.

É de estranhar a aparente mudança de atitude negocial do chefe godo. A antiga ambição de Alarico em conseguir cargos na estrutura romana, como moeda de troca pela paz, parecia posta de lado, procurando agora obter tributos e terras para as suas forças e reféns como garantia de que o acordo não seria quebrado. Honório e Olímpio rejeitam categoricamente a proposta de Alarico<sup>355</sup>.

Esta recusa faz Alarico chamar o seu cunhado, Ataúlfo, que comandava um forte e bem armado grupo de godos e de hunos, na Alta Panónia<sup>356</sup>. Mas, sem esperar pelos reforços, Alarico invade a Itália, passando por diversas cidades, ignorando a capital Ravena, dirigindo toda a sua força sobre Roma<sup>357</sup>.

Quando as forças visigodas chegam à vista da antiga capital do Império Romano, nos finais de 408, iniciam as operações de cerco, procurando controlar o rio Tibre e cortar todas as vias de abastecimento da população de Roma<sup>358</sup>. Alarico esperava que com a fome e com as epidemias que podiam surgir<sup>359</sup> conseguisse forçar o pagamento de tributos. Foi o

---

<sup>351</sup> Kulikowski, M. (2007), p. 173.

<sup>352</sup> Euquério conseguiu escapar à purga inicial dos apoiantes do seu pai e encontrou um refúgio numa igreja em Roma, apenas para ser capturado e executado pouco tempo depois. Zos. V 34-37; Blockley, R. C. (2007a), p. 125).

<sup>353</sup> Zos. V 35. Segundo Zósimo, trinta mil homens juntaram-se às forças de Alarico. Parece ser um número elevado, tendo em conta o estado do exército ocidental com as constantes batalhas e revoltas.

<sup>354</sup> Zos. V 36.

<sup>355</sup> Zos. V 36; Sozom. *Hist. eccl.* IX 6.

<sup>356</sup> Zos. V 35-37, 45. Goldsworthy, A., (2009), p. 378.

<sup>357</sup> Zos. V 37.

<sup>358</sup> Zos. V 38-39; Sozom. *Hist. eccl.* IX 6.

<sup>359</sup> Wolfram, H. (1988), p. 155.

que se passou. O senado romano cedeu ao cerco visigodo e negociou com o líder godo o pagamento de cinco mil libras de ouro, trinta mil libras de prata e largas quantidades de sedas, peles e pimenta<sup>360</sup>. Em conjunto com este tributo, o senado romano, no início de 409 enviou embaixadores a Honório para anunciar o acordo, e que Alarico queria levar como reféns alguns senadores como garantia do acordo e fazer uma aliança com os romanos<sup>361</sup>.

Honório, inicialmente, parece ter a intenção de aceitar o acordo. Mas, o ministro Olímpio consegue travar a sua ratificação, oferecendo importantes cargos a dois dos embaixadores senatoriais que foram enviados para negociar<sup>362</sup>. Para demonstrar, e reforçar, a recusa sobre o acordo, Honório ordenou a chamada de regimentos que estavam na província da Dalmácia. Iriam reforçar a cidade de Roma e atacar os visigodos<sup>363</sup>.

Alarico, que após o pagamento do tributo por parte do senado romano tinha levantado o cerco a Roma e retirado as suas forças para a Etrúria<sup>364</sup>, interceptou e destruiu aqueles reforços romanos. O imperador Honório perde a oportunidade de colocar o líder godo numa posição de desvantagem. Com a perda dos regimentos vindos da Dalmácia e o falhanço de Olímpio em travar os reforços comandados por Ataúlfo<sup>365</sup>, a corte procurou um responsável interno para a grave situação em que a Itália vivia. Olímpio foi o alvo perfeito. Acabou afastado pelos eunucos da corte. Morre pouco tempo depois na Dalmácia, para onde tinha fugido<sup>366</sup>.

O afastamento de Olímpio permitiu que outros dois políticos romanos ganhassem destaque no tabuleiro de influências que Estilício montou anos antes e de que Alarico se aproveitou. Chamavam-se Jóvio e Prisco Átalo. Jóvio foi escolhido pelo general Estilício para prefeito pretoriano da Ilíria no ano de 407, precisamente quando Alarico foi promovido a mestre de milícia do território<sup>367</sup>. O prefeito romano e o líder visigodo terão então criado laços de amizade<sup>368</sup>.

---

<sup>360</sup> Zos. V 40-41.

<sup>361</sup> Zos. V 42, Sozom. *Hist. eccl.* IX 6.

<sup>362</sup> Zos. V 44. O embaixador Ceciliano foi promovido a prefeito pretoriano e Prisco Átalo a *comes sacrarum largitionum*, «tesoureiro imperial».

<sup>363</sup> Zos. V 45.

<sup>364</sup> Zos. V 42.

<sup>365</sup> Zos. V 45.

<sup>366</sup> Zos. V 46; Olimp. fr. 8. Terá sido morto à paulada por causa do seu envolvimento na morte de Estilício.

<sup>367</sup> Sozom. *Hist. eccl.* VIII 25, IX 4.

<sup>368</sup> Zos. V 48; Sozom. *Hist. eccl.* IX 4.

Com a queda de Olímpio, Jóvio obteve o cargo de prefeito de Itália e controlou a corte do imperador Honório<sup>369</sup>. Planeou a desgraça e a morte dos generais Turpílio e Vigilância, que tinham sido promovidos por Olímpio<sup>370</sup>. Controlada a situação política interna em Ravena, o prefeito Jóvio enviou cartas a Alarico para reabrir as negociações, e para se encontrarem em Ravena, mas o líder godo preferiu a cidade de Arimino<sup>371</sup>.

As exigências oficiais do líder visigodo foram as seguintes: pagamento de ouro e de milho anuais e a entrega das regiões da Venécia, Nórico e Dalmácia para o povo visigodo<sup>372</sup>. O prefeito Jóvio enviou as exigências ao imperador Honório, mas, ao mesmo tempo, pediu que Honório entregasse o cargo de mestre da milícia do Ocidente ao líder godo em troca do abandono das condições por parte de Alarico<sup>373</sup>. É curioso que Jóvio tenha enviado secretamente este pedido ao imperador. Haveria outras condições que desconhecemos?

É possível que, neste período, o líder godo não tivesse grande margem de manobra política. Era, na prática, um rei sem título. Era chefe de um povo de rebeldes e fugitivos, mas não podia ignorar o peso e a responsabilidade dessa liderança. A posição de mestre de milícia colocaria Alarico, contudo, numa posição de grande poder. Um poder que só Arbogasto e Estilício tinham tido antes no Ocidente.

Honório recusa o pedido. Aceita apenas o pagamento de ouro e milho, e insulta Alarico. A recusa do acordo e o insulto enfurecem o líder visigodo que ordena um novo ataque à cidade de Roma. No entanto, ao ouvir que o imperador Honório tinha chamado mais de dez mil cavaleiros hunos para travar as forças visigodas<sup>374</sup>, Alarico suspende o ataque a Roma e envia vários bispos de cidades italianas à corte de Honório com uma nova proposta de paz: a entrega da região do Nórico, algum cereal, ouro e uma aliança com o Império do Ocidente<sup>375</sup>.

Completamente decidido pela guerra contra os visigodos, o imperador Honório volta a recusar as exigências de Alarico e obriga os seus ministros, incluindo Jóvio que

---

<sup>369</sup> Zos. V 47-48; Sozom. *Hist. eccl.* IX 7; Olimp. fr. 13.

<sup>370</sup> Zos. V 47.

<sup>371</sup> Zos. V 48. Actual Rimini, na costa da Emília-Romanha.

<sup>372</sup> Herwig Wolfram defende que Alarico tinha a pretensão de eliminar o comando regional da Dalmácia, comandado pelo general Genérico e criado para travar os visigodos. Wolfram, H. (1988), p. 157.

<sup>373</sup> Zos. V 48; Sozom. *Hist. eccl.* IX 7.

<sup>374</sup> Apesar destas forças serem referenciadas na obra de Zósimo, o facto de aparecerem apenas numa referência sem terem participado em qualquer confronto, leva-nos a questionar se realmente existiram.

<sup>375</sup> Zos. V 48-50; Sozom. *Hist. eccl.* IX 7.

tinha entretanto regressado a Ravena, a jurar que nunca fariam a paz com o chefe dos visigodos<sup>376</sup>. Com a recusa, nos finais de 409, Alarico marcha em direcção a Roma e cerca mais uma vez a cidade<sup>377</sup>. As forças visigodas capturaram Porto, o ancoradouro artificial de Roma, cortando os abastecimentos de comida e, tal como no ano anterior, o senado romano acaba por ceder à pressão das forças de Alarico<sup>378</sup>.



**Figura 11** - *Solidus* do imperador Prisco Átalo. [Disponível em: [http://www.icollector.com/Roman-Empire-Priscus-Attalus-Solidus-409-410-AV-4-47g\\_i9258324](http://www.icollector.com/Roman-Empire-Priscus-Attalus-Solidus-409-410-AV-4-47g_i9258324)]

Surge, neste contexto, o outro político romano que ganhou poder com as pretensões de Alarico: Prisco Átalo (r. 409-410, r. 414-415). Nativo da Jónia<sup>379</sup>, foi um dos mais importantes cidadãos e senadores de Roma neste período<sup>380</sup>. Depois de ter sido enviado pelo senado romano como um dos embaixadores para negociar o acordo com Alarico após o primeiro cerco nos finais de 408, regressa a Roma, em 409, como o novo tesoureiro imperial. Uma das suas primeiras medidas é a de demitir Heliocrato pela lentidão nas confiscações das propriedades dos apoiantes de Estilício<sup>381</sup>.

Eleito como *praefectus urbi*<sup>382</sup> por Honório, nos finais de 409, Prisco Átalo liderou o grupo de senadores que se encontrou com Alarico durante o segundo cerco de Roma. O líder visigodo sabia que não tinha hipóteses de negociar directamente com o imperador Honório. Nesse sentido seguiu o anterior exemplo do general franco Arbogasto, que tinha elevado o cidadão romano Flávio Eugénio a Augusto, em 392. Alarico tomou a mesma opção e Prisco Átalo toma o manto de púrpura, em 409<sup>383</sup>.

Eram óbvias as intenções de Alarico. Com um imperador sob a sua asa e com poderosas forças militares ao seu dispôr, podia finalmente alcançar as suas pretensões imperiais e pressionar o governo de Ravena, que agora se via confrontado com duas

<sup>376</sup> Zos. V 47-48; Sozom. *Hist. eccl.* IX 7. Blockley, R. C. (2007a), p. 126.

<sup>377</sup> Zos. VI 1; Sozom. *Hist. eccl.* IX 8; Olimp. fr. 3.

<sup>378</sup> Zos. VI 6; Sozom. *Hist. eccl.* IX 8.

<sup>379</sup> Claud. in *Eutr.* II. 238-239.

<sup>380</sup> Olimp. fr. 3.

<sup>381</sup> Zos. V 45.

<sup>382</sup> Zos. V 46. «Prefeito da cidade»; Goldsworthy, A., (2009), p. 378.

<sup>383</sup> Zos. VI 7; Sozom. *Hist. eccl.* IX 8; Olimp. fr. 3. Oros. VII 42. 7.

usurpações. Alarico foi promovido a *magister utriusque militiae* e o seu cunhado Ataúlfo a *comes domesticorum equitum*<sup>384</sup>.

Contudo, faltava apenas resolver um problema para o domínio de Alarico e Átalo ser mais evidente, o do abastecimento de cereais vindos de África<sup>385</sup>. O governador da província da África, Heracliano, manteve a sua lealdade a Honório e parou o envio de cereais para a cidade de Roma<sup>386</sup>. Alarico queria enviar uma pequena força visigoda para retomar África, mas Prisco Átalo não permitiu que essa missão se realizasse. Em vez disso, deu o comando de uma força composta por romanos a um oficial romano<sup>387</sup>. Esta recusa de Átalo criou muita desconfiança entre o imperador e o chefe dos visigodos.

Sem esperar pelo desfecho da campanha em África, Alarico e Prisco Átalo, marcham em direcção a Ravena, tomando as regiões da Emília e da Ligúria e cercam a capital de Honório<sup>388</sup>. Assustado com esta situação, o imperador Honório fica em Ravena à espera do resultado do conflito na província da África: caso Heracliano fosse vitorioso, o imperador Honório ficava em Ravena à espera de reforços vindos de África para derrotar Alarico e Átalo, mas caso os seus soldados leais perdessem, Honório fugiria de barco da cidade de Ravena, abandonando todos os seus direitos sobre o Império Romano do Ocidente<sup>389</sup>.

Num compasso de espera, o imperador Honório enviou os seus principais cortesãos, nos quais se incluía o prefeito Jóvio, para negociar a divisão do Império do Ocidente com Prisco Átalo<sup>390</sup>. Em resposta, o usurpador Átalo recusou a proposta de divisão, mas ofereceu a oportunidade de Honório escolher o seu lugar de exílio. Entretanto, Jóvio aproveitou a fraqueza da posição do governo de Ravena para mudar de lado. Átalo promove Jóvio a *patricius*<sup>391</sup>.

A situação era extremamente volátil. Apesar de Jóvio ter mudado o seu apoio para o usurpador Prisco Átalo, os dois homens tinham opiniões completamente opostas sobre

---

<sup>384</sup> Zos. VI 7; Sozom. *Hist. eccl.* IX 8.

<sup>385</sup> O mesmo problema que Estilício teve aquando da revolta de Gildão.

<sup>386</sup> Blockley, R. C. (2007a), p. 126-127; Goldsworthy, A., (2009), p. 379.

<sup>387</sup> Zos. VI 8-9.

<sup>388</sup> Zos. VI 9-10.

<sup>389</sup> Para além do avanço de Alarico sobre Ravena, a situação na Gália com a usurpação de Constantino III colocava o imperador Honório entre duas rebeliões e sem espaço de manobra.

<sup>390</sup> Zos. VI 9.

<sup>391</sup> Olimp. fr. 13. «Patrício», que era um título de alto prestígio nos finais do Império Romano. Blockley, R. C. (2007a), p. 127.

como actuar em relação a Honório. Para além do exílio do Augusto do Ocidente, o patrício Jóvio propôs também a mutilação de Honório, proposta que Átalo recusou prontamente<sup>392</sup>.

A chegada de quatro mil soldados do exército romano do Oriente a Ravena, para a defesa da capital, permitiu a Honório ganhar alguma confiança, mas seria a notícia, chegada mais tarde, de que as forças de Heracliano tinham vencido em África, e o bloqueio dos abastecimentos para Roma, a permitir ao imperador ter algum descanso, na sua capital<sup>393</sup>. Alarico, ao ter conhecimento da situação em África e agora apoiado por Jóvio<sup>394</sup>, propôs, pela segunda vez, o envio de forças visigodas que tomassem a província e garantissem o abastecimento de cereais a Roma<sup>395</sup>.

O senado romano reuniu-se para votar a proposta de Alarico e a decisão foi favorável ao líder visigodo. Todavia, o usurpador Prisco Átalo fazia parte da minoria que votou contra o envio de tropas godas para África<sup>396</sup>. Cansado dos constantes entraves criados pelo imperador e aconselhado por Jóvio, o general Alarico decidiu terminar com o reinado de Prisco Átalo. No verão de 410, Alarico convocou o usurpador Átalo às portas de Arimino, retirou-lhe a púrpura e tornou o velho senador seu hóspede pessoal<sup>397</sup>.

Como proposta de paz, Alarico enviou as insígnias imperiais de Prisco Átalo a Honório para reabrir as negociações. Em seguida, o líder godo dirigiu-se para Ravena para se encontrar com o imperador Honório. Mas as forças comandadas por Ataúlfo foram surpreendidas e atacadas, numa pequena escaramuça, por trezentos homens comandados pelo general godo Saro<sup>398</sup>.

O líder Alarico, provavelmente pressionado pelos seus pares dentro da estrutura de comando visigoda, não teve outra solução senão voltar para Roma e atacar a cidade pela última vez. A 24 de Agosto de 410, oitocentos anos depois do saque realizado pelas forças

---

<sup>392</sup> Olimp. fr. 13. A mutilação era prática comum na parte oriental do Império Romano, mesmo durante o período do Império Bizantino.

<sup>393</sup> Zos. VI 8. Goldsworthy, A., (2009), p. 379; Blockley, R. C. (2007a), p. 127.

<sup>394</sup> Olimp. fr. 13.

<sup>395</sup> Zos. VI 10-12.

<sup>396</sup> Zos. VI 12.

<sup>397</sup> Sozom. *Hist. eccl.* IX 8; Olimp. fr. 13; Zos. VI 12.

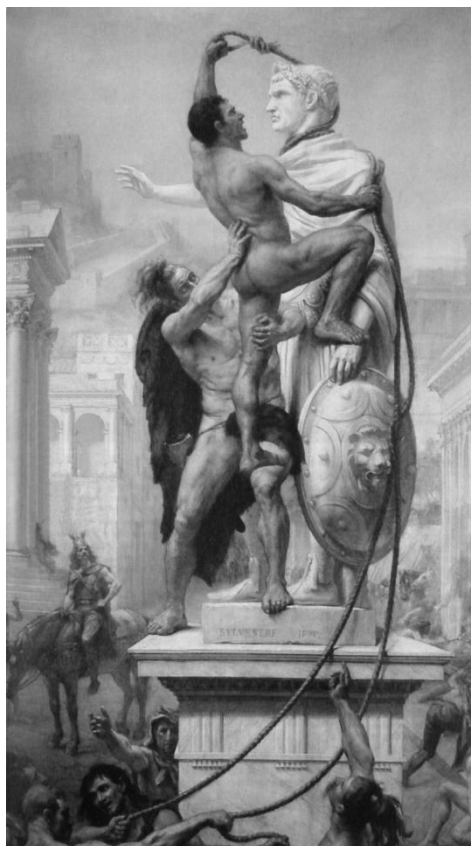
<sup>398</sup> Sozom. *Hist. eccl.* IX 9; Olimp. fr. 3; Zos. VI 12. Apesar da aparente independência de Saro, o comandante godo foi general do exército romano durante o período de Estilício. A sua ligação ao governo de Honório e o facto de se ter juntado a este depois do ataque a Ataúlfo faz-nos questionar a independência de Saro. Peter Heather refere que Saro terá perdido a eleição para líder dos visigodos contra Alarico. Heather, P. (2006), p. 227.

gaulesas<sup>399</sup>, as tropas visigodas entraram na antiga capital do Império, pela Porta Salária<sup>400</sup>, e, durante três dias, saquearam a cidade.

São bastantes as fontes que nos descrevem os acontecimentos durante o saque de Roma, que gerou ondas de choque por todo o Império<sup>401</sup>. Não é importante aqui detalhar os vários relatos das pilhagens e destruição que ocorreram na cidade, apenas que a rapidez do saque e a constante intervenção de Alarico, em relação à pilhagem de igrejas e templos cristãos, demonstraram uma contenção pouco comum para o período<sup>402</sup>. Estes mesmos militares, meses antes, eram aliados da população de Roma.

As pretensões políticas de Alarico dissolveram-se com o saque de Roma. Apesar de garantir o contentamento dos seus homens, o líder dos visigodos sabia que não havia qualquer oportunidade para negociar com o imperador Honório. Provavelmente, desiludido com os acontecimentos, Alarico marchou com as suas forças em direcção ao sul de Itália<sup>403</sup>, onde tentou depois atravessar para a Sicília, mas a sua frota foi destruída por uma tempestade<sup>404</sup>.

Forçado a voltar para Itália, Alarico adoeceu e, ainda antes do final de 410, morreu na cidade de *Consentia*<sup>405</sup>. Terá sido enterrado junto ao rio Busento<sup>406</sup>. Terminou assim a vida do antigo comandante do exército romano e líder godo rebelde, que passou grande



**Figura 12** - Saque de Roma por Joseph-Noël Sylvestre (1890). [Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Sack\\_of\\_Rome\\_\(410\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Sack_of_Rome_(410))]

<sup>399</sup> Mathisen, R. (2013), p. 87.

<sup>400</sup> Blockley, R. C. (2007a), p. 127.

<sup>401</sup> Olimp. fr. 3; Sozom. *Hist. eccl.* IX 9; Oros. VII 39-40; Jord. XXX; Idá. 43-44. Estas são apenas algumas das referências que encontramos. O artigo de Mathisen é um bom ponto de partida para estudar as problemáticas sobre o saque visigodo de Roma e das fontes que o relatam. Mathisen, R. (2013), pp. 87-102.

<sup>402</sup> Mathisen, R., (2013), p. 90.

<sup>403</sup> Goldsworthy, A., (2009), p. 181; Wolfram, H. (1988), p. 159.

<sup>404</sup> Jord. XXX.

<sup>405</sup> Oros. VII 43. 2; Olimp. fr. 10, Idá. 45; Jord. XXX. Hoje em dia a cidade de Cosenza.

<sup>406</sup> Jord. XXX.

parte da sua vida a lutar pelo reconhecimento imperial e a querer fazer parte da estrutura romana, mas que acabaria por morrer como inimigo do Império Romano.

Ironicamente, o seu maior marco não seria o papel que teve nos vários acontecimentos políticos e militares romanos deste período, mas a transformação das várias tribos godas, maioritariamente dos godos do tratado de 382, de outros bárbaros e de rebeldes romanos, numa entidade homogénea: visigodos.

A morte de Alarico não significou o fim deste povo. O seu cunhado Ataúlfo foi eleito, como seu sucessor, na liderança dos visigodos<sup>407</sup> e lutou contra Honório, pela obtenção de terras, para estabelecer o seu povo. O surgimento do reino visigodo, poucos anos depois - o primeiro reino a provocar a desagregação do Império Romano – seria, sem dúvida, o legado mais presente na história do líder godo e comandante rebelde Alarico.

---

<sup>407</sup> Idá. 45; Olimp. fr. 10.



# **PARTE II**



# I

## VISIGODOS: UMA QUESTÃO MILITAR

### 1. REBELIÃO NO SEIO DO IMPÉRIO

«Zosimus claimed, “no order existed in the camp, no distinction between Roman and barbarian: all lived intermingled, nor were there any records kept of those enrolled among the soldiery.” As a result, the military was the one institution in which the Visigoths raised themselves up into society without Roman complaint. The military became an amalgamation of different barbarian tribes and Romans. The Visigoth soldiers lived and worked among Roman soldiers, and learned from observation.»<sup>408</sup>

As questões político-institucionais dos finais do Império Romano revelaram-se fulcrais para a definição dos acontecimentos que permitiram a Alarico ter espaço para a sua revolta e para as suas pretensões imperiais. É necessário compreender como, militarmente, foi possível ao líder godo pressionar as cortes ocidental e oriental do Império, durante mais de uma década. Para isso, é necessário olhar para a forma como estava organizada a estrutura militar romana nesta época.

Uma nota prévia a ter em conta é a quase ausência de informações, por parte das fontes, acerca da organização militar visigoda, salvo as raras referências que apontam para a ausência de distinção entre os soldados godos, auxiliares e recrutas, e os legionários romanos, devido às estruturas militares, que eram centrais e integracionistas nos dois grupos<sup>409</sup>. Esta «promiscuidade» entre militares bárbaros e romanos, em especial nos exércitos formados no período de Teodósio I<sup>410</sup>, é apontada por alguns autores tardios como uma das causas para as desgraças e para a instabilidade do Império<sup>411</sup>. Visão exagerada, no

---

<sup>408</sup> Neal, J. (2011), p. 16.

<sup>409</sup> Zos. IV 30-31; Jord. XXX.

<sup>410</sup> MacDowall, S. (2012), p. 17.

<sup>411</sup> Para além das referências anti-bárbaras de Amiano Marcelino, Sinésio e Zósimo, a obra de Vegécio *De Re Militari* é exemplar desta ideologia, presente em certos campos da sociedade romana. Os quatro livros da obra defendem a reconstrução das legiões como os tempos da glória romana, contra a «barbarização» latente do exército tardio. Vegécio (2009).

nosso entender, tendo em conta a constante utilização de auxiliares e a integração de forças não-romanas ao longo da história da República e do Império Romano<sup>412</sup>.

Assim sendo, para entender a transformação de uma revolta de um grupo de auxiliares godos, escravos e desertores romanos, comandados por Alarico, numa entidade quase-independente da estrutura militar romana que surgiu no interior do *limes* romano, é importante compreender alguns factores: a organização das forças do Império, da sua defesa e dos comandos hierárquicos; a questão da lealdade ao Império e aos comandantes; o moral do exército romano e as pressões económicas e institucionais.

As reformas de Diocleciano e de Constantino mudaram o paradigma militar no qual o Império Romano se estruturava, de forma quase imutável desde a subida de César Augusto ao trono<sup>413</sup>. As antigas legiões foram divididas em unidades mais pequenas, sendo colocadas junto ao *limes* romano muito fortificado<sup>414</sup> e apoiadas por novas alas de cavalaria<sup>415</sup>. Comandadas por *duces*<sup>416</sup>, as guarnições *limitanei* e *riparienses*<sup>417</sup> eram, de início, constituídas maioritariamente por homens das fronteiras e camponeses sem terra, que faziam parte das cooperativas de pequenos e grandes latifundiários<sup>418</sup>. Mas os bárbaros do outro lado do *limes* viram no recrutamento para as guarnições uma oportunidade para entrar no Império e aceder à carreira militar romana.

Para complementar a linha de defesa fronteiriça, o imperador Constantino criou um exército móvel de reserva, formado por unidades de cavalaria, os *comitatenses*, e que tinha as suas bases localizadas em pontos nevralgicos do Império, como Paris, Milão e Antioquia. Estas unidades tinham como principal missão travar as forças invasoras que os *limitanei* não fossem capazes de deter<sup>419</sup>. Para ajudar no comando do seu exército *comitatensis*, Constantino criou os cargos militares de *magister militum* e *magister*

---

<sup>412</sup> Hansall aponta para a possibilidade da ideia da «barbarização» do exército romano surgir com as reformas de Diocleciano, com a separação dos cargos civis e militares, criando a imagem do «romano senatorial» que não se interessava pelas questões militares e a do «bárbaro militar», em que os romanos adoptaram os costumes militares bárbaros. Hansall, G. (ed.) (2007), pp. 102-103.

<sup>413</sup> Jones, A. H. M. (1964b), pp. 607-611. O segundo volume da obra de A. H. M. Jones é um bom ponto de partida para a discussão deste tópico.

<sup>414</sup> Sarantis, A. (2013), pp. 23-25.

<sup>415</sup> MacDowall, S. (2012), p. 17.

<sup>416</sup> Whately, C. (2013a), p. 221.

<sup>417</sup> «De limite e de rios». Defendiam as fronteiras terrestres e fluviais do Império Romano.

<sup>418</sup> Richardot, P. (2015), p. 21.

<sup>419</sup> Richardot, P. (2015), p. 23.

*peditum*<sup>420</sup> e, assim, a defesa do Império passou a ser exclusiva aos militares de carreira, quebrando o antigo sistema, desde Mário, de cidadão-legionário que servia. Tal como nas guarnições *limitanei e riparienses*, as reformas permitiram a entrada de recrutas e de nobres bárbaros para a estrutura militar romana. A presença de gauleses e de germanos romanizados era cada vez maior nas forças armadas de Roma, substituindo o recrutamento de civis romanos, com consequências, a prazo, óbvias<sup>421</sup>.

A divisão do Império após a morte de Constantino, as guerras civis e as usurpações durante o século IV contribuíram para a sedimentação de uma nova concepção militar romana. Os filhos de Constantino dividiram as forças *comitatenses*, dando-lhes uma expressão regional. Multiplicam-se, neste processo, os cargos de *magister peditum* e *equitum* dentro da hierarquia militar do Império<sup>422</sup>. Para colmatar a perda da importância imperial dos *comitatenses* formou-se um exército de reserva central, uma elite palatina sob o comando do imperador<sup>423</sup>.

Observa-se uma verdadeira transformação de um dos pilares nos quais se construiu o mundo romano. O exército, que até ao século IV era o centro da unidade imperial, regionaliza-se. Assume outra morfologia e diferentes comportamentos. O exército do Ocidente é, sobretudo, gaulo-germano, comandado por um número crescente de oficiais bárbaros e com diferenças substanciais em cada província ocidental. O exército do Oriente era fortemente influenciado pelas suas origens helénicas<sup>424</sup>.

As constantes guerras civis e as derrotas de Juliano contra a Pérsia, em 363, e de Valente, contra os godos tervíngios, em 378, causaram muitas baixas nas forças imperiais. Já durante o reinado do imperador Valente, a migração dos romanizados tervíngios foi olhada como uma fonte de recrutamento. Com a morte de Valente, o novo imperador Teodósio precisava rapidamente de reconstruir o exército do Oriente. Recruta, como *foederati*, grupos de bárbaros para travar a revolta tervíngia, que ainda continuava<sup>425</sup>. Pela mesma razão, Teodósio assinou o tratado de 382 com os godos revoltosos. Em troca de

---

<sup>420</sup> Cargos já referidos em capítulos anteriores. Jones, A. H. M. (1964b), p. 608.

<sup>421</sup> Lee, A. D. (2007), p. 12; Hansall, G. (ed.) (2007), pp. 102-103; Richardot, P. (2015), p. 23.

<sup>422</sup> Jones, A. H. M. (1964b), p. 608; Lee, A. D. (2007), p. 12.

<sup>423</sup> MacDowall, S. (2012), p. 16.

<sup>424</sup> Whitby, M. (2007), p. 516.

<sup>425</sup> Jones, A. H. M. (1964b), p. 612.

acolhimento dentro do Império, os godos aceitavam serem recrutas para o exército de Teodósio.

É este sistema que Honório e Arcádio vão herdar com a morte do seu pai. Um *limes* enfraquecido pelas pressões externas e internas, e os *comitatenses* com uma cadeia hierárquica confusa. É grande a necessidade de se criar o cargo de *magister militum*<sup>426</sup>, também usado para pretensões políticas e imperiais. Um único documento deste período, que detalha toda a organização militar imperial, sobreviveu até aos dias de hoje. A *Notitia Dignitatum omnium, tam civilium quam militarium*, criado para o escrivão do imperador Honório, no ano de 395<sup>427</sup>, relata todas as divisões regionais do Império, postos militares e a sua descrição, bem como cada comando e unidades dos exércitos imperiais.

Apesar dos erros presentes no documento e da disposição militar no campo nunca ser aquela que surge registada<sup>428</sup>, a *Notitia Dignitatum* ajuda-nos a perceber o modelo de organização principal, durante os quinze anos da revolta de Alarico. Que forças e comandos poderá ter enfrentado, num processo onde a situação do Império era extremamente mutável? Curiosamente, os godos tervíngios aparecem referenciados no documento como um regimento de *auxilia palatina* representado pelo seu próprio escudo sob o comando do segundo *magister militum*



**Figuras 13 e 14** - Representações dos escudos das unidades de *auxilia* godas *Visi* e *Teruungi* em *Notitia Dignitatum*. [Adaptado de *Notitia Dignitatum* (1551)]

o comando do segundo *magister militum praesentalis*<sup>429</sup>, e esse mesmo escudo é semelhante ao de outro regimento de auxiliares, os *Visi*, sob o comando do primeiro *magister militum praesentalis*<sup>430</sup>. Teremos aqui a origem do nome «visigodo»?

<sup>426</sup> O mestre de milícia surgiu como fusão dos cargos de mestre de infantaria e mestre de cavalaria.

<sup>427</sup> O documento parece ter sido modificado várias vezes, sendo o relatório da parte oriental atribuída ao ano de 395 e da parte ocidental de 420. Goldsworthy, A. (2009), pp. 359-360.

<sup>428</sup> Jones, A. H. M. (1964c), pp. 347-348.

<sup>429</sup> Mestre de milícia na presença do Imperador, comandando um exército de Constantinopla. *Notitia Dignitatum* (1551).

<sup>430</sup> Idem, *ibidem*, p. 187. De notar que os escudos embora graficamente semelhantes, apresentam cores diferentes. O escudo da figura 13 tem um fundo de cor amarela com a circunferência exterior a vermelho, enquanto o escudo da figura 14 é completamente azul.

O relato sobre estas forças auxiliares, provavelmente, indica os regimentos formados pelos godos do tratado de 382 e que combateram na batalha do rio Frígido. Terão estes auxiliares sido comandados por Alarico, enquanto oficial romano, e formado o núcleo da rebelião de 395? Certo é o facto de Alarico ter usado a estrutura militar romana para atingir os seus objectivos, e assim formar uma amálgama de auxiliares godos e romanos, e de outras forças que entretanto entraram no Império, numa entidade militar homogénea e romanizada.

As divisões políticas e militares do Império não permitiram uma melhor defesa do território romano, sendo a parte ocidental cada vez mais assolada pelas usurpações de generais e incursões bárbaras, com um *limes* mais longo e instável, quando o lado oriental, aparentemente, se apresentava mais estável, pela sua menor fronteira e pelas influências culturais helénicas<sup>431</sup>. Mas, o que fez com que todos estes generais e comandantes revoltosos, incluindo Alarico e os seus visigodos, mantivessem uma crença no «Império Romano», de imagem díspar para cada um destes líderes, mesmo lutando contra as autoridades imperiais? A resposta parece estar na lealdade dos soldados ao Império e aos seus líderes.

Durante o Alto Império, o poder político e militar estavam fortemente ligados, e a imagem política dos imperadores dependia da projecção dos sucessos militares, o que legitimava o seu reinado e garantia a lealdade dos cidadãos-legionários<sup>432</sup>. Entretanto, a alta incidência de guerras civis durante o século III<sup>433</sup>, foi um despertar para os imperadores romanos acerca do estado da lealdade do exército romano. A solução de Diocleciano de dividir o Império em quatro partes resolveu, de certa forma, a questão das guerras civis constantes, mas trouxe um novo problema: a regionalização do poder imperial e do sistema de defesa militar.

Com a separação dos cargos administrativos dos da carreira militar, o patriotismo romano de servir militarmente o seu Império foi-se desvanecendo. Os burocratas imperiais dividiram a sua atenção entre assuntos locais de taxaço e de justiça, além de outros assuntos da corte, e o imperador tornou-se numa figura distante, apenas preocupado com o dinheiro das taxas, destinadas ao pagamento da manutenção cada vez mais elevada dos

---

<sup>431</sup> McNab, C. (ed.) (2010), p. 254.

<sup>432</sup> Lee, A. D. (2009), p. 380.

<sup>433</sup> Lee, A. D. (2007), p. 51.

exércitos. Tudo isto contribuía para afastar os possíveis recrutas dos problemas do Império que não fossem ao nível local<sup>434</sup>.

Existindo este desinteresse do mundo romano em relação aos assuntos militares, era



**Figura 15** - Imperador Diocleciano e os restantes colegas de Tetrarquia. As reformas de Diocleciano iniciariam um processo lento de regionalização política e militar do Império Romano. [Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Tetrarchy>]

necessário garantir ao menos a lealdade dos soldados, para evitar os conflitos internos e civis. Em primeiro lugar, as vitórias militares e a sua comunicação eram fundamentais para promover a imagem do Imperador<sup>435</sup>. Só assim é que a lealdade imperial era mantida. Para tal, os imperadores patrocinavam autores para escreverem obras propagandísticas sobre os seus reinados<sup>436</sup>, organizavam-se corridas de hipódromo em honras das vitórias<sup>437</sup> e cunhavam-se moedas com motivos militares e com os rostos dos imperadores<sup>438</sup>. A imagem do imperador precisava de estar presente e envolvida na vida dos soldados, mesmo dos não-romanos.

Quando um recruta entrava no exército romano passava por um processo de iniciação, que consistia em prestar juramento militar, ou «sacramento», ao Império e ao imperador<sup>439</sup>, que ligava o soldado e o poder imperial<sup>440</sup>. No entanto, o incentivo material e de carreira também faziam parte do esquema de controlo das lealdades do exército romano, com o pagamento de donativos monetários em ocasiões de celebrações imperiais<sup>441</sup>, e a promoção de oficiais competentes a comandantes e generais<sup>442</sup>.

<sup>434</sup> Whitby, M. (2007), p. 525.

<sup>435</sup> Lee, A. D. (2007), p. 51.

<sup>436</sup> Como já referido anteriormente, muitos dos autores usados para esta dissertação são exemplo da propaganda a certos imperadores.

<sup>437</sup> Whitby, M. (2007), p. 525.

<sup>438</sup> Whately, C. (2013b), p. 110; Lee, A. D. (2009).

<sup>439</sup> Veg. *Mil.*, Livro II, V.

<sup>440</sup> Para mais detalhes sobre a iniciação militar, veja Lee, A. D. (2007), pp. 57-60.

<sup>441</sup> Os donativos aquando da ascensão e o quinto aniversário da ascensão do imperador eram comuns no período tardio do Império Romano. Idem, *ibidem*, p. 58.

<sup>442</sup> Jones, A. H. M. (1964b), p. 1037. Apesar da suposta competência destes comandantes, Vegécio é muito crítico em relação ao estado da disciplina e de treino dos exércitos imperiais.



A lealdade dos federados e auxiliares bárbaros não foi posta de lado. A promoção destes militares, como foram os casos de Arbogasto, Estilício e Gainas, ou a integração de líderes tribais na estrutura militar romana demonstra a preocupação de manter estes grupos não-romanos leais ao Império. As tentativas de usurpação das insígnias imperiais por parte de alguns destes comandantes bárbaros, enquadram-se num processo «normal» de luta pelo poder, pois integram os quadros imperiais. Não encontramos registro de motins bárbaros contra o Império<sup>443</sup>.

Os símbolos bárbaros, o que até este período era impensável, eram tidos em consideração como apelo à lealdade ao Império. O aumento da «barbarização» do exército romano trouxe a utilização de motivos tribais nos escudos e a atribuição de nomes germanos e francos às diversas unidades militares imperiais, o que, por sua vez, facilitava uma maior identificação destas forças com a estrutura militar romana<sup>444</sup>.

A disciplina, o treino e a lealdade à estrutura militar romana não foram suficientes para travar a desagregação do Império. Como já foi dito, a regionalização do exército romano combinada com a divisão do Império, provocada por vários candidatos simultâneos ao trono imperial, levou ao aumento do número de comandantes regionais. O recrutamento dos soldados passava directamente por esses comandantes e criava-se um laço de lealdade<sup>445</sup> entre si e os seus exércitos. Com os imperadores cada vez mais distantes nas suas capitais militares, a resolução dos problemas regionais ficava ao cargo dos exércitos *comitatenses* sob o comando dos diversos generais<sup>446</sup>.

A ambição destes militares, ou a simples descrença num novo imperador, era suficiente para se iniciar um processo de usurpação e uma guerra civil. Tal como as autoridades oficiais, os usurpadores utilizavam todos os elementos de garante de lealdade dos seus homens, com a cunhagem de novas moedas, o juramento e até mesmo a promoção de novos oficiais. Mas a ferramenta mais importante para a manutenção da lealdade era o acto de elevação de um novo imperador por parte do exército<sup>447</sup>. Este rito ligava, de forma

---

<sup>443</sup> Idem, *ibidem*, p. 1038.

<sup>444</sup> Veja-se as representações dos escudos no *Notitia Dignitatum*.

<sup>445</sup> Que acontecia desde dos tempos da República Romana.

<sup>446</sup> Lee, A. D. (2009), p. 395.

<sup>447</sup> Lee, A. D. (2007), p. 54.

directa, o novo Augusto aos seus soldados e foi, posteriormente, utilizado por Arbogasto e Alarico no contexto dos seus objectivos imperiais<sup>448</sup>.

O desaparecimento de Teodósio e a subida dos jovens Honório e Arcádio significaram a mudança deste paradigma de lealdade. Pela primeira vez, os imperadores não lideravam os exércitos. O comando era entregue a militares, como Estilício ou a políticos, como Rufino e Eutrópio. A lealdade à figura do Imperador era cada vez mais ténue e os comandantes, em especial no Ocidente, aproveitaram bem as fraquezas políticas e militares das cortes imperiais. Alarico é um desses militares<sup>449</sup>, «dispondo» a sua lealdade a troco de tributos e da sua ambição política sobre a estrutura romana.

Todavia, apesar de todo o sistema de lealdade do final do Império Romano, esta não se conseguia obter sem ter em conta um factor importante: o moral dos militares romanos e bárbaros. É possível apresentar a questão do moral em três pontos: causa política e liderança, coesão e «bem-estar»<sup>450</sup> e regras e castigos.

A causa e a liderança já foram aspectos anteriormente abordados. Com o afastamento progressivo do mundo civil romano das questões militares, os exércitos romanos tornam-se mais dependentes do recrutamento em áreas agrícolas, pobres e de «bárbaros»<sup>451</sup>, o que, por sua vez, aumenta ainda mais a desconfiança da eficácia dessas forças<sup>452</sup>. Por outro lado, a ambição e corrupção ao nível das lideranças políticas e militares também aumentava a descrença sobre a autoridade imperial<sup>453</sup>. Os usurpadores tentavam minar o moral dos seus adversários<sup>454</sup>, e os oficiais corruptos enriqueciam com as fraquezas do Império<sup>455</sup> e dos soldados que comandavam<sup>456</sup>.

---

<sup>448</sup> As elevações de Flávio Eugénio e Prisco Átalo.

<sup>449</sup> Falamos do período da possível deserção durante a usurpação de Magno Máximo e os anos de rebelião após a morte de Teodósio.

<sup>450</sup> Fields, K. (2014), p. 6.

<sup>451</sup> Idem, *ibidem*, pp. 12-19.

<sup>452</sup> Vegécio era muito crítico do estado a que chegou a disciplina e o moral das legiões romanas; Veg. *Mil.*, Livro II, III.

<sup>453</sup> O tópico «Abusos administrativos» da obra de A. H. M. Jones é um bom resumo das práticas de corrupção do período tardio do Império Romano. Jones, A. H. M. (1964b), pp. 1053-1058.

<sup>454</sup> Como exemplo, as recompensas que o usurpador Magno Máximo prometeu aos desertores do exército do imperador Teodósio. Zos. IV. 43.

<sup>455</sup> O caso do comandante Lupicino durante a travessia tervínga do rio Danúbio, que originou a revolta goda de 376. Amm. Marc. XXXI. 4. 9-11.

<sup>456</sup> Alguns oficiais extorquiam a *annona* e o *stipendium* dos soldados. Fields, K. (2014), pp. 45-48.

A regionalização e a fragmentação militar e política do império criaram, por sua vez, problemas de coesão e «bem-estar» dos exércitos romanos. A constante sangria criada pelas guerras civis obrigou os imperadores e generais a medidas no sentido de poderem reconstruir as suas estruturas *comitatenses*. As forças do *limes* foram sendo retiradas<sup>457</sup>, os federados bárbaros ganhavam uma maior preponderância na estrutura militar romana e a rivalidade imperial entre ocidente e oriente recaía sobre os exércitos<sup>458</sup>.

A rebelião de Alarico, em 395, é um bom caso de estudo para a observação do moral pela coesão e pelo «bem-estar». A morte de milhares de auxiliares godos durante a batalha do rio Frígido<sup>459</sup> causou descontentamento nos sobreviventes. A isto juntava-se a recusa imperial em reconhecer a importância daquelas forças de *auxilia* na batalha, e a não promoção do seu chefe, Alarico. Este sentimento ajuda à eclosão da revolta. Isto demonstra como era importante neste período manter as forças imperiais moralizadas e coesas. O contrário possibilitava a transformação das unidades militares imperiais em exércitos rebeldes e «fora-da-lei». Alarico percebia esta importância de tal forma que se viu forçado a permitir o saque de Roma, em 410, para garantir a unidade e lealdade dos visigodos.

O treino militar e o estado do equipamento também eram fundamentais para o «bem-estar» e o moral dos exércitos romanos. Apesar de os autores tardios relatarem uma perda de qualidade no treino militar<sup>460</sup>, as descrições das batalhas não dão essa imagem, antes pelo contrário, tirando os desastres militares romanos que podem ser atribuídos a erros tácticos por parte dos comandantes, são raras as derrotas imperiais nesta época.

Por sua vez, o estado do equipamento era fulcral para o êxito e para a sobrevivência dos soldados no campo de batalha. Além do equipamento militar inicial fornecido pelas estruturas imperiais, o recruta era responsável pela substituição de alguma peça, ou seja, pagava do seu bolso o novo equipamento<sup>461</sup>. No entanto, por causa da corrupção dos burocratas e oficiais do exército<sup>462</sup>, da espiral inflacionária existente nos séculos III e IV e o

---

<sup>457</sup> A revolta e usurpação de Constantino III, em 406, deveu-se à retirada das forças do *limes* da Britânia e da Gália por parte de Estilício e à subsequente migração bárbara para a Gália.

<sup>458</sup> Zos. V 7. São constantes as desordens entre soldados do exército do ocidente e do exército do oriente quando Estilício comandava as duas forças após a morte de Teodósio.

<sup>459</sup> Oros. VII 35. 19.

<sup>460</sup> Veg. *Mil.*, Livro I. O primeiro livro de Vegécio foi dedicado ao recrutamento e treino militar.

<sup>461</sup> Fields, K. (2014), p. 48.

<sup>462</sup> Jones, A. H. M. (1964b), pp. 1053-1058.

desaparecimento do *stipendium* durante o século V<sup>463</sup>, muitos destes soldados não tinham forma de pagar e acabavam por combater com o equipamento danificado, ou mesmo sem o equipamento necessário. Em caso de dispensa militar, o equipamento voltava para o arsenal, ou seja, para a posse da administração romana<sup>464</sup>. No caso da revolta de Alarico, os visigodos recolhiam todo o tipo de armamento dos soldados romanos mortos em combate, prática comum nos campos de batalha da antiguidade, permitindo assim manter a força minimamente equipada e moralizada.

Por fim, as regras e castigos por indisciplina estavam bem regularizados<sup>465</sup>, evidência de que o moral do sistema militar romano, como um todo, não era descurado. Facas de dois gumes, as regras e castigos eram motivadoras ou dissuasoras conforme a sua aplicação. Os imperadores Constâncio, Valentiniano e Valente são descritos com vários níveis de crueldade na aplicação dos castigos<sup>466</sup> e Vegécio defende a rápida e rigorosa aplicação das leis e das punições de todos os tipos de crimes militar, como exemplos públicos, para travar futuras ofensas às regras<sup>467</sup>.

No entanto, o mesmo autor, também aconselha que todos os oficiais deviam conhecer bem os militares que comandavam, para criar um equilíbrio entre relações de amizade e de autoridade e manter o moral elevado nas unidades do exército romano. Uma atitude estritamente punitiva das autoridades militares sobre os soldados levava muitas vezes à quebra de confiança e posterior amotinação ou deserção, o que, em certa medida, se passou com os *auxilia* godos, em 395.

Chegamos ao último ponto referenciado para as condições que podem levar a uma rebelião: as questões económicas. A transformação do paradigma de organização do exército romano, suportada na infantaria pesada para uma estrutura regionalizada e cada vez mais ligeira e móvel, onde a cavalaria assume maior importância, causou inevitavelmente um aumento dos custos militares para o Império.

Com as reformas de Diocleciano, o número de efectivos cresceu para sustentar a exigência da reorganização militar romana, chegando aos seiscentos mil homens, no início

---

<sup>463</sup> Jones, A. H. M. (1964a), pp. 438-448.

<sup>464</sup> Woods, D. (1993), pp. 55-65.

<sup>465</sup> Fields, K. (2014), pp. 54-55.

<sup>466</sup> Eadem, *ibidem*, p. 54.

<sup>467</sup> Veg. *Mil.*, Livro III, X.

do século V<sup>468</sup>. Por sua vez, a maior preponderância da cavalaria nos exércitos tardios fez aumentar os custos de alimentação, entre muitos outros aspectos económicos, destas forças, em comparação com as unidades do Alto Império<sup>469</sup>. Como resultado, o peso militar nas finanças imperiais e taxas sobre a população era muito elevado.

Os imperadores tardios sabiam que este era um grave problema para a estabilidade do Império. Diocleciano procurou resolver o problema através da criação de mais províncias e de dioceses, mas a divisão do Império repartiu por várias entidades burocráticas a recolha de taxas. No ano de 375, o imperador Valente, introduziu uma taxa sobre o recrutamento. Os grandes latifundiários e os consórcios de pequenos agricultores eram obrigados a fornecer recrutas ao Império e pagar o equipamento, ou entregar trinta soldos por cada recruta, mais seis soldos pelo equipamento<sup>470</sup>.

Este poderá ter sido um dos motivos pelo qual Valente aceitou a migração dos tervingos para o território romano, em 376. Estes eram uma nova fonte de recrutamento, barata, e que se juntava à taxação exercida sobre os proprietários rurais do Império. Todavia, a revolta dos godos e a derrota romana em Adrianopla, acentuaram a crise do sistema imperial.

Provavelmente, Alarico, entendia bem a importância das pressões financeiras. A escolha por pilhar os territórios da Grécia e da Ilíria, e a permanente luta entre as duas cortes imperiais pela jurisdição da prefeitura da Ilíria, sempre com Alarico como *magister militum*, só se justifica pela riqueza e volume dos impostos gerados na província.

As invasões dos visigodos na Península Itálica foram, também, uma forma de acentuar a pressão financeira, com o chefe godo a exigir tributos e terras em troca da paz. Calcula-se que o Senado Romano terá pago a Alarico o equivalente a oitocentos mil soldos em libras de ouro durante os dois cercos a Roma<sup>471</sup>.

É certo que outros factores impulsionaram e permitiram que os godos se rebelassem contra o Império. Mas podemos concluir que as transformações administrativas e militares ocorridas durante a fase tardo-imperial abriram muitas brechas no Império. Os exércitos e as lealdades regionalizaram-se, os cidadãos ficaram descrentes nas estruturas imperiais e os

---

<sup>468</sup> MacDowall, S. (2012), p. 16. Este número é retirado do *Notitia Dignitatum*. Deve-se ter cautela ao trabalhar com estes números.

<sup>469</sup> Jones, A. H. M. (1964b), p. 1035.

<sup>470</sup> Idem, *ibidem*, p. 615.

<sup>471</sup> Estas contas são feitas a partir das referências de Zósimo aos tributos. Lee, A. D. (2007), p. 121.

«bárbaros» ficaram como num limbo, onde eram necessários para tapar as lacunas do recrutamento, mas, ao mesmo tempo, não eram aceites pela sociedade romana.

É nesta brecha entre dimensão regional, sociedade e a questão da lealdade militar, que Alarico encontrou o espaço para se movimentar, para construir um sistema militar visigodo e para preparar as suas forças, como veremos em seguida. Acções que desencadeariam o processo de desagregação do Império Romano do Ocidente e o surgimento dos reinos bárbaros, herdeiros de Roma.

## 2. AS FORÇAS DE ALARICO: RECRUTAMENTO E TREINO

«Zosimus describes Rufinus ordering Alaric to advance against Stilicho ‘with his barbarians and men of all origins’. Similarly, Stilicho planned to send Alaric’s ‘army of barbarians’ alongside Roman troops to fight Constantine ‘III’ in Gaul. In Italy in 408, too, Alaric was joined by mutinous barbarians recruited from other bands and by Roman slaves. This too must have made his force more ethnically mixed than the traditional interpretations allow.»<sup>472</sup>

Durante os quinze anos da revolta de Alarico, vários foram os grupos não-romanos que encontram no líder godo uma esperança de conseguirem o que sempre pretenderam das autoridades imperiais: melhores condições de vida e terras a que podiam chamar suas. Apesar de inicialmente ter como epicentro um levantamento de unidades de *auxilia* godas, a manutenção da rebelião só é possível com o recrutamento de novos militares. O enquadramento de novos soldados visigodos possibilitava a formação de uma entidade militar paralela aos exércitos do Império Romano. Que forças são estas que Alarico recrutou? Que tipologia de treino tinham? Que modelo tático assumiam nos campos de batalha? Que sistema estratégico as caracteriza? São questões fundamentais para se entender a ascensão de um novo paradigma militar no ocaso da Roma imperial.

A natureza das forças de Alarico é, ainda hoje, um entusiasmante campo de debate científico. A definição tradicional coloca o líder godo à frente de um grupo de descendentes da migração tervíngia, conduzida por Fritigerno e que se estabeleceram nos territórios romanos após a revolta goda de 376 e o tratado de paz de 382<sup>473</sup>. No entanto, outras teses se apresentam, rejeitando a continuidade entre os grupos de Fritigerno e a revolta de Alarico, apontando para uma amálgama de forças, que se reuniu à volta do líder visigodo, ou mesmo uma entidade amotinada e formada a partir da desagregação da estrutura militar romana e constituída, exclusivamente, das unidades de *auxilia* romanos<sup>474</sup>.

Apesar de as fontes para este período não serem muito esclarecedoras, é preciso ter em conta alguns dados. Os godos de 382 foram transformados por seis anos de migração e

---

<sup>472</sup> Hansall, G. (ed.) (2007), pp. 192-193.

<sup>473</sup> Heather, P. (1999), pp. 48-50.

<sup>474</sup> Teses defendidas por Liebeschuetz e Thomas Burns. Hansall, G. (ed.) (2007), p. 190.

pelas sistémicas revoltas de tervingos, greutungos e pequenos grupos de alanos e hunos, nos quais os antigos sistemas de liderança germanos foram desaparecendo. Logo, a tese de continuidade tem de ser posta de lado, na nossa opinião. Alarico não surge inicialmente nas fontes como um chefe militar federado, mas como um soldado desertor e um oficial auxiliar rebelde à procura de promoção. Esta informação fortalece as teses da génese militar dos visigodos a partir de um levantamento de unidades de *auxilia* godos com ambições definidas no seio político do Império, as quais, posteriormente, foram reforçadas pelo recrutamento de efectivos e por outras forças não-romanas.

Usando as descrições dos autores tardios é possível reconstruir os momentos nos quais foram recrutados militares para reforçar os visigodos de Alarico:

- 1) Ano 395 - A revolta de auxiliares do exército de Teodósio, que combateram na batalha do rio Frígido.
- 2) Anos 395-399 - A ocupação da prefeitura da Ilíria por Alarico, primeiro como rebelde e depois como *magister militum*.
- 3) Anos 401-405 - A fuga de Alarico após as derrotas contra Estilício na Itália.
- 4) Anos 408-410 - A segunda invasão da Itália até ao saque de Roma.

Um dos principais problemas para o estudo do período tardo-romano é o relato da dimensão das forças apresentadas pelos autores, e muitas vezes é exagerado. A morte de dez mil godos destinados ao massacre junto ao rio Frígido<sup>475</sup>, usada com uma das razões para a revolta de 395, é exemplo disso mesmo. Tendo em conta que estes homens eram auxiliares no exército oriental, isto representaria a perda de dez a vinte unidades de *auxilia*<sup>476</sup>, ou seja, quase a totalidade do número de *auxilia* e metade dos efectivos sob o comando de um *magister militum praesentalis* no exército do Império do Oriente<sup>477</sup>.

Estes números tornam-se ainda contraditórios quando o general godo Gainas perde um terço da sua força, cerca de sete mil godos, a ser massacrada durante a tentativa falhada

---

<sup>475</sup> Oros. VII 37. 19.

<sup>476</sup> O número de efectivos de um *auxilia* difere entre quinhentos a mil e duzentos conforme a fonte. Elton, H. (2009), p. 279; MacDowall, S. & Embleton, G. (1995), p. 5.

<sup>477</sup> Not. Dign. Or.



de golpe de estado em Constantinopla, no ano 400<sup>478</sup>. Isto, ao mesmo tempo, que Alarico preparava a sua invasão a Itália. A fazer fé nestes números, a capacidade militar goda dentro do *limes* seria suficiente para aceitar baixas deste volume de cinco em cinco anos. Díficil de conceber.

É necessário repensar as descrições das fontes, não só nos números indicados, mas também nas definições de «godos» e «bárbaros»<sup>479</sup>. No entanto, mesmo aceitando que a revolta inicial de Alarico continha auxiliares godos, romanos e de outros povos, continua a ser difícil perceber a verdadeira constituição do primeiro momento das forças militares do líder visigodo. Sabemos, de certeza, que o treino militar romano era comum para todos.

Para o segundo momento é possível afirmar que a principal fonte de recrutamento de Alarico foram os godos do tratado de 382. Os primeiros anos da rebelião centram-se na pilhagem e domínio das regiões da Grécia e da Ilíria, vizinhas da região da Trácia onde se tinham estabelecido em 382. As fontes são fragmentárias para os anos entre 395 e 399, mas a pouca informação que se obtém indica que o *magister militum* Alarico, sob as ordens do prefeito oriental Rufino, terá comandado os «seus bárbaros» e mais homens de outras origens étnicas<sup>480</sup>. Tal parece indicar que Alarico não recrutava exclusivamente neste grupo godo (o do tratado de 382), mas que o fazia numa base bem mais alargada.

A reentrada de Alarico para a estrutura militar romana, como mestre de milícia para a Ilíria, durante este período, permitiu-lhe ter acesso legal à logística civil e militar da prefeitura romana. Capacidade que o chefe godo não desdenhou para reforçar as suas forças com novos recrutas e equipamento<sup>481</sup>. Demonstra-se que a continuidade da rebelião assenta, também, no próprio sistema militar imperial. Esta perspectiva vem reforçar a tese que subscreve para Alarico uma imagem de comandante romano «fora-da-lei» e não a de um simples chefe tribal.

A situação política instável no Império do Oriente empurrou Alarico para o ocidente. O que aumenta a sua ambição imperial, que rapidamente se esboroa às mãos das

---

<sup>478</sup> Zos. V 19-21.

<sup>479</sup> De novo a questão da separação dos mundos civil e militar romanos e a imagem criada pelos autores clássicos de um exército «barbarizado».

<sup>480</sup> Zos. V 5.

<sup>481</sup> O interior dos Balcãs, a antiga Ilíria, era conhecido pelos centros de recrutamento e pelas *fabricae* militares. Whitby, M. (2002), pp. 21-22.

forças de Estilício. Alarico retira para a Panónia para recuperar do falhanço em Itália<sup>482</sup>. No entanto, a rápida recuperação das forças visigodas nos anos seguintes leva-nos a duvidar dos relatos da dimensão do desaire militar em Itália<sup>483</sup>.

Durante o terceiro momento de recrutamento, Alarico deixa de ter acesso à estrutura romana que muito lhe tinha servido nos anos anteriores. O líder godo ficou dependente das forças que já tinha no seu comando, «os seus visigodos», apoiados por bandos hunos<sup>484</sup>. As derrotas em Itália não ditam o fim da liderança de Alarico. Antes pelo contrário, Estilício percebe que o líder godo é uma peça fundamental para o futuro do Império, e que os visigodos ainda eram uma força considerável dentro do *limes* romano.

Apesar de a movimentação militar de Alarico para a Ilíria, e de ser novamente promovido a comandante das forças da prefeitura (desta vez por Honório), o plano de ocupação conjunta com Estilício nunca chega a acontecer e o chefe visigodo, descontente com a espera, dirige as suas forças para o norte da Península Itálica. É, então, com a morte do general Estilício que os visigodos alcançam uma quarta vaga de recrutas para as suas forças. Com a purga das famílias dos auxiliares recrutados após a derrota do godo Radagaiso, estes soldados desertaram e viram no exército de Alarico a sua sobrevivência<sup>485</sup>.

Os números das forças visigodas foram aumentando durante a segunda invasão da Itália e sucessivos cercos de Roma, graças aos escravos que foram libertados da cidade<sup>486</sup> e à intervenção política de Alarico nas questões imperiais, o que permitiu a este chefe dos godos aceder às estruturas logísticas em território itálico, com as quais as forças visigodas se reforçaram. O saque de Roma ditaria o fim das pretensões de Alarico, que morreu poucos meses depois. Mas a morte do chefe não faz eclipsar o exército visigodo.

Com o recrutamento de grupos tribais e gentes tão diversas, era normal que houvesse uma mistura de modelos de treino e de tática, romano e «bárbaro», entre os homens de Alarico. Não existe qualquer relato sobre as unidades que o líder godo colocava em campo e que treino recebiam, mas é possível deduzir através do que conhecemos dos

---

<sup>482</sup> Oros. VII 37; Claud. *de bello Get.*; Claud. *de VI cons. Hon.* 127; Jord. XXIX.

<sup>483</sup> O poeta Claudiano, autor da propaganda de Estilício, é a principal fonte para a primeira invasão da Itália por Alarico, o que nos faz ter cautela em aceitar os seus relatos.

<sup>484</sup> Zos. V 37.

<sup>485</sup> Zos V 35; Olimp fr. 9. Zósimo relata que trinta mil auxiliares se juntaram a Alarico. No entanto, Olimpodoro refere que apenas doze mil *optimati* de Radagaiso se aliaram a Estilício, contradizendo os números de Zósimo.

<sup>486</sup> Zos V 42.

tratados militares romanos e descrições anteriores das batalhas contra os godos, a natureza destas forças.

É através dos autores romanos e gregos que conhecemos o modelo militar godo e as suas transformações ao longo dos séculos. Os homens adultos livres deviam prestar serviço militar, sendo exigido a cada tribo que contribuísse com uma «centena», os quais posteriormente eram divididos pelos exércitos em unidades decimais de dez, cem, quinhentos e mil homens, a *thiufa*, que se combinavam para formar *catervae* de seis mil efectivos<sup>487</sup>.

Estes homens não tinham qualquer tipo de treino, sendo os infantes colocados na linha da frente para ganharem experiência<sup>488</sup> e o equipamento que usavam era da responsabilidade de cada recruta. Isto implicava uma divisão das forças pela riqueza dos seus homens. A cavalaria era constituída pelos nobres e mais ricos que conseguiam arranjar o equipamento completo e o cavalo. A infantaria pela grande maioria dos recrutas e pelos arqueiros mais pobres<sup>489</sup>.

Os reis e os nobres tinham os seus próprios séquitos, os *optimates*<sup>490</sup>, que representavam o melhor que um exército godo podia ter. Um cavaleiro completamente equipado, com o seu cavalo também protegido por uma armadura, e preparado para combater com arco e flecha e corpo-a-corpo<sup>491</sup>.

Durante a marcha, a cavalaria ocupava a vanguarda do grupo e a infantaria a retaguarda, com a infantaria ligeira mais atrás<sup>492</sup>. Em alturas de grandes movimentações, as forças godas levavam consigo as carroças que auxiliavam no transporte e em casos excepcionais, das famílias dos soldados<sup>493</sup>. Eram colocadas em filas na retaguarda para proteger a infantaria e permitir o rápido posicionamento defensivo em forma de *carrago*<sup>494</sup>.

---

<sup>487</sup> Syvanne, I. (2012), p. 29.

<sup>488</sup> MacDowall, S. & McBride, A. (1996), p. 15.

<sup>489</sup> Syvanne, I. (2012), pp. 29-31.

<sup>490</sup> Olimp fr. 9.

<sup>491</sup> Syvanne, I. (2012), p. 31. Tanto os godos como os romanos copiaram o modelo dos cavaleiros catafractários das tribos sármatas; MacDowall, S. (2002), pp. 18-20.

<sup>492</sup> Idem, *ibidem*, pp. 31-32.

<sup>493</sup> As carroças foram um elemento fundamental para as migrações godas e suporte nas guerras contra o Império Romano.

<sup>494</sup> Fortificação circular criada pelo posicionamento das carroças. Idem, *ibidem*, p. 33.

Em campo, as forças godas eram dispostas em várias formações: falange, cunha e quadrado<sup>495</sup>. A infantaria era colocada no centro, formando um muralha de escudos, e a cavalaria nos flancos. Iniciado o combate, a infantaria avançava primeiro e tentavam desmoralizar o inimigo com os seus gritos de guerra<sup>496</sup>. A cavalaria, por sua vez, flanqueava as forças opositoras, sendo protegida pela infantaria goda.

Por fim, os arqueiros godos também tinham um papel fundamental no campo de batalha, essenciais contra a infantaria ligeira inimiga<sup>497</sup>. Os relatos do arco e flecha na batalha de Adrianopla, em 378, e quantidade de pontas de seta encontradas em sítios arqueológicos visigodos, em território hispanico, demonstram a importância das unidades de arqueiros (com a prevalência de soldados a pé), no modelo militar godo<sup>498</sup>.

É difícil saber o que sobrou destes modelos godos após as migrações para o interior do *limes* romano e integração em regimentos de auxiliares do Império. Todavia, o constante contacto entre godos, germanos e romanos, ao longo dos séculos, possibilitou que estas forças se adaptassem e copiassem as táticas dos seus adversários. Por isso, o *fulcum* godo<sup>499</sup> não seria diferente da *testudo* romana. A formação da infantaria em cunha era igual nos dois modelos, e a importância da cavalaria, constituída por elementos «bárbaros», estava a crescer no modelo romano.

Assim, a força inicial de Alarico, apesar de ser constituída principalmente pelos *auxilia* revoltosos e recrutas godos, não devia diferenciar-se muito dos antigos modelos godos e do modelo tático e de treino romano. A cavalaria continuou a ser fundamental para os visigodos<sup>500</sup>, apoiados por infantaria das mais diversas origens. Desconhece-se, no entanto, a organização hierárquica das forças visigodas com precisão. Supomos que o sistema de chefe-de-guerra seria o preponderante.

---

<sup>495</sup> MacDowall, S. & Embleton, G. (1995), pp. 45-47; Syvanne, I. (2012), p. 32.

<sup>496</sup> MacDowall, S. & Embleton, G. (1995), p. 46. Com a crescente «barbarização» do exército romano, estes gritos de guerra (o *barritus*) passaram também a ser parte da panóplia de outros gritos e sinais sonoros utilizados pelas forças romanas ao longo dos tempos.

<sup>497</sup> Veg. *Mil.*, Livro I, XX. Vegécio utilizou o exemplo da eficácia dos arqueiros godos para criticar a incúria e preguiça que levou ao sucessivo desaparecimento da infantaria pesada romana dos campos de batalha.

<sup>498</sup> DeVries, K & Smith, R. D. (2007), pp. 33-34.

<sup>499</sup> Muralha de escudos. MacDowall, S. & Embleton, G. (1995), p. 32, p. 45.

<sup>500</sup> Temos o exemplo dos reforços de cavalaria ostrogoda e hunas sob o comando de Ataúlfo. Zos. V 37.

A única grande diferença entre o modelo visigodo e o romano incide na completa ausência de utilização da poliorcética por parte das forças visigodas<sup>501</sup>, o que permitiu aos exércitos romanos retirar para o interior das cidades quando necessário e forçar a debandada dos visigodos com ataques sobre o sistema logístico dos godos.

As forças de Alarico representaram, ao mesmo tempo, uma continuidade e uma quebra dos modelos militares exteriores ao *limes*. Apesar de maioria goda, o paradigma militar visigodo foi muito marcado por ser inicialmente uma revolta de auxiliares do exército imperial, com treino e conhecimento táctico germano-romano. O recrutamento de grupos de várias origens, por parte de Alarico, não parece ter influenciado o modelo militar visigodo e este seria a base para os exércitos dos posteriores reinos visigodos que vieram a existir<sup>502</sup>.

---

<sup>501</sup> O cerco de Constantinopla é exemplo disto. Claud. *in Ruf.* II 54–99.

<sup>502</sup> Syvanne, I. (2012), p. 34.

### 3. ARMAMENTO E EQUIPAMENTO: UM SUCESSO LOGÍSTICO?

«Visigoth Warrior c AD 400

The Visigoths were mainly infantry. The long-sleeved tunic and odd shield are characteristic - but oval shields were also used.

Captured Roman arms were frequently carried.»<sup>503</sup>

A logística era um dos maiores problemas para as forças militares da antiguidade, sendo necessária para alcançar os seus objectivos ou, simplesmente, sobreviverem. Para além das movimentações políticas de Alarico, os visigodos precisavam de afirmar o seu poderio como uma força capaz de enfrentar as autoridades imperiais e de manter a pressão para obterem o que pretendiam. Apesar das várias derrotas nos campos de batalha, durante os quinze anos de rebelião armada, os visigodos conseguiram manter sob pressão o Império Romano, sendo o seu maior feito o saque de Roma.

Este sucesso, o qual continuou muito para além da morte de Alarico, só foi possível através de uma força bem equipada e preparada para lidar com os exércitos imperiais e com as dificuldades provenientes das constantes movimentações dos grupos apoiantes de Alarico. Também era importante, além das pretensões políticas do comandante godo, a obtenção de cargos relevantes na estrutura romana, o que lhe permitia ter acesso legal aos abastecimentos, equipamentos e armamento<sup>504</sup>, algo que as forças godas de Alarico parecem ter aproveitado muito bem.

Tendo em conta esta situação, é relevante desconstruir duas ordens de problemas que foram fundamentais para a boa preparação logística dos visigodos: que tipo de equipamento e de armamento usavam e como o obtiveram; um segundo aspecto é o de saber qual o papel que as carroças tiveram para o abastecimento e a movimentação das forças visigodas, de acordo com o espaço da rebelião e as vias disponíveis.

Tocando no primeiro ponto, está praticamente ausente qualquer tipo de referência ao equipamento e ao armamento, nas fontes descritivas, sobre o período da rebelião visigoda. Por isso, apenas podemos formular algumas hipóteses a partir das circunstâncias reunidas à volta da força do líder visigodo. Sendo o núcleo duro da rebelião as unidades de

---

<sup>503</sup> Warry, J. (2004).

<sup>504</sup> Hansall, G. (ed.) (2007), p. 203.

auxiliares godos do exército romano, o equipamento visigodo era o mesmo usado pelos soldados imperiais e, como consequência disto, as forças visigodas eram praticamente indissociáveis das forças do Império, apenas diferenciados pelas pinturas nos escudos e aparência física<sup>505</sup>.



**Figura 16** - Artefactos arqueológicos encontrados numa campa de um soldado germano do período tardo-romano.  
[Extraído de MacDowall, S. & Embleton, G. (1995), p. 23]

Mesmo quando novas forças se juntaram às fileiras de Alarico, o equipamento romano continuou a ser o preferido para os visigodos, que utilizavam as armas capturadas aos romanos em batalha, nas pilhagens<sup>506</sup> e, também, obtidas legalmente durante os períodos em que Alarico teve acesso à logística militar imperial. Contudo, é possível que a cavalaria visigoda, constituída em parte por bandos de godos e hunos, exteriores ao *limes* romano utilizasse equipamento não-romano.

Com base nas descrições de Vegécio sobre o equipamento romano e bárbaro do século IV<sup>507</sup>, e em trabalhos arqueológicos recentes<sup>508</sup>, é possível recriar uma ideia do armamento típico dos soldados de infantaria e cavalaria visigoda:

---

<sup>505</sup> MacDowall, S. & Embleton, G. (1995), p. 14. Isto explica a necessidade, para além da questão da lealdade, de identificar as forças dos exércitos romanos através de símbolos e totens pintados nos escudos, como referenciado no *Notitia Dignitatum*.

<sup>506</sup> Warry, J. (2004), p. 210.

<sup>507</sup> Veg. *Mil.*, Livro I.

<sup>508</sup> Kazanski, M. (2013), pp. 493-521. Para completar o conhecimento acerca do equipamento militar para o período tardo-imperial, temos as várias publicações de divulgação de Simon MacDowall. A informação arqueológica existente é, também, uma boa base de trabalho.

- Armamento ofensivo:

Tal como os soldados romanos do período tardio, os visigodos tinham a preparação necessária para usar qualquer tipo de armamento ofensivo. Não é de estranhar que um militar de Alarico se apresentasse equipado com espada, lança, dardos e arco<sup>509</sup>. Isto permitia à infantaria visigoda estar preparada para combater em diversos cenários táticos. A espada de uma mão, *spatha*<sup>510</sup>, era utilizada principalmente para o combate corpo-a-corpo após a carga e o choque das muralhas de escudos. Sendo um pouco maior que o *gladius*, a *spatha* substituiu, por completo, a antiga arma das legiões nos finais do Império Romano.

As lanças, *spiculum*<sup>511</sup> e *lancea*<sup>512</sup>, e os dardos, *plumbatae*<sup>513</sup>, foram outras das armas ofensivas que os visigodos terão adaptado dos romanos. O *spiculum* e a *lancea* eram as principais armas ofensivas da infantaria romana e visigoda, tendo a mesma função que o antigo *pilum*. A cavalaria visigoda, possivelmente, utilizava a *lancea*, mais pequena que o *spiculum*. As *plumbatae*, pelo seu tamanho reduzido<sup>514</sup>, eram ótimas armas para travar unidades móveis, mas, pela complicada utilização e custo de produção<sup>515</sup>, podem não ter sido muito utilizadas pelas forças de Alarico.

Não é possível saber que tipos de arco os visigodos utilizavam durante a rebelião de Alarico, mesmo conhecendo alguma tipologia romana para o mesmo período, o arco compósito recurvo, a *manuballista* e a *arcubalista*<sup>516</sup>. Outra hipótese de tipologia era a utilizada pelas tribos godas, arcos longos de 1.68 metros que permitia à infantaria e cavalaria godas uma maior capacidade de combate no campo de batalha<sup>517</sup>.



**Figura 17** - *Spatha* romana. [Extraído de MacDowall, S. & Embleton, G. (1995), p. 29]

<sup>509</sup> O equipamento tipo para o soldado romano. Elton, H. (2009), p. 286.

<sup>510</sup> MacDowall, S. & Embleton, G. (1995), p. 29; MacDowall, S. & McBride, A. (1996), p. 13.

<sup>511</sup> Veg. Mil., Livro I, XV.

<sup>512</sup> Warry, J. (2004), p. 209; MacDowall, S. & Embleton, G. (1995), p. 57.

<sup>513</sup> MacDowall, S. & Embleton, G. (1995), p. 57.

<sup>514</sup> Elton, H. (2009), p. 288.

<sup>515</sup> Idem, *ibidem*, p. 57.

<sup>516</sup> Veg. Mil., Livro I, XV. Dois tipos de bestas.



- Armamento defensivo:

À semelhança do armamento ofensivo, o visigodo, provavelmente, apresentava-se com a mesma tipologia defensiva que o dos romanos. Além do equipamento godo normal composto por túnicas, capas, calças, cintos e sapatos, a grande maioria dos soldados de Alarico usava escudo, *scutum*<sup>518</sup>. De formato redondo ou oval, o *scutum* era a principal arma defensiva usada pelo exército visigodo. Permitia uma organização tática em muralha



**Figura 18** - Capacete *spangenhelm*. [Extraído de MacDowall, S. & McBride, A. (1996), p. 28]

de escudos e aumentava a capacidade defensiva individual nos combates corpo-a-corpo. À boa maneira das antigas legiões podia, o escudo, ser usado no processo ofensivo.

Os capacetes e as armaduras de corpo eram mais escassos entre as forças de Alarico. O capacete usado pelos visigodos era o *spangenhelm*, de origem germana, mas adaptado pelos exércitos romanos<sup>519</sup>. Este capacete parecia definir uma hierarquia entre os guerreiros godos. Era usado pelos chefes e *optimates*<sup>520</sup>. O mesmo parece suceder com a cota de malha, a armadura mais comum

para esta época<sup>521</sup>. Estes homens, na sua grande maioria, formavam a força de cavalaria visigoda. Mas, no entanto, não se sabe se Alarico usou cavalaria pesada, com cavalos couraçados, durante a sua rebelião.

<sup>517</sup> Wilcox, P. & Trevino, R. (2002), pp. 48-49.

<sup>518</sup> MacDowall, S. & Embleton, G. (1995), pp. 53-54; Wilcox, P. & Trevino, R. (2002), pp. 48-49.

<sup>519</sup> MacDowall, S. & McBride, A. (1996), p. 13; MacDowall, S. & Embleton, G. (1995), p. 54.

<sup>520</sup> Kazanski, M. (2013), p. 503. Um destes capacetes, que foi encontrado num túmulo romeno de um chefe godo, está datado dos inícios do séc. V.

<sup>521</sup> MacDowall, S. & Embleton, G. (1995), p. 16; Wilcox, P. & Trevino, R. (2002), p. 48.



**Mapa 03** - Localização das oficinas imperiais das quais Alarico teve acesso enquanto comandante romano da Ilíria<sup>522</sup>.

Apesar de as forças de Alarico receberem recrutas de várias origens étnicas, é muito provável que esse aspecto, o étnico, pouco ou nada tenha influenciado o padrão-tipo do armamento utilizado pelos visigodos. Também, o principal espaço de acção das forças de Alarico foram as regiões da Trácia, Grécia, Ilíria, Panónia e Itália, sempre no interior do *limes* do Império. Portanto, todo o apoio logístico de equipamento e de abastecimentos tinha de vir das estruturas administrativas e militares romanas, às quais Alarico teve acesso, enquanto *magister militum* da Ilíria e, posteriormente, com as promoções concedidas pelo imperador Prisco Átalo.

Com as reformas de Diocleciano foram criadas as *fabricae armorum* imperiais. Grandes oficinas responsáveis pela produção de equipamento militar e de armamento para todo o Império Romano<sup>523</sup>. As trinta e cinco oficinas<sup>524</sup>, vinte no Ocidente<sup>525</sup> e quinze no

<sup>522</sup> Sobre a jurisdição da prefectura da Ilíria encontravam-se 6 oficinas de *scutaria et armorum* nas cidades de *Sirmium*, *Thesalonica*, *Salona*, *Naissus*, *Ratiaria* e *Horreum Margi*. Jones, A. H. M. (1964b), pp. 834-835, Lee, A. D. (2007), pp. 91-92.

<sup>523</sup> O artigo de Piotr Letki é um bom ponto de partida para o estudo das *fabricae* imperiais. Letki, P. (2009), pp. 49-64.

<sup>524</sup> Jones, A. H. M. (1964b), p. 834.

Oriente<sup>526</sup>, permitiram centralizar processos e abastecer com mais eficácia os exércitos romanos que defendiam o Império. Independentemente do tipo de produção, todas as *fabricae* estavam colocadas em áreas de fronteira, sobretudo nas fronteiras do Norte e Oriente, como as do Reno e do Danúbio<sup>527</sup>.

As oficinas estavam divididas em dois tipos de produção<sup>528</sup>:

- Oficinas de *scutaria et armorum*; responsáveis pelo armamento básico dos soldados e oficinais especializadas.
- Oficinas especializadas de diverso armamento; *arcuraria* (arcos), *sagittariae* (setas), *ballistariae* (balistas e bestas), *spathariae* (espadas), *hastaria* (lanças), *scordiscoria* (selas), *clibanariae* (equipamento pesado para cavalos), *loricariae* (armaduras), *armamentaria* (equipamento naval).

As oficinas da prefeitura da Ilíria foram, decerto, essenciais para o suporte logístico militar de Alarico, o que lhe permitiu, enquanto comandante imperial, legalmente, equipar as suas forças com todo o tipo de armamento a que teve acesso (mapa 03), durante os anos de 397 a 399 e 405 a 407. Por conseguinte, a imagem do soldado visigodo ser indissociável da imagem do típico soldado romano dos finais do Império Romano, é, para nós, muito correcta. Por outro lado, as oficinas imperiais foram uma peça chave para o sucesso logístico da rebelião de Alarico. Sem elas, dificilmente o líder visigodo poderia manter as suas forças bem preparadas e moralizadas para enfrentar os seus adversários ao longo de quinze anos.

Todavia, um exército bem equipado não era suficiente para justificar o sucesso da acção de Alarico. Isto leva-nos ao segundo grupo de problemas relacionados com a logística dos visigodos. Como conseguiram movimentar-se por várias regiões do Império e, ao mesmo tempo, manter uma capacidade logística que possibilitava às suas forças colocar sob grande pressão todo o sistema imperial? Uma das respostas para a capacidade visigoda poderá estar no seu principal sistema de transporte a média e a longa distância: as carroças.

---

<sup>525</sup> *Not. Dign. Occ.* IX.

<sup>526</sup> *Not. Dign. Or.* XI.

<sup>527</sup> Letki, P. (2009), p. 56.

<sup>528</sup> Jones, A. H. M. (1964b), pp. 834-835; Letki, P. (2009), pp. 56-59.

A carroça era, normalmente, usada pelas tribos godas para o transporte de abastecimentos e das famílias e, quando os godos se encontravam ameaçados, serviam para formar pequenos «fortins» circulares com as carroças, a *carrago*, para se protegerem dos seus inimigos. Esta é a imagem que as fontes tardias nos dão, seja a representação de godos com uma carroça na Coluna de Arcádio<sup>529</sup>, ou as referências a este equipamento nos relatos de Amiano Marcelino, sobre a rebelião tervíngia de Fritigerno<sup>530</sup> ou, ainda, a descrição de Vegécio da *carrago*<sup>531</sup>.

A natureza da rebelião de Alarico, tendo em conta o espaço físico e a necessidade de manter abastecidas as suas forças e gentes que o seguiam, terá obrigado a que o líder godo utilizasse a carroça como o principal meio logístico<sup>532</sup>. Um problema estratégico para os visigodos, tendo em conta que os adversários imperiais usavam os meios terrestres e navais à disposição dos exércitos romanos<sup>533</sup>. Contudo, ao contrário da usual interpretação de «um povo godo em movimento», isto não implica que a utilização das carroças pelas forças visigodas não fosse mais do que um simples suporte logístico para as campanhas militares, já que todos os exércitos deste período usavam comboios de transporte<sup>534</sup>.

À semelhança do armamento, é provável que a tipologia de carroça usada pelos visigodos seja a mesma utilizada pelas forças imperiais romanas. A carroça romana e a sua presença na extensa rede viária disponível estavam bem regulamentadas. Por exemplo, a sua utilização nos serviços de *cursus publicus*, gerido pelos prefeitos pretorianos, de cada prefeitura, e pelos governadores do Império<sup>535</sup>.

De duas e de quatro rodas, as carroças eram puxadas por um número variado de mulas (serviço rápido) ou de bois (serviço lento). Uma carroça de duas rodas, puxada por mulas, carregava 270 a 500 kg a uma distância de trinta quilómetros por dia. Uma com

---

<sup>529</sup> Poulter, A. (2013), pp. 35-37.

<sup>530</sup> As carroças aparecem referenciadas nas batalhas de «Ad Salices» e Adrianopla; Amm. Marc. XXI 7, 13.

<sup>531</sup> Veg. Mil., Livro III, X.

<sup>532</sup> Surgem várias referências à utilização de carroças pelos visigodos de Alarico nas obras do poeta Claudiano. Claud. in Ruf. II. 12; Claud. de cons. Stil. I. 94-95; Claud. de bello Get. 604.

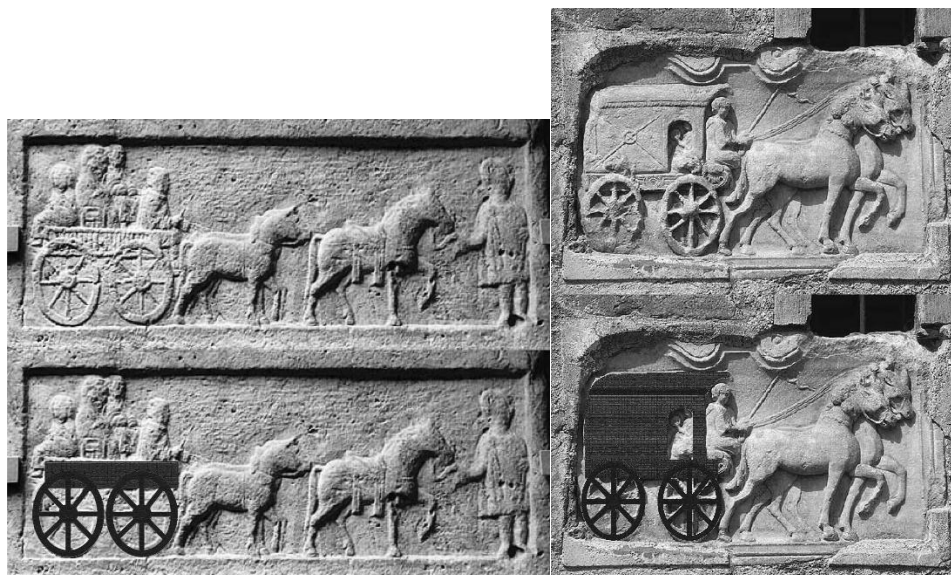
<sup>533</sup> Como o desembarque do general Estilício no Peloponeso, em 397, para defrontar as forças de Alarico. Zos. V 7.

<sup>534</sup> Hansall, G. (ed.) (2007), pp. 190-191.

<sup>535</sup> O *cursus publicus*, separado em *cursus velox* (serviço de correio expresso) e *cursus clabularis* (serviço mais lento), era muito importante para o abastecimento dos territórios romanos. Para um estudo acerca da organização e manutenção do *cursus publicus*. Veja-se Jones, A. H. M. (1964b), pp. 830-834.

quatro rodas carregava 450 a 650 kg, percorrendo a mesma distância por dia. As carroças puxadas por bois percorriam apenas 14 a 20 km diariamente<sup>536</sup>.

Construídas em madeira e reforçadas com metal<sup>537</sup>, estas estruturas podiam medir entre 1 a 1.50 metros de comprimento, as de duas rodas; e 1.80 a 3 metros, as de quatro rodas. Portanto, se juntarmos os animais que as puxam, temos, pelo menos, quatro metros de comprimento. É com a dimensão das carroças, que se apresenta um dos problemas logísticos normalmente ignorados pela historiografia.



**Figuras 19 e 20** - Exemplos de carroça romana aberta e fechada de quatro rodas, provavelmente semelhantes às usadas pelas forças visigodas [Adaptadas de [http://www.stiftergym.at/thiel/Homepage/LustaufLexusOnline/introduction/land\\_transport\\_vehicles.htm](http://www.stiftergym.at/thiel/Homepage/LustaufLexusOnline/introduction/land_transport_vehicles.htm)].

Se tivermos em conta os números de efectivos apresentados pelas fontes e a imagem de um «povo em movimento», seriam precisos alguns milhares de carroças para suportar o transporte dos efectivos militares e suas famílias, alimentos e armamento (sem falarmos do transporte de água e dos alimentos para os animais). Uma simples fila de duas mil carroças em movimento teria dez quilómetros de comprimento (quase um dia de marcha), e o mesmo número, em perímetro circular, ocuparia dois quilómetros e meio de diâmetro.

<sup>536</sup> Kehne, P. (2007), pp. 329-330.

<sup>537</sup> O revestimento em metal obrigava a uma maior manutenção, com gorduras, e menor desgaste por fricção da carroça. Weller, J. (1999).

Estes dados demonstram a necessidade de repensar a dimensão de todo o processo migratório dos godos e outras tribos e a imagem de «povo em movimento». Mais, isto ajuda a reforçar a tese motivadora das acções militares de Alarico e dos visigodos, enquanto estrutura paralela ao exército romano, e com objectivos militares e políticos muito bem definidos. Todo o processo de movimentação dos visigodos era sustentado no quadro da organização e estrutura do Império Romano aliada à tradição das tribos do Ocidente atlântico e das regiões do centro da Europa.

As motivações e as circunstâncias conjunturais políticas foram essenciais para a definição de Alarico como líder imperial «fora-da-lei», que entre as brechas do Império consegue moldar e entusiasmar vários grupos tribais numa entidade militar e política. Também o acesso à capacidade logística romana garante a sobrevivência e o sucesso da rebelião visigoda, muito para além da vida de Alarico. As estruturas e os conceitos romanos que herdaram, com a queda do Império Romano do Ocidente, revelaram-se fundamentais para a futura organização dos reinos visigodos na Aquitânia e na Hispânia.

## II

# ACÇÕES MILITARES

### 1. REBELIÃO E CAMPANHA NA GRÉCIA E ILÍRIA (395-397)

«Alaric, therefore, through the dread of the apparitions he had seen, left all Attica uninjured, and proceeded to Megaris, which he took at the first attempt. From hence, meeting with no resistance, he proceeded towards the Peloponnesus. Gerontius thus allowed him to pass over the isthmus, beyond which all the towns, being unfortified and confiding in the security which they derived from the isthmus, were capable of being taken without the trouble of fighting.»<sup>538</sup>

A vitória do imperador Teodósio sobre as forças usurpadoras do general Arbogasto, nos finais de 394, significou a reunião dos dois lados do Império Romano e dos exércitos do Ocidente e do Oriente sob a autoridade imperial e a dinastia teodosiana. O sucesso da campanha de Teodósio e o fim do reinado de Flávio Eugénio aparentemente representavam o regresso da estabilidade ao seio do Império. Mas algumas fragilidades ficaram latentes logo após a batalha, agravando-se com a morte do imperador poucos meses depois<sup>539</sup>.

A primeira campanha militar do godo Alarico emerge como uma consequência directa das fragilidades imperiais. A decisão táctica de Teodósio de usar os efectivos godos como dispensáveis na batalha de rio Frígido<sup>540</sup> gerou um descontentamento, por parte de *auxilia* do exército do Oriente. Alarico, como comandante dos auxiliares, procurou recompensas pela capacidade que os seus homens demonstraram durante a batalha, pretendendo também um comando independente na estrutura militar romana<sup>541</sup>. As aspirações do líder godo foram recusadas pelas autoridades imperiais<sup>542</sup>.

---

<sup>538</sup> Zos. V 6.

<sup>539</sup> Referimo-nos aos conflitos entre as duas cortes imperiais.

<sup>540</sup> Oros. VII 35. 19.

<sup>541</sup> Burns, T. S. (1994), pp. 151-152.

<sup>542</sup> Zos. V 5.

Desconhece-se, ao certo, quando começou a revolta de Alarico, sendo apenas possível localizar uma data após a morte do imperador Teodósio, no dia 17 de Janeiro de 395<sup>543</sup>. Período no qual o general Estilício tinha o comando dos dois exércitos imperiais, enquanto o prefeito Rufino preparava já a ofensiva militar do general vândalo<sup>544</sup>. Não existem nas fontes evidências sobre qual a estratégia a médio-longo prazo de Alarico. Apenas uma reacção de revolta e de frustração, por parte dos auxiliares insurgentes, e a intenção, a curto prazo, do líder godo de pressionar as autoridades imperiais para conseguir mais promoções e maior destaque político.

Portanto, a estratégia a curto-prazo de Alarico era simples. Conseguir, rapidamente, mais protagonismo nas elites imperiais e nos destinos do Império. Na Primavera de 395, depois de ter reabastecido e recrutado novos efectivos nos territórios da Mésia e da Trácia e, aproveitando o facto de os exércitos imperiais romanos, sob o comando do general Estilício, ainda se encontrarem em Itália a preparar a marcha para Constantinopla, Alarico pilha a Trácia<sup>545</sup> e dirige-se à capital do Império do Oriente, cercando a cidade.

O único relato que existe sobre o cerco de Constantinopla é escasso em detalhes e é confuso<sup>546</sup>. Contudo, o cerco parece ter sido suficiente para obrigar o prefeito Rufino a sair da cidade e a encontrar-se com Alarico. Os dois líderes, provavelmente, tinham consciência de que esta situação de conflito era desvantajosa para ambos. Sabiam que Estilício estava em marcha para a Trácia. Acordam que os visigodos abandonariam o cerco de Constantinopla e a região da Trácia<sup>547</sup>. Em troca, Alarico ganharia o apoio de Rufino para a invasão da Ilíria e da Grécia<sup>548</sup>.

Apesar deste aparente sucesso do líder godo, nada mudou em termos militares. Alarico e as suas forças continuaram a revolta e acabaram por invadir a Ilíria no Verão de 395<sup>549</sup>. Com a rebelião a dirigir-se para Sul, as unidades visigodas pilharam os territórios da Macedónia e da Tessália e estabeleceram a sua base junto ao Monte Olimpo, onde foram cercados por parte dos exércitos romanos, sob o comando de Estilício, em Setembro de

---

<sup>543</sup> Wolfram, H. (1988), p. 138.

<sup>544</sup> Zos. V 4-5.

<sup>545</sup> Zos. V 5; Claud. *in Ruf II* 36; Claud. *de bello Get.* 164-165, 177-193; Claud. *de bello Gild.* 45; Claud. *de VI cons. Hon.* 483.

<sup>546</sup> Claud. *in Ruf. II* 54-99.

<sup>547</sup> Não se conhecem bem os detalhes do acordo.

<sup>548</sup> Claud. *in Ruf I* 308; Claud. *in Ruf II* 7.

<sup>549</sup> Zos V 5-6.



395. Este cerco durou alguns meses<sup>550</sup>. Os confrontos entre romanos e visigodos nunca ocorreram<sup>551</sup>. O Augusto do Oriente, Arcádio, influenciado pelo prefeito Rufino, ordenou ao general Estilício que devolvesse o comando do exército do Oriente e, desta forma, Estilício foi obrigado a retirar as suas forças (ocidentais) para Itália<sup>552</sup>.

A situação ficou, de novo, favorável para Alarico. Com a retirada do general Estilício, e com os conflitos palacianos que levaram à morte de Rufino, bem como à subida do camareiro-mor Eutrópio, os visigodos continuaram a sua campanha para Sul. Quando chegaram às Termópilas, o godo Alarico estabeleceu contacto com Antíoco, procônsul da Acaia, e com Gerôncio, comandante da guarnição romana nas Termópilas<sup>553</sup>, e conseguiu a que as forças romanas retirassem. Isto permitiu a passagem dos visigodos para o resto do território grego sem qualquer confronto e, talvez, com o apoio tácito das forças romanas do Império do Oriente<sup>554</sup>.

Logo após terem atravessado o desfiladeiro das Termópilas, o território da Beócia foi alvo de pilhagens. A cidade de Tebas foi poupada, mas grande parte da região do Pireu foi capturada. Quando Alarico chegou a Atenas, terá ficado deslumbrado com a cultura e riqueza helénica, de tal modo, que desistiu de conquistar a cidade, embora a troco de um pesado tributo<sup>555</sup>. Os Mistérios de Elêusis, complexo religioso pagão próximo de Atenas, não teve a mesma sorte que a famosa cidade grega<sup>556</sup>. É possível que a religião ariana dos visigodos tenha sido um factor primordial que levou à pilhagem dos templos pagãos.

---

<sup>550</sup> Wolfram, H. (1988), p. 141; Kulikowski, M. (2007), p. 166.

<sup>551</sup> Burns, T. S. (1994), p. 154.

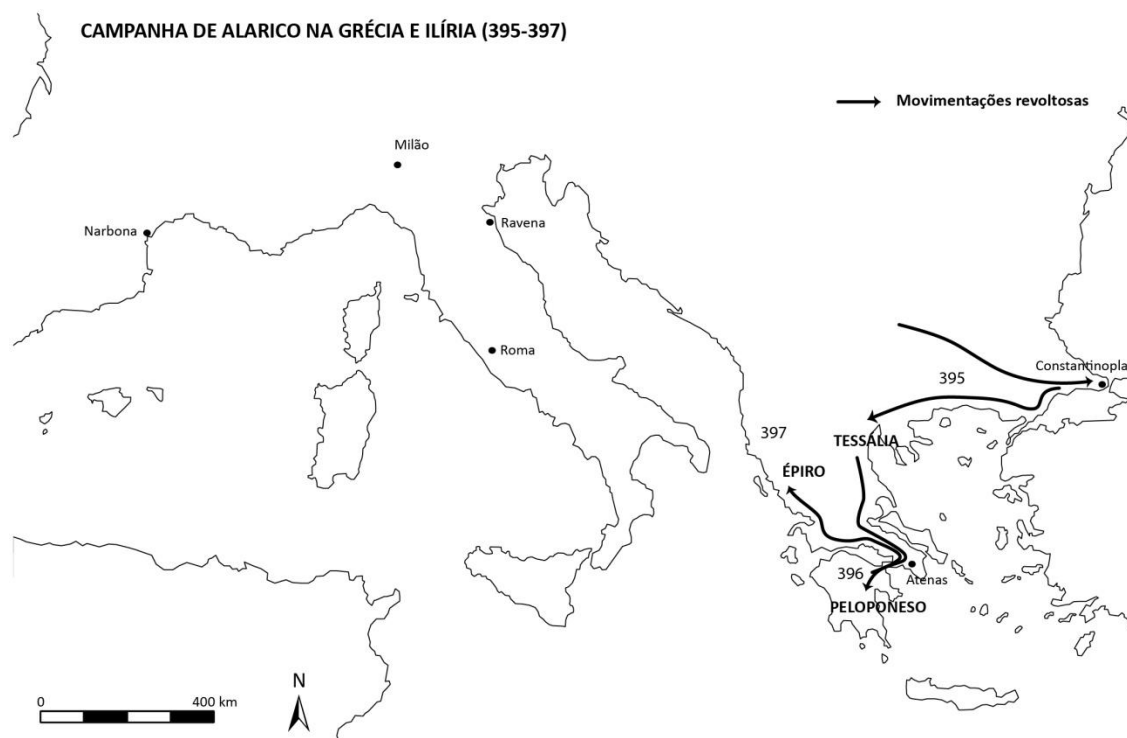
<sup>552</sup> Claud. *in Ruf II* 101.

<sup>553</sup> Dois homens de Rufino. Zos V 5.

<sup>554</sup> Burns, T. S. (1994), p. 158.

<sup>555</sup> Zos V 5. Wolfram, H. (1988), p. 141.

<sup>556</sup> Wolfram, H. (1988), p. 141.



**Mapa 04** - A campanha dos auxiliares revoltosos entre os anos de 395 e 397 [Adaptado de Goldsworthy, A. (2009), p. 374].

É difícil entender qual era a estratégia de Alarico com a sua campanha na Grécia. A região da Ática foi poupada a grande devastação e, novamente, com a conivência do comandante Gerônimo, os visigodos atravessaram o Istmo de Corinto e atacaram a região do Peloponeso, no ano de 396<sup>557</sup>. As cidades não muralhadas de Corinto, Argos e Esparta caem e são saqueadas sem quartel<sup>558</sup>. É um dado muito importante para perceber que táticas militares as forças de Alarico usavam para dominar um território. Apesar do conhecimento tático e da poliorcética romana, os visigodos não tinham acesso a qualquer tipo de maquinaria de assédio e de assalto, e assim evitavam atacar cidades muralhadas e bem defendidas com artilharia neurobalística, como Constantinopla, Tebas e Atenas. Preferiam, apenas, cercar e cortar as vias de abastecimentos. Mas, todas as outras cidades não muralhadas da Grécia foram alvo de saques por parte de Alarico e dos seus homens<sup>559</sup>.

<sup>557</sup> Claud. in *Ruf II* 187-193; Claud. in *Eutrop.* II 198-202, 214-215; Claud. *de bello Get.* 183; Zos. V 6.

<sup>558</sup> Zos. V 6.

<sup>559</sup> Burns, T. S. (1994), p. 158.

Terá a inexistência de um sistema de fortificações e de cidades murallhadas, contrastando com a extensa rede de fortificações do resto dos Balcãs<sup>560</sup>, sido um dos motivos por que Alarico decidiu invadir a Grécia e ficar no Peloponeso, durante mais de um ano? O certo é que a permanência de Alarico na Hélade criou a ideia de que os visigodos pretendiam estabelecer-se naquela região<sup>561</sup>. Continuamos sem saber, ao certo, se o líder visigodo tinha, de facto, essa intenção.

Na primavera de 397, Estilício voltou a focar a sua atenção no Oriente. Com a justificação de querer ajudar o imperador Arcádio em libertar os aqueus da tirania de Alarico, o general vândalo preparou uma expedição naval e desembarcou os seus efectivos na costa do Peloponeso, em Abril de 397<sup>562</sup>. Rapidamente cercou os visigodos.

Não existem detalhes nos relatos das batalhas entre Estilício e Alarico na região do Peloponeso. Apenas a referência de que as forças de Alarico, protegidas pelas suas carroças nas encostas das montanhas da Arcádia<sup>563</sup>, sofreram baixas em confrontos com o exército imperial e também por subnutrição e enfermidades várias<sup>564</sup>. A revolta de Alarico parecia estar finalmente condenada ao seu fim, mas, tal como no ano de 395, os visigodos conseguiram retirar as suas forças do território, lograram atravessar o Istmo de Corinto e recuaram até ao Epiro<sup>565</sup>.

Ainda hoje é motivo de debate como o exército visigodo conseguiu quebrar o cerco de Estilício e, porque é que este não perseguiu Alarico. Existem várias hipóteses para a decisão do general vândalo: um acordo de paz entre Estilício e Alarico, desordem no exército de Ocidente, a declaração do general Estilício como inimigo público de Constantinopla, a revolta de Gildão em África e/ou a promoção de Alarico como *magister militum per Illyricum*.

---

<sup>560</sup> Wilkes, J. (2013), pp. 735-736.

<sup>561</sup> Claud. *in Ruf II* 1-20, 33-35, 22-53. Wolfram, H. (1988), p. 141.

<sup>562</sup> Zos V 7; Claud. *de IV cons. Hon.* 459. Apesar de os relatos de Zósimo colocarem a expedição naval de Estilício anterior à morte do prefeito Rufino, os textos de Claudiano apontam para o ano de 397, já durante o governo de Eutrópio.

<sup>563</sup> Zos V 7.

<sup>564</sup> Claud. *de IV cons. Hon.* 466; Claud. *de cons. Stil.* I 185-186; Claud. *de bello Get.* 513-517.

<sup>565</sup> Zos V 7, 26.

A existência de um acordo militar secreto entre Estilício e Alarico, que implicava a retirada do general vândalo<sup>566</sup> é a hipótese menos provável de todas, no nosso entender. O general Estilício tinha todo o interesse em derrotar a revolta goda, porque lhe permitia ter liberdade para pressionar os seus inimigos na corte de Constantinopla. Um triunfo militar que garantisse a libertação da Grécia dar-lhe-ia um protagonismo positivo junto do imperador Arcádio e da população da parte oriental do Império. Não existe qualquer fonte que indique uma ligação entre Estilício e Alarico, neste período, e não se deve usar o acordo celebrado entre os dois militares, em 405/407, para justificar a existência de anteriores contactos entre os dois, como o que se aponta para o ano de 397.

A hipótese da existência de desordem e pouca disciplina entre as forças de Estilício parece-nos uma linha de explicação mais equilibrada e coerente, do que o tal acordo. Existem fontes que falam dessa grande desorganização no exército romano. Os relatos referem que os soldados de Estilício trouxeram mais e maiores calamidades à Grécia do que as forças visigodas. Mas isto é só referido no momento em que Estilício ordena a retirada para as suas bases na Itália<sup>567</sup>. Sem mais dados verosímeis, não é possível afirmar se as pilhagens foram constantes durante toda a expedição ao Peloponeso, ou se eram apenas uma reacção adversa à retirada, sem terem conseguido derrotar os visigodos<sup>568</sup>.

As três últimas hipóteses estão todas ligadas à figura maior da corte de Constantinopla, o camareiro-mor Eutrópio. A vitória militar de Estilício representaria um perigo para as pretensões de Eutrópio. Assumindo isto, o eunuco interveio politicamente em três frentes, de forma a conseguir a retirada da expedição de Estilício. Em primeiro lugar, a proclamação de Estilício como inimigo público na parte oriental do Império<sup>569</sup>, fez com que o general vândalo perdesse o suporte logístico e militar na Grécia. A falta de apoio político terá levado o imperador Arcádio a ordenar a rápida retirada das forças de Estilício.

Provavelmente, ao mesmo tempo que a declaração de Estilício como inimigo de Constantinopla, o eunuco Eutrópio pode ter estabelecido contacto com o *comes* Gildão de África. Terá subornado, julgamos, Gildão a revoltar-se contra o domínio do Império do

---

<sup>566</sup> Wolfram, H. (1988), p. 142.

<sup>567</sup> Zos V 7.

<sup>568</sup> Thomas S. Burns defende que as forças de Estilício foram as únicas responsáveis pelas pilhagens ocorridas na Grécia. Por outro lado, Alarico era suportado pela logística grega, com a conivência das autoridades imperiais do Oriente. Burns, T. S. (1994), pp. 158-159.

<sup>569</sup> Zos V 11.

Ocidente no território africano e a declarar a sua fidelidade ao imperador Arcádio<sup>570</sup>. Era um revés para as pretensões militares de Estilício<sup>571</sup>.

Por fim, e muito importante para a revolta de Alarico, foi a acção política que Eutrópio exerceu junto deste chefe godo. Após o recuo de Alarico para o Epiro, à semelhança do que se passou no resto da Grécia, o território foi fustigado pelas pilhagens dos visigodos<sup>572</sup>. Estilício, impedido politicamente e com uma revolta em África, nada podia fazer para travar os ataques dos revoltosos. Eutrópio, por sua vez, também sabia que não podia lidar militarmente com a revolta, especialmente porque a Frígia e a Capadócia tinham sido invadidas por forças hunas<sup>573</sup>.

A promoção de Alarico a *magister militum per Illyricum* pelo imperador Arcádio, em 397/398<sup>574</sup>, foi a solução encontrada para resolver a revolta dos auxiliares visigodos. Finalmente, Alarico, tinha alcançado o seu objectivo. Uma das razões pelas quais tinha iniciado o levantamento contra Roma. Acrescia que Roma podia ser susceptível a reconhecer as suas capacidades de liderança e influência entre a população goda. Um último aspecto, importante para Alarico, era o reconhecimento do seu valor pelos seus pares (militares) romanos. Apesar disso, não podemos sustentar, com toda a certeza, que a revolta de Alarico e a sua estratégia militar tenha sido um sucesso. Pelo contrário.

Durante os dois anos de revolta, os visigodos nunca conseguiram uma única vitória militar. O general Estilício conseguiu sempre impedir que o levantamento crescesse. A sua estratégia era limitar ao máximo a manobra dos rebeldes e impedi-los de se reabastecer e reforçar. A campanha de Alarico pela Ilíria e pela Grécia acabou por ser um conjunto de raides de pilhagem que, apesar de muito destrutivos para os nativos, não trouxeram nenhum perigo real para a estabilidade imperial. Todavia, as brechas imperiais entre o Ocidente e o Oriente, que permitiram ao antigo comandante de *auxilia* começar uma revolta armada, foram as mesmas que acabariam por tornar os visigodos numa peça importante no tabuleiro

---

<sup>570</sup> Oros. VII 36; Zos V 11.

<sup>571</sup> Claud. *de bello Gild.* A obra de Claudiano é a principal fonte acerca dos eventos da revolta de Gildão.

<sup>572</sup> Claud. *in Eutr.* II 215.

<sup>573</sup> Claud. *in Eutr.* I 234-286.

<sup>574</sup> Claud. *in Eutr.* II. 214-218; Claud. *de bello Get.* 513-539. Wolfram, H. (1988), pp. 142-143; Kulikowski, M. (2007), pp. 167-168.

político-militar romano. Uma verdadeira afronta de Constantinopla contra o vândalo, Estilício<sup>575</sup>.

Alarico acabou por ser promovido não só pela sua estratégia militar, mas também pela sua capacidade de se movimentar entre o mundo romano e godo. E foi isso que continuou a fazer já como mestre de milícia da prefeitura da Ilíria. Ali, o chefe dos visigodos, reabasteceu e reconstruiu as suas forças. As bases ilírias revelar-se-ão fundamentais no lançamento das operações militares visigodas, em 401.

---

<sup>575</sup> Burns, T. S. (1994), p. 166.

## 2. PRIMEIRA INVASÃO DA ITÁLIA (401-402)

«(...)Rome, whose territories I have laid waste year by year, has become my slave. 'Tis she has supplied me with arms ; her own metal has glowed in the furnace, artfully molten and fashioned for her own undoing by reluctant smiths. The gods, too, urge me on. Not for me are dreams or birds but the clear cry uttered openly from the sacred grove: 'Away with delay, Alaric; boldly cross the Italian Alps this year and thou shalt reach the city.' Thus far the path is mine. Who so cowardly as to dally afterthis encouragement or to hesitate to obey the cal of Heaven? »<sup>576</sup>

Nos finais de 401, depois de alguns anos de aparente acalmia obtida com a vitória contra as unidades revoltosas do conde Gildão, em 398, a parte ocidental do Império foi novamente fustigada por uma série de ataques vindos do exterior do *limes* romano. Forças vândalas e alanas, provavelmente oriundas das regiões a norte do Danúbio<sup>577</sup>, atravessaram o rio Reno e atacaram os territórios romanos da Récia<sup>578</sup> e do Nórico<sup>579</sup>. O cônsul Estilício reagiu de imediato e partiu, juntamente com o exército ocidental romano de Itália, para travar a invasão bárbara, concentrando as suas forças nos territórios atacados<sup>580</sup>.

A 18 de Novembro de 401, Alarico e os visigodos atravessam os Alpes Julianos<sup>581</sup>, invadindo a Península Itálica. O líder godo ressurge no tabuleiro político-militar do Império Romano. Após a sua promoção a *magister militum per Illyricum*, Alarico desaparece, por completo, dos relatos históricos que encontramos para aquele período<sup>582</sup>. Podemos, apenas, especular sobre quais foram as razões que levaram o líder godo a abandonar a sua posição militar na Ilíria e a tornar-se num «rei godo» e «fora-da-lei»<sup>583</sup>.

Politicamente, a situação de Alarico, enquanto comandante das forças romanas na Ilíria, fica mais complicada, após as instabilidades na corte oriental que levaram às mortes

---

<sup>576</sup> Claud. *de bello Get.* 539-549.

<sup>577</sup> Heather, P. (2006), p. 191.

<sup>578</sup> Actual Suíça.

<sup>579</sup> Parte do território da actual Áustria.

<sup>580</sup> Claud. *de bello Get.* 273-365. Wolfram, H. (1988), p. 150.

<sup>581</sup> Claud. *de bello Get.* 151-153, 194-200, 279-288; Claud. *de VI cons. Hon.* 442; Jord. XXIX. Cameron, A. e Long, J. (1993), p. 329; Wolfram, H. (1988), p. 151.

<sup>582</sup> Cameron, A. e Long, J. (1993), p. 329.

<sup>583</sup> Burns, T. S. (1994), p. 179.

do camareiro-mor Eutrópio, do general godo Gainas e à subida ao poder da facção anti-bárbara em Constantinopla. Provavelmente, em consequência da purga de elementos militares bárbaros no Império do Oriente, realizada pelo novo poder na corte do imperador Arcádio, o godo Alarico terá perdido espaço de manobra na estrutura imperial romana, sendo mesmo possível que lhe tenham retirado o cargo de *magister militum*<sup>584</sup>.

No entanto, apesar da situação no Oriente se ter tornado hostil à ambição pelo poder de Alarico, não podemos afirmar categoricamente que esta foi a razão que levou o líder godo a invadir a Itália nos finais de 401. A purga das forças do general Gainas após o golpe de estado falhado, e os consequentes assassinatos de outros comandantes romanos de origem bárbara, decerto que significou um enfraquecimento temporário do exército do Oriente. As forças visigodas de Alarico, depois de anos de reabastecimento e recrutamento apoiados na logística imperial, estavam preparadas para voltar a pressionar o Império do Oriente, como fizeram durante os anos de 395 a 397. Mas, por razões desconhecidas, não o fizeram<sup>585</sup>. Alarico terá percebido que a sua campanha anterior na Ilíria oriental e na Grécia não foi um sucesso militar?

Por outro lado, a estratégia de atacar o Império do Ocidente implica percebermos alguns factores. A distância e a orografia entre as regiões da Ilíria e a Itália implicavam uma maior preparação logística do que a de um novo ataque à Trácia. O que nos obriga a levantar a hipótese de, sejam quais tenham sido os motivos e as pretensões de Alarico, a invasão provavelmente ter sido preparada com vários meses de antecedência. Se olharmos para a data em que os visigodos atravessaram os Alpes Julianos, 18 de Novembro de 401<sup>586</sup>, significa que as forças de Alarico estavam preparadas para lutar no Inverno.

Os ataques vândalos e alanos e a ausência de Estilício, nos finais de 401, são normalmente apontados como a razão principal que levou Alarico a invadir a Itália<sup>587</sup>. Mas, novamente, esta tese significaria que os visigodos já estavam preparados para iniciar a campanha contra as forças do império do Ocidente. Esta tese parece contraditória, tendo em conta o curto espaço de tempo entre as duas invasões. É bem possível que Alarico, com a

---

<sup>584</sup> Cameron, A. e Long, J. (1993), pp. 329-330.

<sup>585</sup> Herwig Wolfram propõe a hipótese de um possível tratado entre Uldino, chefe dos hunos, e a corte de Constantinopla, como entrave ao poder godo nos territórios orientais. Wolfram, H. (1988), p. 150.

<sup>586</sup> Claud. *de bello Get.* 539-549.

<sup>587</sup> Wolfram, H. (1988), pp. 150-151; Kulikowski, M. (2007), p. 170; Heather, P. (2006), p. 191.



preparação para uma campanha já adiantada<sup>588</sup>, tenha aproveitado a distração do general Estilício e decidido acelerar a invasão, repetindo os acontecimentos de 395, mas agora no território do Ocidente.

Os visigodos entram em Itália sem encontrar qualquer tipo de resistência<sup>589</sup>. Sem opositores, consomem uma rápida penetração no território. Depois de terem desbaratado os defensores romanos junto ao rio Timavo<sup>590</sup>, os homens de Alarico cercam Aquileia<sup>591</sup>. Mas, tal como na anterior campanha na Grécia, as forças sitiadas não têm máquinas para assaltar e capturar as cidades muralhadas no território italiano. É provável que, mesmo com o acesso à logística militar romana na Ilíria, Alarico não tenha conseguido obter equipamento pesado de cerco. Uma fragilidade táctica que acompanhou o líder rebelde durante toda a sua vida<sup>592</sup>.

Falhada a tomada de Aquileia, Alarico prossegue a campanha no Norte de Itália, onde toma várias cidades e o território à volta de Veneza<sup>593</sup>. Mas o seu objectivo era claro: pressionar o Império do Ocidente. Ainda durante o inverno de 401, os visigodos repetiram a estratégia de 395, em relação a Constantinopla, e cercaram a capital ocidental de Milão, onde residia o imperador Honório<sup>594</sup>.

A esperança do Augusto do Ocidente residia agora no seu sogro e guardião, o general Estilício. Desconhece-se o desfecho da acção de Estilício nas províncias da Récia e do Nórico, mas ao ter conhecimento da invasão visigoda da Itália e do cerco de Milão, o general vândalo partiu em direcção ao Sul para derrotar as forças de Alarico. Em Março de 402, Estilício forçou a travessia do rio Ada junto a Milão<sup>595</sup>, o que levou Alarico a levantar o cerco e a retirar-se antes que as suas unidades fossem alcançadas pelo exército ocidental romano.

Sem referências sobre o percurso que os visigodos seguiram, podemos apenas especular como Alarico redefiniu a sua campanha na Itália, após ter perdido a oportunidade

---

<sup>588</sup> Burns, T. S. (1994), p. 180.

<sup>589</sup> Jord. XXIX.

<sup>590</sup> Claud. *de bello Get.* 562-563. O rio Timavo localiza-se na Eslovénia e no nordeste da Itália.

<sup>591</sup> Wolfram, H. (1988), p. 151.

<sup>592</sup> Apesar do poeta Claudiano relatar a tomada de muralhas, torres e paliçadas, pelos visigodos no território italiano, refere que as mesmas não aguentavam os ataques das alas de cavalaria de Alarico, o que torna a fonte muito controversa. Claud. *de bello Get.* 213-217.

<sup>593</sup> Wolfram, H. (1988), p. 151.

<sup>594</sup> Claud. *de bello Get.* 516; Claud. *de VI cons. Hon.* 441-449.

<sup>595</sup> Claud. *de VI cons. Hon.* 456-490.

de pressionar as autoridades imperiais do Ocidente. Uma das hipóteses apontadas é de que as forças de Alarico tinham como novo destino os territórios da Gália<sup>596</sup>. Mas o líder godo, seduzido pelas riquezas da Toscana e da cidade de Roma<sup>597</sup> e, com receio de ser apanhado entre os reforços romanos que vinham do Reno e da Britânia, e pelas forças de Estilício que o perseguiam, decide parar a marcha em direcção à Gália e tentar a sua sorte em Itália. Uma informação que ajuda a suportar esta tese é a do primeiro choque no campo de batalha, entre o godo Alarico e o general Estilício, junto da cidade de Polência<sup>598</sup>.

Na manhã do dia 6 de Abril de 402, domingo de Páscoa, Estilício entregou o comando das forças ao comandante pagão alano, Saulo<sup>599</sup>, o qual ordenou uma ofensiva sobre o campo visigodo<sup>600</sup>. Alarico e os seus homens são cristãos arianos. Foram completamente apanhados de surpresa com este ataque, num dos dias mais sagrados no ano para os cristãos<sup>601</sup>.

Chegou-nos um pequeno relato sobre a batalha<sup>602</sup>. Soadas as trompetas, o comandante Saulo e as forças de cavalaria alanas do exército ocidental romano carregaram sobre a infantaria visigoda<sup>603</sup>. Com a perda de grande parte da sua infantaria, Alarico ordenou à intacta cavalaria goda que contra-atacasse a posição alana, para que conseguisse salvar o maior número de homens possível. O contra-ataque foi um sucesso. O alano Saulo foi morto pelas forças visigodas<sup>604</sup>, e apenas a rápida intervenção da infantaria, comandada pelo general Estilício, é que impediu a destruição da cavalaria alana e, com isso, evitar que um dos flancos imperiais ficasse exposto às hostes visigodas.

---

<sup>596</sup> Wolfram, H. (1988), p. 151.

<sup>597</sup> Claud. *de bello Get.* 61, 79-82, 533; Claud. *de VI cons.* Hon. 141-142.

<sup>598</sup> Actualmente a cidade de Pollenzo, localizada na região de Piemonte, no noroeste de Itália.

<sup>599</sup> Oros. VII 37. 2. Cameron, A. (1970), pp. 180-181.

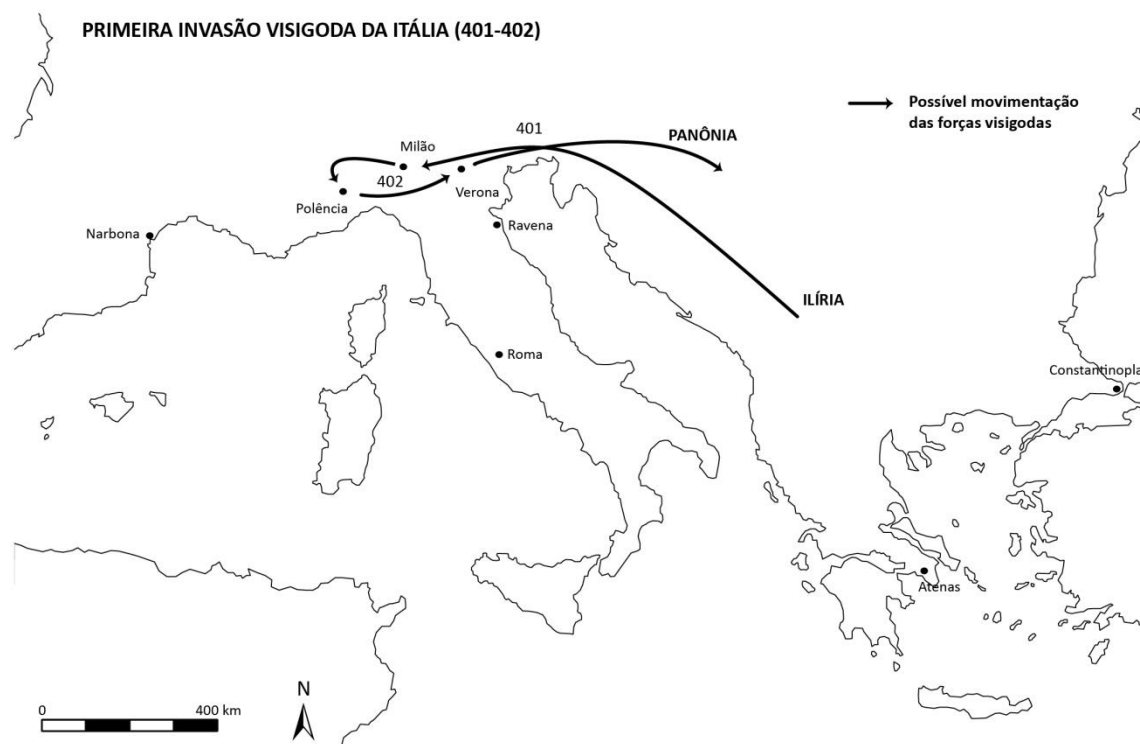
<sup>600</sup> Oros. VII 37. 2; Jord. XXX. Wolfram, H. (1988), p. 152.

<sup>601</sup> Os autores Orósio e Jordanes são extremamente críticos sobre a acção do general Estilício durante o dia de Páscoa. Acusam Estilício de traição e de falta de escrúpulos, e a ofensiva do pagão Saulo, como depravadora e profana. Oros. VII 37. 2; Jord. XXX.

<sup>602</sup> Claud. *de bello Get.* 580-597.

<sup>603</sup> Wolfram, H. (1988), p. 152.

<sup>604</sup> Burns, T. S. (1994), p. 189.



**Mapa 05** - A primeira campanha de Alarico na Península Itálica [Adaptado de Goldsworthy, A. (2009), p. 374].

A batalha acabaria por terminar num empate, apesar dos autores tardios declararem a vitória para um lado ou para o outro<sup>605</sup>. Os dois lados, sem condições para continuar o combate, são obrigados a retirar. As forças de Alarico conseguem, de novo, escapar ao exército comandado por Estilício. No entanto, a fuga visigoda não se fez sem prejuízos. No campo ficaram muitos tesouros, toda a bagagem, abastecimentos e muito material de guerra. Também ali deixaram as mulheres (incluindo a mulher do chefe godo) e as crianças<sup>606</sup>. Afinal as famílias, no sistema germano, costumam acompanhar os bandos de guerra.

A presença de mulheres e crianças, no campo visigodo, durante a campanha por Itália tem sido alvo de um alargado debate. Durante vários anos, este dado serviu para considerar que a invasão da Itália por Alarico seria, tal como a migração tervíngia de 375, uma movimentação de gentes visigodas à procura de novas terras para se estabelecerem<sup>607</sup>.

<sup>605</sup> Claudiano e Orósio relatam a batalha de Polência como uma vitória romana, mesmo que Orósio refira que, mesmo vitoriosos, os romanos saíram vencidos. Já para Jordanes, a batalha foi uma vitória goda. Oros. VII 37. 2; Jord. XXX; Claud. *de bello Get.* 635-647.

<sup>606</sup> Claud. *de bello Get.* 598-634.

<sup>607</sup> Goldsworthy, A. (2009), pp. 369-370.

No entanto, mais recentemente, essa tese tem sido posta em causa. Era normal estes homens serem acompanhados por séquitos de não-combatentes que ajudavam durante as campanhas militares, tal como acontecia em relação aos exércitos romanos<sup>608</sup>. Além do mais, a estratégia de Alarico demonstra uma preocupação de pressionar as autoridades romanas antes que fosse apanhado pelas forças de Estilício, o que indica a necessidade de rapidez na sua campanha. A marcha de um povo em movimento é muito mais lenta que a de um exército com objectivos claros. E a captura do campo visigodo não parou a campanha do líder rebelde.

Apesar das perdas em Polência, a cavalaria de Alarico manteve-se praticamente intacta, e o líder godo ainda era um perigo para o Império do Ocidente. A nova fuga de Alarico levou a que o general Estilício fosse acusado de ser um «aliado» e ter assinado um acordo secreto com líder godo<sup>609</sup>, principalmente tendo em conta que as fugas já tinham acontecido anteriormente na Ilíria oriental e na Grécia. Os defensores de Estilício, por outro lado, afirmam que era uma estratégia do general vândalo para empurrar os visigodos para o vale do Pó, e aí, derrotar, finalmente, Alarico<sup>610</sup>.

Houve um período de tréguas, entre os dois lados, que permitiu a recolocação de ambas as forças<sup>611</sup>. Os visigodos terão tentado atravessar os Alpes para a Récia, mas foram prontamente travados pelas forças de Estilício<sup>612</sup>. Mais duvidosa é a referência, também, deste período, de que Alarico terá tentado cercar a cidade de Hasta<sup>613</sup>, o que parece ser uma impossibilidade, tendo em conta que os visigodos tinham falhado todos os cercos até então, e desde a batalha de Polência, que estavam reduzidos apenas a forças de cavalaria.

Alarico prossegue a fuga até parar no vale do Pó, por volta de Julho ou Agosto de 402<sup>614</sup>, junto à cidade de Verona. Tal como em Polência, possuímos apenas uma fonte que descreve o confronto que ocorreu em Verona. Nesse local, os visigodos defrontam o exército romano. Foram colocados soldados em cada possível passagem para travar a fuga dos homens de Alarico mas, tal como em Polência, os auxiliares alanos atacaram em

---

<sup>608</sup> Idem, *ibidem*, p. 370.

<sup>609</sup> Cameron, A. (1970), pp. 181-182.

<sup>610</sup> Claud. *de VI cons. Hon.* 210, 301.

<sup>611</sup> Goldsworthy, A. (2009), p. 370; Wolfram, H. (1988), p. 152.

<sup>612</sup> Claud. *de VI cons. Hon.* 141-142; Claud. *de bello Get.* 78-79.

<sup>613</sup> Actual Asti, perto de Polência. Claudiano refere a vitória das muralhas de Hasta contra os godos após a batalha de Polência. Claud. *de VI cons. Hon.* 203.

<sup>614</sup> Wolfram, H. (1988), p. 152; Kulikowski, M. (2007), p. 170.

primeiro lugar. Uma decisão de que o general Estilício não gostou<sup>615</sup>. Mesmo assim, Alarico conseguiu escapar da armadilha e encontrou um caminho de fuga para um campo fortificado num monte perto de Verona<sup>616</sup>.

Esta decisão do líder rebelde acabou por ditar o fim da sua campanha contra o Império do Ocidente. Sem possibilidade de organizar um contra-ataque contra o cerco das forças de Estilício, a situação no campo de Alarico piorou com o arrastar do tempo. Com a fome e as doenças provocadas pelo aumento da temperatura, muito dos efectivos que seguiam Alarico desertaram<sup>617</sup>. É provável que o chefe godo Saró, que mais tarde se tornou general de Honório, tenha aproveitado esta fraqueza de Alarico para abandonar o líder visigodo<sup>618</sup>.

Todavia, existem algumas questões que ficam no ar com este relato. Estando a posição de Alarico exposta a uma séria derrota, cercado pelas forças imperiais e assolado pela fome e por deserções, como é que o líder godo consegue escapar com o núcleo dos visigodos intacto e finalmente sair de Itália, sem ser capturado pelo general Estilício? Terá a derrota visigoda em Verona sido menos gravosa do que a fonte descreve<sup>619</sup>? Ou as forças de Estilício não eram suficientes para travar a fuga<sup>620</sup>?

Apesar das dúvidas existentes, Alarico e as unidades sobreviventes<sup>621</sup> conseguem atravessar os Alpes Julianos e, mais uma vez, Estilício não logra travar a rebelião de Alarico. Já fora do território italiano, os visigodos estabelecem-se das regiões da Dalmácia e da Panónia<sup>622</sup>. A partir dessas bases voltam a saquear a Ilíria, que se torna numa prefeitura sem controlo efectivo por parte dos dois lados do Império<sup>623</sup>.

A primeira invasão visigoda de Itália acabou por ser um fracasso militar e político. Apesar dos sucessos iniciais, da rapidez com que as forças de Alarico conseguiram atacar o Norte de Itália, e do cerco à capital imperial de Milão, era apenas uma questão de tempo até

---

<sup>615</sup> Claud. *de VI cons. Hon.* 210-228. Wolfram, H. (1988), p. 152.

<sup>616</sup> Claud. *de VI cons. Hon.* 229-230.

<sup>617</sup> Claud. *de VI cons. Hon.* 238-264.

<sup>618</sup> Wolfram, H. (1988), p. 152; Goldsworthy, A. (2009), p. 370

<sup>619</sup> É de salientar que o poeta Claudiano era o principal defensor e autor de propaganda a favor do governo do regente Estilício.

<sup>620</sup> Estilício terá deixado as suas legiões nas regiões transalpinas e movimentou apenas um pequeno contingente para derrotar Alarico. Burns, T. S. (1994), p. 191.

<sup>621</sup> Claud. *de bello Get.* 623-628.

<sup>622</sup> Oros. VII 37; Claud. *de bello Get.*; Claud. *de VI cons. Hon.* 127; Jord. XXIX.

<sup>623</sup> Consequência das disputas entre as duas cortes imperiais e o abandono do controlo militar da Ilíria por Alarico em 401. Wolfram, H. (1988), p. 153; Goldsworthy, A. (2009), p. 370.

que Estilício entrasse em confronto com Alarico. E assim foi. Tal como em 395 e 397, o general vândalo demonstrou a sua superioridade militar sobre o líder rebelde visigodo, que se viu forçado a abandonar a sua estratégia de pressionar as autoridades romanas pela via militar. Pelo menos, por uns tempos.

Enfraquecido após a campanha em Itália, Alarico não desistiu. Grande parte dos visigodos continuou a apoiar o líder rebelde, mesmo depois das constantes derrotas, quer na Grécia, quer na Itália. Sem quaisquer relatos sobre Alarico durante os anos de 403 e 404, podemos apenas conjecturar como os visigodos aproveitaram este período de paz com o Império Romano para voltar a reconstruir a sua logística e a recrutar novas forças, atacando os territórios da Ilíria<sup>624</sup>. Só em 405 é que o líder visigodo volta a ser uma peça no tabuleiro imperial. Mas, desta vez, está ao lado de Estilício.

---

<sup>624</sup> O imperador Honório terá apresentado sinceras desculpas ao seu irmão imperador Arcádio pelas devastações visigodas na prefeitura da Ilíria. Wolfram, H. (1988), p. 153; Burns, T. S. (1994), p. 195.

### 3. SEGUNDA INVASÃO DA ITÁLIA E OS CERCOS DE ROMA (408-410)

«For while Sarus was stationed with a few Barbarians in Picenum, and joined neither with the emperor nor with Alaric, Ataulphus, who had an animosity against him on the ground of some former difference, came with his whole army to the place where Sarus happened to be. As soon as Sarus perceived him approaching, finding himself not able to contend with him, as he had only three hundred men, he resolved to fly to Honorius, and assist him in the war against Alaric.»<sup>625</sup>

As acções militares, que acabariam na segunda invasão visigoda da Península Itálica, em 408, e no saque de Roma em 410, tiveram o seu início alguns anos antes. Com a vitória de Estilício sobre as forças de Alarico, o Império do Ocidente viveu um novo período de relativa paz, o que deu ao regente do imperador Honório algum espaço de manobra para voltar a enfrentar a corte de Constantinopla. Ao contrário de investidas político-militares anteriores, Estilício percebeu que o imperador Arcádio estava completamente fora da sua influência, e, por essa razão, decidiu tomar uma nova estratégia para controlar o Oriente.

O plano do cônsul vândalo era simples. Controlar politicamente e militarmente a totalidade dos territórios da prefeitura da Ilíria, um dos principais centros de cobrança de impostos e de recrutamento militar em todo o Império. Para isso, terá contactado o seu «inimigo» e antigo *magister militum per Illyricum*, Alarico, por volta de 405, com o objectivo de compor um acordo com aquele líder godo. Em troca de dinheiro e da atribuição do cargo de *comes rei militaris* da Ilíria, ficou acordado que Alarico invadiria a parte oriental da prefeitura, até que o general Estilício chegasse e tomasse conta da situação, com toda a dignidade imperial<sup>626</sup>.

A invasão do godo Radagaiso, em 405<sup>627</sup>, foi um grande entrave para os planos militares de Estilício para a Ilíria. A rápida penetração da força numerosa de Radagaiso na Península Itálica, forçou o general Estilício a movimentar a maior parte do seu exército,

---

<sup>625</sup> Zos VI 13.

<sup>626</sup> Burns, T. S. (1994), pp. 193-195.

<sup>627</sup> Zos. V 26, Oros. VII 37.

trinta *numeri* e o máximo de auxiliares hunos e alanos estacionados em Pavia, para enfrentar o inimigo<sup>628</sup>. Por dificuldades de abastecimento, o godo Radagaiso viu-se obrigado a dividir a sua força em três corpos, o que permitiu a Estilício cercar o grupo principal e usar a sua tática de sempre, desgastar o inimigo pela fome e pela sede<sup>629</sup>. Grande parte da força de Radagaiso desertou e o líder godo foi executado a 23 de Agosto de 406<sup>630</sup>.

Apesar da vitória do general Estilício, a invasão goda de Radagaiso provocou ondas de choque que influenciariam os acordos militares de Estilício e de Alarico. A cada vez maior necessidade de efectivos obrigou à retirada de vários contingentes militares que defendiam o *limes* romano para reforçar o exército de Estilício. Como resultado da fraqueza das fronteiras do Império Romano, a 31 de Dezembro de 405, forças vândalas, alanas e suevas atravessaram o rio Reno e espalharam-se pela Gália<sup>631</sup>.

Na distante Britânia, o exército romano da província estava cada vez mais insatisfeito com o abandono a que estava votado pelas autoridades imperiais. A migração bárbara para a Gália terá sido a gota de água para que as revoltas militares começassem na Britânia, e numa rápida sucessão de usurpadores e de assassinatos, Constantino III é elevado pelos seus soldados, em 406<sup>632</sup>.

Entretanto, na Itália, os milhares de godos capturados depois da derrota de Radagaiso representavam uma nova fonte de recrutamento para os exércitos ocidentais ao comando de Estilício<sup>633</sup>. O regente reestabeleceu a ordem ao tornar os antigos militares de Radagaiso em auxiliares, e ao estabelecer as suas famílias em cidades por toda a Itália. Não imaginava a importância que esta medida teria no futuro, quer para os inimigos políticos de Ravena, quer para Alarico e os seus visigodos.

Apesar das aparentes fracturas militares e políticas no Império do Ocidente, Estilício nunca abandonou a sua ambição de obter a província da Ilíria e, no ano de 407, voltou a contactar o líder visigodo Alarico. A estratégia agora era clara. O imperador Honório nomeia Alarico *comes militaris* das forças romanas na Ilíria. O que representava

---

<sup>628</sup> Burns, T. S. (1994), pp. 197-198. O *numerus* era uma unidade de infantaria pertencente aos *limitanei*.

<sup>629</sup> Oros. VII 37

<sup>630</sup> Olimp. fr. 9; Zos. V 26; Oros. VII 37.

<sup>631</sup> Ida. 42 XV.

<sup>632</sup> Kulikowski, M. (2007), p. 157; Goldsworthy, A. (2009), p. 371.

<sup>633</sup> Zos V 35; Olimp fr. 9.



uma afronta ao domínio administrativo de Constantinopla na prefeitura<sup>634</sup>. Em seguida, o general Estilício, enviou o comandante Alarico para a região do Epiro, e que aí esperasse a chegada das forças de Estilício, para então tomar o resto da Ilíria para a parte ocidental do Império<sup>635</sup>.

Esta campanha de Estilício na Ilíria nunca aconteceu. Ainda em 407, o usurpador Constantino III atravessou o Canal da Mancha. Rapidamente pacificou os territórios por onde marchou e estabeleceu-se como imperador na Gália e na Hispânia. Ao mesmo tempo, surgiram rumores da morte do líder visigodo Alarico, o que representava o fim dos planos de Estilício no Oriente<sup>636</sup>.

Em Ravena, o imperador Honório, recebeu estas duas informações e ordenou que o seu sogro e guardião, Estilício, parasse a campanha planeada para a invasão da Ilíria, e que redireccionasse o seu foco sobre o usurpador Constantino III. Impedido de atacar a Ilíria, Estilício enviou o comandante godo Saro para combater Constantino III nas regiões transalpinas e, apesar de algum sucesso inicial por parte do godo, que chegou a cercar o usurpador na cidade de *Valentia*<sup>637</sup>, Saro é forçado a retirar pelos Alpes, após a chegada de reforços inimigos vindos da Britânia<sup>638</sup>.

No ano de 408, aproveitando a situação de instabilidade militar no Ocidente<sup>639</sup>, ou simplesmente cansado de esperar pelas forças de Estilício, o visigodo Alarico retirou as suas forças do Epiro e marchou em direcção da região do Nórico, atravessando o rio Sava na cidade de Emona<sup>640</sup>. Os visigodos aplicaram a mesma estratégia de pressão que utilizaram, em 395 e em 401, e depois de ocuparem grande parte da região do Nórico, Alarico envia mensageiros a Estilício, exigindo o pagamento que lhe era devido pela ocupação do Epiro.

A importância militar de Alarico, em 408, era muito maior do que a que tivera nos anos de 395 e 401. A sua experiência ao comando dos visigodos e dos romanos, tornou o líder visigodo muito importante nos processos de definição do poder no Império Romano. O regente Estilício terá percebido isso, o que o levou a defender Alarico perante o senado

---

<sup>634</sup> Sozom. *Hist. eccl.* VIII. 25.

<sup>635</sup> Zos V 27; Olimp fr. 3.

<sup>636</sup> Zos. V 27-28; Sozom. *Hist. eccl.* VIII. 25, IX 4.

<sup>637</sup> Burns, T. S. (1994), p. 214.

<sup>638</sup> Goldsworthy, A. (2009), p. 372; Burns, T. S. (1994), p. 214.

<sup>639</sup> Goldsworthy, A. (2009), p. 372.

<sup>640</sup> Sozom. *Hist. eccl.* VIII. 25, IX 4; Zos V 29.

romano, e a pedir o pagamento para os visigodos, em troca pelos serviços no Epiro<sup>641</sup>. A paz com os visigodos foi reestabelecida, e o general Estilício aconselha o imperador Honório a enviar Alarico para a Gália, a fim de enfrentar o usurpador Constantino III<sup>642</sup>, provavelmente ocupando o cargo que pertencia a Saro<sup>643</sup>.

Alarico nunca chegou a partir para a Gália. O imperador do Oriente, Arcádio, morre a 1 de Maio de 408. Este acontecimento provocou uma cascata de eventos políticos, que acabaria por resultar no fim do governo de Flávio Estilício e na sua execução. A corte do Ocidente estava, agora, sob o controlo dos opositores de Estilício, liderados por Olímpio. O resultado imediato das novas políticas anti-bárbaras do ministro Olímpio levou à morte de centenas de famílias godas, que estavam em Itália, e à fuga dos auxiliares que tinham sido recrutados, depois da vitória de Estilício sobre Radagaiso<sup>644</sup>.

Com as mudanças na corte imperial de Ravena, a situação militar de Alarico e dos visigodos ficou presa num limbo diplomático. As ordens de Estilício para atacar as forças de Constantino III, na Gália, caíram por terra com a morte do general vândalo, e o visigodo Alarico ficou à espera, no Nórico, por novas ordens e pelo pagamento que lhe tenha sido prometido pelas autoridades imperiais. Entretanto, os soldados de Estilício e os godos auxiliares, que fugiram da purga de Olímpio, encontraram refúgio junto dos visigodos<sup>645</sup>. A força de Alarico tornou-se assim maior, de militares godos e antigos apoiantes do anterior governo, sedentos de vingança contra o Império.

Mas o líder visigodo procura, novamente, um acordo com o imperador Honório. Alarico envia embaixadores para Ravena a pedir um pagamento em troca da retirada dos visigodos do Nórico para a Panónia<sup>646</sup>. Parece ser uma mudança de estratégia por parte de Alarico, em relação às suas campanhas anteriores. O visigodo já não procura uma posição na estrutura política romana, apenas o pagamento de tributos e alguns dignitários romanos como reféns. Sem quaisquer indícios políticos e diplomáticos, será possível que Alarico tenha percebido o seu poderio militar, agora reforçado com os soldados apoiantes e auxiliares de Estilício, no seio do Império Romano, e prefere não se envolver na guerra

---

<sup>641</sup> Zos V 29-30.

<sup>642</sup> Zos V 31.

<sup>643</sup> Burns, T. S. (1994), p. 216.

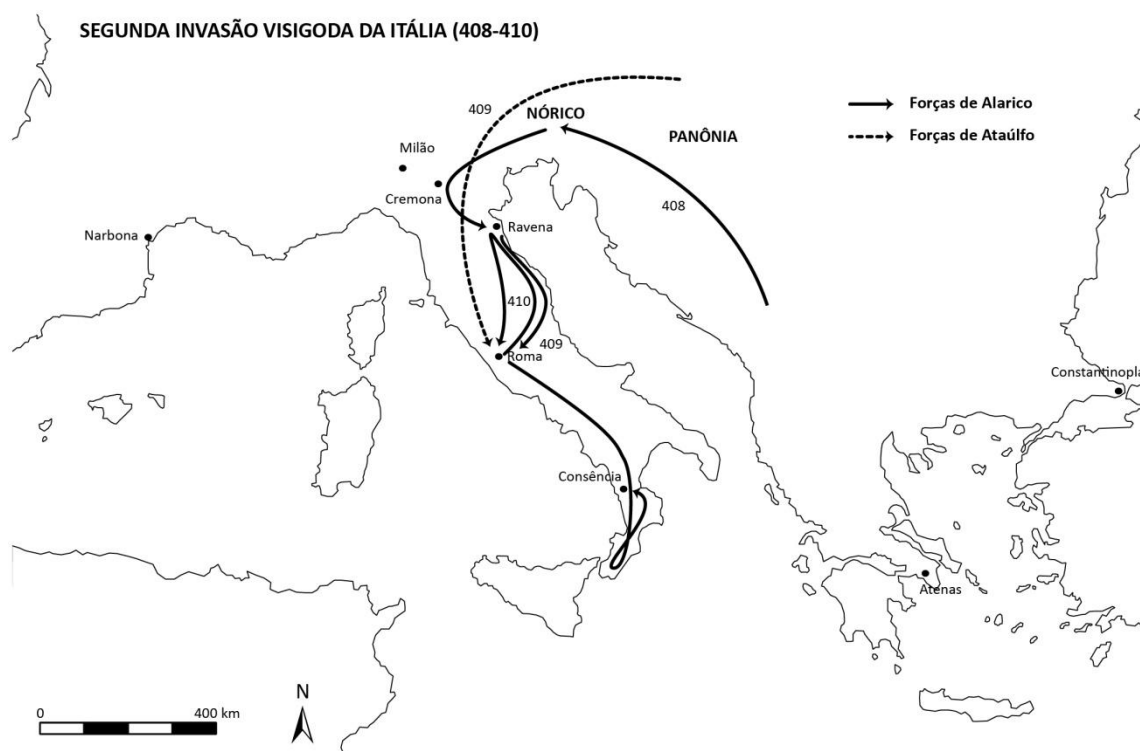
<sup>644</sup> Zos V 35.

<sup>645</sup> Zos V 35.

<sup>646</sup> Zos V 36.

civil entre Honório e Constantino III? Ou as forças visigodas não eram suficientes para enfrentar as autoridades ocidentais?

Quem não estava convencido do poder de Alarico eram os principais cortesãos de Honório, que recusaram prontamente o acordo com os visigodos<sup>647</sup>. O mote para a segunda invasão da Itália pelas forças de Alarico estava dado.



**Mapa 06** - Movimentações das forças de Alarico e Ataúlfo entre 408 e 410 [Adaptado de Goldsworthy, A. (2009), p. 374].

Ao contrário das outras duas campanhas, descortinamos mais detalhes das acções militares ocorridas durante a segunda invasão visigoda e dos três cercos da cidade de Roma. Antes de invadir uma vez mais a Itália, Alarico sabe que só teria hipóteses de conseguir derrotar o exército de Honório com o mesmo número de efectivos, e por isso, convoca o seu cunhado, Ataúlfo, que comandava uma força considerável de godos e de hunos na alta Panónia<sup>648</sup>. Todavia, o líder visigodo não esperou pela chegada dos reforços,

<sup>647</sup> Zos. V 36; Sozom. *Hist. eccl.* IX 6.

<sup>648</sup> Zos. V 37.

e avançou sobre o território italiano, provavelmente obtendo informações sobre as fragilidades do exército imperial através dos refugiados<sup>649</sup>.

Em Outubro de 408, os visigodos iniciaram a sua marcha. Partindo do Nórico, as forças de Alarico chegaram à cidade de Aquileia, e a partir daí usaram a Via Postúmia<sup>650</sup>, passando por Concórdia e Altino, até chegaram a Cremona<sup>651</sup>. Não se sabe a razão por que Alarico escolheu ir até Cremona para atravessar o rio Pó, mas a tese de que o líder visigodo tinha a intenção de atacar o exército de Honório, em Ticino, é viável<sup>652</sup>. No entanto, o imperador Honório já tinha partido para Ravena.

A travessia visigoda do rio Pó é nos relatada como tivesse sido um festival<sup>653</sup>, o que nos leva a questionar como Alarico e as suas forças eram vistas no Norte da Itália. Apesar de liderar um grupo «fora-da-lei» de gentes não-romanas, Alarico nunca deixou de ser uma figura que acreditava no Império Romano. O seu inimigo estava nas autoridades imperiais de Ravena. A imagem de festival e a ausência de confrontos, relatada pelas fontes, indicam que Alarico não era olhado como um invasor bárbaro, mas como um antigo oficial romano, com ligações ao falecido Estilício.

Atravessado o Pó, os visigodos continuaram pela Via Emília em direcção a Bonónia<sup>654</sup> e Arímino<sup>655</sup>, na costa adriática, deixando a capital, Ravena, para trás<sup>656</sup>. Os pântanos à volta da cidade e o porto natural, que permitia uma rota marítima com o Império do Oriente, faziam de Ravena um objectivo muito importante, mas muito complicado. As fortes defesas e uma região hostil levam Alarico a desistir de a tomar. Depois de terem atravessado as regiões de Flâmínia e do Piceno, as forças de Alarico dominaram a Via Salária<sup>657</sup>, e viram a marcha em direcção ao Ocidente. A intenção era óbvia. Alarico tinha como objectivo final da sua campanha a cidade de Roma<sup>658</sup>.

Mesmo com a perda de importância ao longo dos tempos da antiga capital do Império Romano, Roma ainda era um dos principais portos de abastecimento para grande

---

<sup>649</sup> Burns, T. S. (1994), p. 227.

<sup>650</sup> Wolfram, H. (1988), pp. 154-155.

<sup>651</sup> Zos. V 37.

<sup>652</sup> Wolfram, H. (1988), p. 155; Burns, T. S. (1994), p. 227.

<sup>653</sup> Zos. V 37.

<sup>654</sup> Actual Bolonha.

<sup>655</sup> Actual Rimini.

<sup>656</sup> Zos. V 37.

<sup>657</sup> Wolfram, H. (1988), p. 155.

<sup>658</sup> Zos. V 37.

parte do Império do Ocidente, em particular as suas ligações marítimas com o Norte de África. Por estas e muitas outras razões, Roma é um objectivo muito apetecível para as forças visigodas. Para isso, todas as vias de abastecimento para o interior da cidade foram cortadas e o rio Tibre foi controlado pelas forças visigodas<sup>659</sup>.

O primeiro cerco de Roma foi um sucesso militar para Alarico, que assim conseguiu pressionar o senado romano e o imperador Honório a acordar o pagamento de tributos, a entregar reféns e a estabelecer uma aliança com o Império do Ocidente. O líder visigodo terá aproveitado para entrar na cidade de Roma, em Dezembro de 408, e recrutar todos os escravos para as suas forças<sup>660</sup>. Muitos destes escravos eram antigos soldados de Radagaiso.

Convencido de que tinha prevalecido sobre as autoridades em Ravena, Alarico levanta o cerco a Roma e retira-se com as suas forças para a Etrúria<sup>661</sup>. A corte imperial estabelecida em Ravena, liderada pelo ministro Olímpio, quebra o acordo estabelecido com os visigodos, e o imperador Honório chama cinco regimentos, comandados pelo *comes militaris* Valente, da Dalmácia, no total de seis mil homens para defender Roma. Tudo acabou num desastre militar para o imperador Honório. O chefe visigodo montou uma armadilha letal, controlando todas as vias de acesso, e esperou pela chegada dos reforços romanos. Escapam apenas cem militares da força de socorro<sup>662</sup>.

Mas os sucessos militares de Alarico não encontram o mesmo êxito na acção política e diplomática. Nos meses seguintes, as conversações entre o líder visigodo e o imperador Honório são pouco produtivas. Durante o mesmo período, Ataúlfo finalmente atravessou os Alpes, entre a região da Panónia e a cidade de Veneza, e, ao saber disto, Honório terá ordenado que todas as suas forças disponíveis, em Ravena e nas cidades próximas, convergissem e atacassem o novo grupo invasor, antes que estas forças entrassem em contacto com Alarico. Segundo os relatos, Olímpio recebeu trezentos hunos da guarda imperial, e no confronto contra as forças de Ataúlfo, a guarda hunica terá morto mil e cem godos, registando-se só dezassete baixas do lado do Império<sup>663</sup>. É quase certo que estes números não representam a realidade do confronto, pois a força de Ataúlfo

---

<sup>659</sup> Zos. V 38-39; Sozom. *Hist. eccl.* IX 6.

<sup>660</sup> Zos. V 42.

<sup>661</sup> Zos. V 42.

<sup>662</sup> Zos. V 42.

<sup>663</sup> Zos. V 45.

conseguiu chegar ao campo visigodo de Alarico, e o ministro Olímpio, responsável pela crise em Itália, perdeu assim o seu lugar em Ravena<sup>664</sup>.

Mesmo com a corte imperial agora do lado de Alarico, o imperador Honório nunca cedeu a nível político. Depois dos sucessivos fracassos do acordo, o chefe godo volta a cercar Roma. Repetindo a sua tática de subjugar os adversários através da fome, Alarico ordenou a captura da cidade de Porto, para cortar os abastecimentos a Roma<sup>665</sup>. O cerco foi de curta duração. Sem qualquer possibilidade de obter qualquer acordo com Honório, Alarico proclama o senador Prisco Átalo como novo Augusto, perante a população de Roma.

Com a cidade de Roma e um usurpador imperial sobre seu controlo, Alarico recebe (toma para si) o cargo de *magister utriusque militiae*<sup>666</sup>. Na prática, significava muito pouco. Para além dos visigodos, a força militar e a capacidade logística do novo imperador Átalo era quase nula. A somar a este problema, o Norte de África declarou o seu apoio a Honório e cortou o abastecimento de cereal à cidade de Roma. Alarico tem poucas opções para manter a pressão sobre o Império<sup>667</sup>.

As discordâncias entre o general Alarico e o imperador Átalo vêm à superfície, quando o «usurpador» recusa o plano de enviar forças visigodas para ocupar o Norte de África. Esta missão, se fosse bem-sucedida, colocava nas mãos de Alarico e dos visigodos uma província fundamental. Com o Norte de África e os seus cereais, Alarico podia prescindir dos políticos romanos<sup>668</sup>. Átalo decide enviar quinhentos soldados romanos comandados por Constâncio<sup>669</sup>. Interessante é questionar o porquê de Alarico ter acatado que as operações no Norte de África não fossem feitas pelas suas forças.

Com a situação africana em fluxo, Alarico e o imperador Átalo decidem não esperar pela resolução do conflito e as suas forças combinadas saem de Roma em expedição contra a cidade de Ravena, que acabariam por cercar em 410. Apenas o desembarque de quatro

---

<sup>664</sup> Burns, T. S. (1994), p. 236.

<sup>665</sup> Zos. VI 6; Sozom. *Hist. eccl.* IX 8.

<sup>666</sup> Zos. VI 7; Sozom. *Hist. eccl.* IX 8.

<sup>667</sup> Burns, T. S. (1994), p. 240; Goldsworthy, A. (2009), p. 379.

<sup>668</sup> Wolfram, H. (1988), pp. 157-158.

<sup>669</sup> Zos. VI 8-9.

mil reforços, vindos do Império do Oriente, nas proximidades de Ravena deram ao imperador Honório uma pequena esperança para resistir ao cerco do usurpador Átalo<sup>670</sup>.

A política volta a tomar o controlo do conflito. Mas a chegada da notícia de que o Norte de África continuava nas mãos dos apoiantes de Honório, potencia a crise e a desconfiança entre os líderes Alarico e Átalo. O «usurpador» continua a recusar o envio de forças visigodas para resolver o problema do controlo da província africana. A confiança esboroa-se, tanto mais que o problema dos abastecimentos a Roma e aos exércitos em campanha, se agrava.

Percebendo que era inútil continuar a pressionar Ravena directamente, Alarico levanta o cerco e toma controlo de várias cidades nos territórios de Emília, e cerca, sem sucesso, a cidade de Bonónia<sup>671</sup>. Em Roma, a fome torna-se no principal problema. Mas, apesar do impasse, Átalo continua a votar no senado contra a proposta do envio de forças visigodas para África<sup>672</sup>. A má leitura política custa-lhe o lugar de imperador. No Verão de 410, Alarico chama Prisco Átalo à cidade de Arímino, onde lhe retira as insígnias imperiais.

Apesar de a segunda invasão da Itália e de toda a campanha militar das forças visigodas ter sido, inicialmente, um sucesso, as decisões políticas e diplomáticas trouxeram os mesmos problemas de sempre a Alarico. Tal como em 395/397 e 401/402, seria a questão dos abastecimentos e da logística, em geral, que condicionariam todo o seu plano estratégico.

Desgastado com a campanha, Alarico retoma as negociações com o imperador Honório e, com os seus embaixadores já em marcha para Ravena, recebe a notícia de que trezentos homens, sob a liderança do comandante Saro, terão surpreendido e emboscado as forças de Ataúlfo<sup>673</sup>. Saro será recebido com honras pelo imperador Honório<sup>674</sup>. Este general parece nunca ter deixado de ser fiel a este imperador, mesmo quando ausente da estrutura militar romana.

A 24 de Agosto de 410, depois de um breve cerco, os visigodos entram na antiga capital do Império Romano, e durante três dias a cidade de Roma é saqueada. Mais do que

---

<sup>670</sup> Zos. VI 9.

<sup>671</sup> Zos. VI 10.

<sup>672</sup> Burns, T. S. (1994), p. 236.

<sup>673</sup> Sozom. *Hist. eccl.* IX 9; Olimp. fr. 3; Zos. VI 12.

<sup>674</sup> Wolfram, H. (1988), p. 158.

um choque para o mundo romano, o saque de Roma, acaba por ser uma derrota estratégica para Alarico. Nenhum dos seus objectivos políticos, de singrar como romano no Império, se concretiza. Mesmo contra dois usurpadores, Constantino III e Átalo, o imperador Honório resiste em Ravena, sem nunca ceder às pressões militares dos seus inimigos.

Numa última tentativa para pressionar Honório, Alarico ordena a marcha das suas forças pela Campânia<sup>675</sup> e Lucânia, até chegarem à cidade de Régio da Calábria<sup>676</sup>, onde tentariam atravessar o mar para a Sicília e depois para África<sup>677</sup>. O objectivo principal era o de adquirirem os territórios que abasteciam o Império Romano do Ocidente. Uma tempestade destruiu a frota visigoda e acabou com os planos do líder visigodo Alarico, que acabaria por morrer, poucos meses depois, na cidade de Consência, por doença<sup>678</sup>. O seu cunhado, Ataúlfo, torna-se no novo comandante supremo e «*rex*» dos visigodos.

Alarico parece, afinal, não ser um grande estratega militar, isto se olharmos para as campanhas entre 395 e 401. Sempre que defrontou um exército romano bem preparado, foi constantemente forçado a retirar. Mesmo os seus aparentes sucessos se deveram mais a factores políticos e diplomáticos que opunham as diversas facções dos dois lados do Império Romano.

É nessas fracturas e dificuldades que, talvez, podemos encontrar algum sucesso nas acções militares do líder visigodo, que aproveitou para pressionar as autoridades imperiais em prol das suas pretensões e, até mesmo, para sobreviver após as derrotas. Mas, o maior feito militar e político de Alarico foi a união dos visigodos. Durante quinze anos, o que inicialmente era uma rebelião de auxiliares godos do exército romano do Oriente, tornou-se numa força híbrida de bárbaros e romanos, com grande expressão no interior do Império, e que seria a primeira herdeira da estrutura militar romana durante os séculos seguintes à queda do Império do Ocidente.

---

<sup>675</sup> Jord. XXX.

<sup>676</sup> Burns, T. S. (1994), p. 245.

<sup>677</sup> Olimp. fr. 15; Jord. XXX.

<sup>678</sup> Oros. VII 43. 2; Olimp. fr. 10, Idá. 45; Jord. XXX.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

«Naquele tempo, à frente dos povos Godos estava o rei Ataúlfo. Após a invasão da Cidade e a morte de Alarico, (...) e depois de ter desposado Placídia, irmã do imperador, sucedera ele a Alarico o poder supremo. (...) ele era partidário muitíssimo empenhado na paz, e preferir servir pelas armas, fielmente, o imperador Honório e aplicar as forças dos Godos em prol da defesa da Republica Romana.»<sup>679</sup>

Terminado o ano de 410, depois de quinze anos de rebelião e de tentativas para tomar o poder no espaço do dividido Império Romano, as gentes que constituíam os visigodos tinham um novo líder, o cunhado de Alarico e seu antigo braço-direito, Ataúlfo. A partir deste momento, a história dos visigodos toma um outro rumo, mais próximo da génese de um novo reino romano-godo dentro do *limes* do Império. É, também, um sinal do aumento das fracturas criadas pelas mudanças administrativas e militares durante o século IV. Em jeito de conclusão, devemos perguntar qual foi a importância de Alarico na definição dos novos sistemas políticos, e militares, no Ocidente pós-Roma? Estará, por aí, a génese de uma outra Europa?

Reunindo as duas partes desta dissertação, devemos olhar para Alarico através de um conjunto de problemáticas e questões que se apresentam, e assim perceber quais as transformações directas e indirectas das suas pretensões imperiais e das acções militares para o futuro dos visigodos e do Império Romano, após a sua morte. Como é que a construção de uma liderança político-militar e a aglomeração de gentes divididas entre o mundo godo e o mundo romano permitiu o surgimento de uma formação monárquica visigoda no seio do Império? De que forma as ambições políticas de Alarico sobre as duas cortes imperiais influenciaram os futuros reis visigodos? Como foi importante a hibridização da organização militar romana e goda, para a afirmação do futuro modelo de exército do reino visigodo? E, por fim, quais foram as consequências das estratégias e acções militares do líder Alarico sobre os visigodos, que acabariam por dominar parte da Gália e toda a Hispânia?

---

<sup>679</sup> Oros. VII 43. 2-3.

Os visigodos pós-Alarico representariam uma nova entidade etnológica moldada pelos anos de luta do líder rebelde. Apesar de Alarico e parte do grupo inicial de auxiliares godos terem origens nos territórios além do rio Danúbio, anteriores ao ano de 376, e de se terem estabelecido em 382, no interior do *limes* romano, como agricultores e recrutas para os exércitos imperiais, no ano de 410 já eram poucas as semelhanças com este grupo inicial. As constantes lutas contra as autoridades imperiais e a aglomeração de gentes bárbaras e romanas à volta de Alarico seriam fundamentais para definir os «foras-da-lei» visigodos como um povo homogéneo.

Com Ataúlfo, a unidade visigoda não só se manteve, como se solidificou a sua identidade. Mesmo irremediavelmente afastados dos centros de poder imperiais, os constantes contactos entre os visigodos e os romanos continuariam a ser um factor de influência, de tal forma que Ataúlfo terá desejado ser um novo César Augusto e apagar o nome de Roma do império, e substituí-lo por «Gótia»<sup>680</sup>. Mas, sem nunca querer destruir o império. O conceito de *romanitas* estava presente nos visigodos, e a defesa da romanidade era fundamental para a existência da nova «nação».

Seria com Vália, em 417, e Teodorico I, em 418, que a unidade visigoda se cimentou depois da criação do reino da Aquitânia. Isto representava uma ruptura com os novecentos anos de história de Roma. Pela primeira vez emerge uma nova entidade, parcialmente independente das autoridades romanas dentro do seio das suas fronteiras. Os visigodos deixam de ser um grupo de antigos rebeldes e de gentes que caíram nas brechas do Império, para serem o primeiro reino medieval, herdeiros da administração e organização militar romana.

A crença cristã ariana dos godos teve um papel muito importante para o futuro dos herdeiros de Alarico. Permitiu aos visigodos manter um controlo sobre o seu novo reino, muito para além da acção militar, ganhando apoios junto dos bispos na Aquitânia, e depois na Hispânia. Estes apoios revelam-se fundamentais para a administração religiosa nas cidades destas duas províncias. Mesmo que isto significasse uma ruptura com a igreja nicena de Roma, tornando-se, séculos depois, uma das causas dos conflitos entre o reino visigodo e outros reinos católicos europeus<sup>681</sup>.

---

<sup>680</sup> Oros. VII 43. 5-6.

<sup>681</sup> Hinds. K. (2010), p. 61.

Mas Alarico não seria o principal impulsionador das mudanças nos conceitos de liderança que estavam a ocorrer por todo o Império Romano. As reformas administrativas e militares de Diocleciano e Constantino permitiram o surgimento de uma nova elite imperial, estruturada no poder militar. Com o exército romano cada vez mais aberto ao recrutamento de não-romanos e com a separação das estruturas civis e militares, estes novos senhores da guerra puderam alcançar posições de topo no império e influenciar as cortes do Ocidente e do Oriente.

Líderes como Arbogasto, Estilício, Gainas e Alarico contribuíram para a substituição do paradigma nos finais de Império Romano. Soldados «bárbaros», que, de uma forma ou outra, buscaram as suas ambições imperiais, chegando a controlar os destinos das cortes e dos imperadores como bem entendiam. O «rei dos visigodos», Ataúlfo, que foi *comes domesticorum equitum* durante o primeiro reinado de imperador Prisco Átalo, pretendia levar esta nova concepção de poder mais à frente, com o seu casamento com Gala Placídia, unificando a chefatura militar visigoda com a dinastia de Teodósio<sup>682</sup>.

No entanto, a maioria dos visigodos acabaria por se afastar das ambições militares no interior do exército romano, com a criação do reino de Aquitânia, mesmo que continuassem a combater em nome do Império do Ocidente, como foi o caso de Recimiro<sup>683</sup>. Mas novos líderes bárbaros vindos do exterior do *barbaricum*, como o huno Átila e o hérulo Odoacro, continuariam a pressionar as autoridades romanas, desgastando cada vez mais o já enfraquecido e fracturado Império do Ocidente, até à perda da Itália, em 476<sup>684</sup>. Sem o poder central do imperador a representar a pouca unidade que ainda havia, estes comandos militares seguiram o exemplo dado pelos visigodos e criaram os seus reinos nos territórios anteriormente romanos.

A constante ambição de promoções militares no interior da estrutura romana por Alarico e sua rejeição pelos políticos romanos foram fulcrais para a criação de uma monarquia visigoda. Onde a figura do «rei», como o principal chefe militar, surge quase como resposta ao estatuto de «fora-da-lei» dado pelo Império Romano. Mesmo que Alarico mantenha uma ligação com os antigos nobres tervíngios, quer por possíveis laços familiares

---

<sup>682</sup> Pawlak, M. (2005), pp. 225-243.

<sup>683</sup> Goldsworthy, A. (2009), pp. 446-449.

<sup>684</sup> Idem, *ibidem*, pp. 460-461.

com Atanarico, quer com a presença de *reiks* nos conselhos de guerra visigodos, a nosso ver, essa circunstância pouco influenciou o estatuto da liderança das gentes visigodas.

A eleição de Ataúlfo para a chefatura visigoda representa, por si, uma mudança em relação ao estatuto que Alarico construiu durante os quinze anos de acção política e militar. Já não se tratava do comando militar de um grupo de auxiliares rebeldes, reforçado pelo recrutamento de bárbaros e romanos, ou cargos que davam acesso às estruturas imperiais e que permitiam reforçar os visigodos. Era, agora, a liderança absoluta de gentes que, por uma razão ou outra, se juntavam às campanhas de Alarico e o acompanharam na sua luta, e que, com a morte do líder visigodo, provavelmente, viram em Ataúlfo um herdeiro natural.

Durante os quatro anos do seu reinado (r. 411-415)<sup>685</sup>, o «rei» Ataúlfo nunca conseguiu qualquer tipo de reconhecimento por parte das autoridades imperiais em Ravena. Para o imperador Honório, Ataúlfo, era mais um usurpador que tinha de ser travado, o que acabaria por empurrar os visigodos para fora de Itália, em direcção à Gália, em 411. Todavia, ao contrário da situação de quase domínio de Alarico na Ilíria, a província da Gália era muito mais hostil para as pretensões dos visigodos, devido às migrações bárbaras de 406 e às usurpações de Constantino III e de Jovino e Sebastião<sup>686</sup>.

Com vitória do *magister militum* do exército do ocidente Constâncio e a derrota de Constantino III em 411, o mapa político-militar do Império do Ocidente entrou em permanente perturbação e Ataúlfo, à semelhança da estratégia deixada por Alarico de aproveitar as fracturas existentes no Império, decidiu envolver os visigodos nas guerras civis. Primeiro, declarou o seu apoio ao usurpador Jovino contra o imperador Honório<sup>687</sup>, mas rapidamente muda para o lado do general Constâncio e, em conjunto, derrotam Jovino, Sebastião<sup>688</sup> e Saro, que tinha, por sua vez, declarado apoio a Jovino<sup>689</sup>.

Todavia, à semelhança do sucedido com Alarico, as ambições de Ataúlfo chocaram com a intransigência do imperador Honório de não negociar com os visigodos. A nosso ver, Honório foi tão responsável pela formação do povo e do reino visigodo como Alarico, pois foi a sua constante recusa de acordos e não-aceitação destas gentes «fora-da-lei» que forçou

---

<sup>685</sup> Goldsworthy, A. (2009), pp. 382-383.

<sup>686</sup> Burns, T. S. (1994), pp. 251-252.

<sup>687</sup> Goldsworthy, A. (2009), p. 382.

<sup>688</sup> Ida. 54. XIX.

<sup>689</sup> Burns, T. S. (1994), p. 256.

a unidade à volta de um líder godo que pretendia ter os mesmos direitos e ambições que os romanos.

A nova recusa de Honório fez com que Ataúlfo e os visigodos atacassem e tomassem as cidades de Narbona e Tolosa e estabelecessem aí o seu «reino». Em Janeiro de 414, pressionado pela escassez de alimentos, o «rei» Ataúlfo casa-se, numa cerimónia romana, com Gala Placídia<sup>690</sup>, filha de Teodósio I e irmã de Honório e de Arcádio, na esperança de assim conseguir o reconhecimento por parte da corte de Ravena e, finalmente, obter os abastecimentos de que precisava. No entanto, o imperador Honório e o general Constâncio, nunca reconheceram o casamento e, em 415, depois de um longo cerco terrestre e naval, Constâncio derrota as forças visigodas<sup>691</sup>. Ataúlfo, conseguiu fugir para a *Barcino*<sup>692</sup>, na Hispânia, mas acabaria por ser assassinado no ano seguinte, pelos homens de Saro<sup>693</sup>.

Ataúlfo percebeu a importância entre o poder militar e as relações dinásticas e, rapidamente, criou ligações no contexto da realeza, com a dinastia de Teodósio, sendo resultado dessa ligação um filho de nome Teodósio, que não viveria por muito tempo<sup>694</sup>. Representa uma ruptura com as estratégias imperiais de Alarico, construindo a hibridização godo-romana entre o poder militar e o poder dinástico, que tornava os chefes visigodos mais do que simples *primi inter pares* militares, e mais próximos da figura do rei, tal como a conhecemos na época medieval.

Com a morte de Ataúlfo, Sigerico, irmão do Saro, subiu ao trono visigodo, mas o seu reinado só duraria sete dias<sup>695</sup>. O novo rei apressou-se a vingar a morte do seu irmão, ordenando a morte dos filhos de Ataúlfo, da primeira mulher, e humilhando Gala Placídia, ao fazer dela sua prisioneira<sup>696</sup>. A disputa pela liderança visigoda tornou-se, por uns breves momentos, um palco de rivalidades tribais e familiares, que punha em risco a unidade criada por Alarico. Mas a intervenção de Vália acabaria por ditar a morte de Sigerico e impedir que os visigodos entrassem em guerra civil.

---

<sup>690</sup> Sanz-Serrano, R. (2013), pp. 53-66.

<sup>691</sup> Ida. 60. XXII.

<sup>692</sup> Actual Barcelona.

<sup>693</sup> Olimp fr. 24.

<sup>694</sup> Pawlak, M. (2005), p. 229.

<sup>695</sup> Wolfram, H. (1988), pp. 165-167.

<sup>696</sup> Burns, T. S. (1994), p. 260.

Após uma tentativa falhada, por parte das forças visigodas, de atravessar o Estreito de Cádiz para o Norte de África<sup>697</sup>, Vália celebrou tratados com o imperador Honório e com o general Constâncio, e entregou os reféns romanos que os visigodos tinham, incluindo Gala Placídia. Começou assim uma nova era de paz entre o Império do Ocidente e os visigodos. Entretanto, Constâncio foi elevado a *patricius* e casou-se com Placídia, tornando-se membro da dinastia de Teodósio.

A chegada de Vália à liderança visigoda, em 416, trouxe a aceitação oficial do novo estatuto de monarquia pelas autoridades romanas, e terá permitido a criação de um reino visigodo nas terras da Aquitânia, com a capital em Tolosa. A estratégia concebida por Alarico, em 395, tinha, finalmente, alcançado parte dos resultados pretendidos. A obtenção de terras para os godos, e outras gentes, que seguiam o líder rebelde, e a sua aceitação, como iguais, por parte das autoridades romanas. Ao contrário dos acordos com os tervingos, em 376 e 382, ou mesmo os vários cargos que Alarico obteve na estrutura imperial, os visigodos tornaram-se parcialmente independentes do Império Romano, sendo apenas obrigados a participarem nas campanhas militares do Império do Ocidente<sup>698</sup>.

As autoridades imperiais em Ravena reconheceram, desta forma, a importância militar dos visigodos no mapa político da parte ocidental do Império. Ainda a recuperar do choque do saque de Roma, em 410, e dos sucessivos confrontos com as forças usurpadoras na Gália e na Hispânia, o imperador Honório e o general Constâncio perceberam bem as dificuldades que enfrentam. Além da ocupação visigoda de parte do nordeste da Hispânia e do sudoeste da Gália, existiam ainda ocupações de suevos, alanos e vândalos no resto da província hispânica.

A herança romana das forças visigodas decerto representava uma solução para os problemas que afectavam o Império do Ocidente. Entre os anos de 416 e 418, o rei Vália ataca o resto das populações bárbaras na Hispânia, para repor a paz em nome de Roma<sup>699</sup>. No entanto, o modelo militar visigodo já não era uma mescla de antigos *auxilia* do exército do Oriente, de fugitivos romanos e não-romanos e de alas de guerreiros montados godos. O constante reconstruir das forças visigodas, durante os quinze anos de Alarico, permitiu a criação de um exército visigodo cada vez mais apoiado na cavalaria, sobretudo, após o

---

<sup>697</sup> Oros. VII 43. 10-16.

<sup>698</sup> Idem, *ibidem*, p. 261.

<sup>699</sup> Ida. 60. XXII, 63. XXIII, 67-68.

reforço de Ataúlfo e dos seus guerreiros montados, em 408, e a eleição deste para a chefatura visigoda, em 411<sup>700</sup>.

Alcançado o acordo entre visigodos e o Império do Ocidente, o poderio do modelo militar visigodo foi direccionado sobre a caótica província da Hispânia. A usurpação e o domínio de Constantino III na Gália e, posteriormente, na Hispânia provocariam efeitos não só ao nível das disputas entre imperadores, mas também, a continuação da migração de suevos, alanos e vândalos. Tal como os godos em 376, esta nova vaga migratória foi utilizada pelos vários líderes imperiais em prol das suas pretensões militares e políticas.

Ao mesmo tempo que Alarico pressionava a corte imperial de Honório, com a sua campanha em Itália, no ano de 409, um general de Constantino III, Gerônimo, revoltou-se contra o usurpador<sup>701</sup>. Sem nos debruçarmos muito sobre o assunto, o Império do Ocidente torna-se palco de uma guerra civil entre quatro Augustos: o imperador Honório em Ravena, Constantino III na Gália, Prisco Átalo em Roma e Máximo, figura próxima do general Gerônimo<sup>702</sup>. Motivados pelos conflitos ou até, possivelmente, em conspiração com Gerônimo e Máximo, a coligação de suevos, alanos e vândalos atravessa os Pirenéus a 28 de Setembro ou a 12 de Outubro de 409<sup>703</sup> e, rapidamente, se espalha por todo o território hispânico.

A situação no Império do Ocidente estabiliza um pouco no ano de 411, após a dupla derrota de Constantino III e de Gerônimo às mãos do general Constâncio, em Arles, e a queda do usurpador Máximo<sup>704</sup>. Mas a Hispânia continuava dominada pelos vários povos bárbaros que tinham entretanto dividido a península entre si. Foi este o cenário que Vália e os visigodos encontraram durante a sua campanha no território hispânico.

Firmado o acordo com o Imperador Honório, em 416, o rei visigodo atacou os alanos e os vândalos silingos que ocupavam partes da Lusitânia e da Bética<sup>705</sup>. Pela primeira vez, desde a revolta de Alarico, os visigodos eram postos em acção, aliados às autoridades imperiais contra forças não-romanas. Esta decisão de pacificação da Hispânia provou ser um sucesso. A capacidade militar visigoda demonstrou ser muito superior às

---

<sup>700</sup> Wolfram, H. (1988), pp. 167-168.

<sup>701</sup> Zos VI 5.

<sup>702</sup> Kulikowski, M. (2007), p. 158.

<sup>703</sup> Idácio (1982), p. 12.

<sup>704</sup> Oros. VII 42. 1-5.

<sup>705</sup> Ida. 60. XXII.

forças alanas e vândalos que estavam na Hispânia. O rei vândalo, Fredbal, foi capturado sem que tivesse travado qualquer combate, e foi enviado por Vália para Ravena, como prova da boa-fé visigoda<sup>706</sup>.

A pacificação visigodo-romana da Hispânia continuaria durante os anos de 417<sup>707</sup> e 418. Os vândalos silingos, acantonados na região da Bética, foram exterminados. Em seguida, os alanos que tinham o domínio sobre os vândalos asdingos e os suevos, foram derrotados pelas forças visigodas, mas antes que o rei Vália conseguisse acabar a sua campanha, o patrício Constâncio ordenou que os visigodos retornassem aos territórios da Aquitânia<sup>708</sup>. Não se conhecem os motivos desta ordem de retirada, sendo possível que Constâncio planeasse recrutar os suevos e vândalos asdingos<sup>709</sup>, ou que tivesse receio de um reino visigodo poderoso, protegido pelos Pirenéus<sup>710</sup>.

No entanto, a decisão do patrício Constâncio provocaria alterações no mapa político da Hispânia. Apesar da retirada dos visigodos e o restabelecimento de forças regulares romanas no Noroeste hispânico<sup>711</sup>, as autoridades imperiais não conseguiram controlar as restantes forças bárbaras ainda na Península. Com a derrota às mãos dos visigodos e a morte do rei Adace, os alanos perderam todo o controlo que tinham sobre os asdingos e suevos<sup>712</sup>, o que permitiu a ascensão destes dois povos.

Os alanos sobreviventes juntaram-se aos vândalos e criaram uma confederação tribal vândalo-alana<sup>713</sup>, na região da Galiza, sobre a égide do rei vândalo Gunderico. Por sua vez, os suevos, liderados por Hermerico, viram uma oportunidade para alargar o seu reino, começando uma guerra contra Gunderico, que duraria até 420, e acabaria com a expulsão dos vândalos para a região da Bética<sup>714</sup>.

Os acontecimentos na Hispânia mostram que os visigodos já não são simples «foras-da-lei», que tentam sobreviver e alcançar as suas pretensões nas fracturas do Império Romano, mas um forte reino com uma palavra a dizer na construção de uma outra Europa, nos finais do Império Romano no Ocidente. A retirada visigoda, ordenada por Constâncio,

---

<sup>706</sup> Ida. 62.

<sup>707</sup> Ida. 63. XXIII.

<sup>708</sup> Ida. 69.

<sup>709</sup> Burns, T. S. (1994), p. 262.

<sup>710</sup> Wolfram, H. (1988), p. 173.

<sup>711</sup> Burns, T. S. (1994), p. 262.

<sup>712</sup> Ida. 68.

<sup>713</sup> Wolfram, H. (1988), p. 171.

<sup>714</sup> Ida. 74. XXVI.



representa a necessidade da estrutura política imperial de Ravena, em encontrar uma solução permanente para as gentes herdeiras das lutas do nobre Alarico.

Foi a subida ao trono do genro de Alarico, Teodorico I, em 418, que marcou o virar da página sobre o modelo de chefatura militar visigoda, e a sua transição para um modelo monárquico hereditário, que viria a fundar a dinastia de Tolosa. Existem poucas informações sobre os primeiros anos do reino visigodo de Tolosa. No ano de 422, forças federadas visigodas marcham, juntamente com os romanos do *magister militum* Castino, contra os vândalos da Hispânia, apenas para depois da vitória se virarem contra os seus aliados imperiais<sup>715</sup>. Porquê esta traição? As fontes são mudas sobre processos, causas e consequências de actos como este.

No ano de 423, o imperador Honório morre e a sua sucessão entra num processo problemático, do qual o sistema visigodo não sai incólume. O *rex gothorum*, Teodorico, tornou-se naquilo que os romanos mais temiam: um verdadeiro espinho encravado no flanco da estrutura política imperial. Marcha, várias vezes, sobre Arles, desde 425 até 430<sup>716</sup>. Para contrapor este poder militar dos visigodos de Teodorico, o general Flávio Écio<sup>717</sup>, contrata mercenários hunos, e trava todas as tentativas visigodas de expandir o reino no território gaulês, pelo menos durante duas décadas<sup>718</sup>.

Não seria apenas no campo político-militar romano que Teodorico procurou expandir a influência visigoda. Casou uma das suas filhas com Hunérico, filho do rei vândalo Geserico, no ano de 429<sup>719</sup>, e terá tentado, sem sucesso, negociar uma aliança com os suevos da Galiza, em 431<sup>720</sup>. Este acordo só foi estabelecido em 449, quando casou outra das suas filhas com o rei suevo, Requiário I<sup>721</sup>.

Em menos de cinquenta anos, a liderança militar imperial e rebelde de Alarico, tinha-se transformado numa complexa teia dinástica de casamentos reais e de alianças entre os novos reinos, que surgiam sem que o Império Romano pudesse fazer nada para os travar. Teodorico foi fulcral para a emergência do modelo monárquico, que viria a dominar a Europa durante vários séculos após a queda de Roma.

---

<sup>715</sup> Ida. 77. XXVIII.

<sup>716</sup> Wolfram, H. (1988), p. 175.

<sup>717</sup> Ida. 92, 99, 103, 107.

<sup>718</sup> Goldsworthy, A. (2009), pp. 411-413.

<sup>719</sup> Wolfram, H. (1988), p. 176-177.

<sup>720</sup> Ida. 97.

<sup>721</sup> Wolfram, H. (1988), p. 175.

A batalha dos Campos Cataláunicos, no ano de 451, representaria um dos últimos momentos em que exércitos romanos do Ocidente combateriam ao lado de forças visigodas. Depois de uma década a pressionarem e a combaterem contra a parte oriental do Império, Átila e os seus hunos viraram o foco para o Ocidente. Procuravam novas terras para saquear. Átila tentou uma aliança com os romanos ocidentais de Valentiniano III, para combater os visigodos. Mas logo se conheceram as suas verdadeiras intenções<sup>722</sup>: a guerra e a devastação da Gália.

Átila e Alarico são muitas vezes comparados nas suas intenções político-militares. Mas, nada têm em comum. Enquanto Alarico procurava alcançar uma posição mais favorável dentro da estrutura militar imperial, mas sempre respeitando a *romanitas*, Átila não tinha qualquer ligação com Roma, com os seus conceitos, modelos de vida e valores morais. Tudo o que o huno pretendia era aterrorizar as populações por onde passava, forçando o pagamento de tributos e a desorganização das estruturas civis, militares e religiosas.

A invasão hunica da Gália obrigou ao patrício Flávio Écio a procurar apoio em todos os povos estabelecidos naquela região, incluindo os visigodos de Teodorico I. Recusando ajudar o general Écio, por duas vezes, o rei Teodorico, aceitou cumprir o seu dever como federado do Império ao terceiro pedido<sup>723</sup>.

A força aliada de romanos, visigodos e outros povos consegue travar a invasão hunica na batalha dos Campos Cataláunicos. Mas esta vitória tem um desfecho trágico para os visigodos. Teodorico I, rei que tinha sido o principal responsável pelo estabelecimento do reino visigodo e da dinastia de Tolosa, o espinho do Império do Ocidente, tomba em combate<sup>724</sup> contra os aliados ostrogodos de Átila<sup>725</sup>. O seu filho mais velho, Turismundo, torna-se no novo monarca visigodo, em 451.

O reinado de Turismundo durou apenas dois anos. A ambição dos seus irmãos Teodorico e Frederico, aliada à intenção do patrício Écio em travar uma possível expansão visigoda depois da invasão hunica da Itália, em 452<sup>726</sup>, resultou no assassinato do rei,

---

<sup>722</sup> Goldsworthy, A. (2009), pp. 415-416.

<sup>723</sup> Wolfram, H. (1988), p. 178.

<sup>724</sup> Goldsworthy, A. (2009), pp. 417.

<sup>725</sup> Wolfram, H. (1988), p. 178.

<sup>726</sup> Goldsworthy, A. (2009), pp. 417.

estrangulado pelos próprios irmãos, em 453<sup>727</sup>. Quatro décadas após o desaparecimento de Alarico, os seus herdeiros deixaram de ser *primus inter pares* militares, líderes de homens que lutavam pela sua sobrevivência, para se tornarem nobres ansiosos por uma coroa visigoda. A génese desta monarquia ocidental está na fragilidade estrutural do sistema imperial. A figura do imperador é cada vez mais inconsequente. Está vazia de poder. O caminho está aberto para a emergência de novos modelos, de outros processos. Acabou o tempo dos Romanos. Este é o tempo dos Godos.

Será com o rei Eurico I que os visigodos alcançam a total independência em relação ao Império do Ocidente, quando é anulado o *foedus* em 466. A anulação acontece quarenta e oitenta anos depois do estabelecimento dos visigodos na Aquitânia<sup>728</sup>. O reino visigodo ocupa vastas áreas da Gália e da Hispânia. É uma potência regional. Uma potência militar e política, muito perigosa para o decadente sistema imperial.

A luta dos rebeldes de Alarico, que começou nos territórios a Sul do Danúbio e à qual outras gentes se juntaram, em campanhas militares e nas intenções políticas, chegara ao fim. Os objectivos iniciais centraram-se na aceitação, da parte romana, de um estatuto de paridade para o sistema visigodo. A constante recusa pelos diversos imperadores e generais das legiões em aceitar essa igualdade política levaria à construção goda de uma identidade própria, nacional, garantida pela força das armas, e a emergência de um novo paradigma: o *regnum*.

O Império do Ocidente caíria em 476, mas o seu legado continuaria presente nos novos reinos que tomaram o lugar da águia imperial. Apesar de tudo, a germanização dos sistemas europeus tem, no horizonte, a imagem dos processos de Roma. O chefe dos Visigodos, afinal, pode ter sido, o último dos Romanos.

---

<sup>727</sup> Wolfram, H. (1988), p. 178.

<sup>728</sup> Idem, *ibidem*, pp. 181-182.



# FONTES E BIBLIOGRAFIA

## FONTES

Claudiano (1922a). *Claudian* (Platnauer, M., trad.) (Vol. I). Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library.

Claudiano (1922b). *Claudian* (Platnauer, M., trad.) (Vol. II). Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library.

Fócio (2002). *Bibliotheca or Myrionbiblon*. (Pearse, R., trans.). Disponível em [http://www.tertullian.org/fathers/photius\\_03bibliotheca.htm](http://www.tertullian.org/fathers/photius_03bibliotheca.htm)

Idácio (1982). *Crónica de Idácio. Descrição da invasão e conquista da Península Ibérica pelos Suevos (Séc. V)* (Cardoso, J., trad.). Braga: Universidade do Minho.

Jordanes (1915). *The Gothic History* (Mierow, C., trad. e comen.). Princeton: Princeton University Press.

Amiano Marcelino (1986). *Res Gestae* (Rolfe, J., trad.) (Vol. III). Cambridge: Harvard University Press. pp. 376-505.

*Notitia Dignitatum* (1551). Speyer: sem editor. Disponível em <http://bildsuche.digitale-sammlungen.de/index.html?c=viewer&bandnummer=bsb00005863&pimage=00005863&I=en>.

Orósio (2000). *O Livro 7 das Histórias contra os Pagãos e outros excertos* (Alberto, P. F. e Furtado, R., eds. e trad.). Lisboa: Edições Colibri. pp. 166-205.

Sozómoeno (1855). *The Ecclesiastical History, comprising a History of the Church, from A.D. 323 to A.D. 425*. (Walford, E., trad.). Londres: Henry G. Bohn. pp. 312-418.

Teodoreto (1892). *The Ecclesiastical History*. In *Theodoret, Jerome, Gennadius, & Rufinus: Historical Writings* (Jackson, B., trad.). pp. 71-370.

Vegécio (2009). *Compêndio da Arte Militar* (Monteiro, J. G. e Braga, J. E., trad. e comen.). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Zósimo (1814). *The History of Count Zosimus, sometimes advocate and chancellor of the Roman Empire*. Londres: W. Green and T. Chaplin. pp. 93-179.

Zósimo (1986). *Histoire Nouvelle, Livre V* (Paschoud, F., Trad.). Paris: Société d'Édition «Les Belles Lettres». 352 p.

Zósimo (1989). *Histoire Nouvelle, Livre VI et index* (Paschoud, F., Trad.). Paris: Société d'Édition «Les Belles Lettres». 212 p.

## OBRAS DE REFERÊNCIA E BIBLIOGRAFIA GERAL

Baumbach, M. (2004). Eunapius. In C. F. Salazar et al (eds.), *Brill's Encyclopaedia of the Ancient World - Equ-Has* (Vol. V, pp. 169-170). Leiden, Boston: Brill.

Blockley, R. C. (2007a). The Dynasty of Theodosius. In A. Cameron (ed.), *The Cambridge Ancient History. The Late Empire, A.D. 337-425* (Vol. XIII, p. 111-135). Cambridge: Cambridge University Press.

Blockley, R. C. (2007b). Warfare and diplomacy. In A. Cameron (ed.), *The Cambridge Ancient History. The Late Empire, A.D. 337-425* (Vol. XIII, pp. 426-432). Cambridge: Cambridge University Press.

Brandt, H. (2010). Vegetius. In C. F. Salazar et al (eds.), *Brill's Encyclopaedia of the Ancient World - Tuc-Zyt* (Vol. XV, pp. 252-253). Leiden, Boston: Brill.

Cameron, A. (ed.) (2007). *The Cambridge Ancient History. The Late Empire, A.D. 337-425* (Vol. XIII). Cambridge: Cambridge University Press.

Curran, J. (2007). From Jovius to Theodosius. In Cameron, A. (ed.), *The Cambridge Ancient History. The Late Empire, A.D. 337-425* (Vol. XIII, pp. 94-102). Cambridge: Cambridge University Press.

Eigler, U. (2007). Orosius. In C. F. Salazar et al (eds.), *Brill's Encyclopaedia of the Ancient World - Obe-Phe* (Vol. X, pp. 240-242). Leiden, Boston: Brill.

Froehlich, R. (2005). Hydatius. In C. F. Salazar et al (eds.), *Brill's Encyclopaedia of the Ancient World - Hat-Jus* (Vol. VI, p. 598). Leiden, Boston: Brill.

Hofmann, H. (2003). Claudianus. In C. F. Salazar et al (eds.), *Brill's Encyclopaedia of the Ancient World - Cat-Cyp* (Vol. III, pp. 386-389). Leiden, Boston: Brill.

Markschies, C. (2008). Sozomen. In C. F. Salazar et al (eds.), *Brill's Encyclopaedia of the Ancient World - Sas-Syl* (Vol. XIII, p. 684). Leiden, Boston: Brill.

Meier, M. (2010). Zosimus. In C. F. Salazar et al (eds.), *Brill's Encyclopaedia of the Ancient World - Tuc-Zyt* (Vol. XV, p. 971-973). Leiden, Boston: Brill.

Portman, W. (2007). Olympiodorus. In C. F. Salazar et al (eds.), *Brill's Encyclopaedia of the Ancient World - Obe-Phe* (Vol. X, pp. 111-112). Leiden, Boston: Brill.

Rist, J. (2007). Theodoretus. In C. F. Salazar et al (eds.), *Brill's Encyclopaedia of the Ancient World - Sym-Tub* (Vol. XIV, pp. 450-451). Leiden, Boston: Brill.

Rosen, C. (2002). Ammianus Marcellinus. In C. F. Salazar et al (eds.), *Brill's Encyclopaedia of the Ancient World - A-Ari* (Vol. I, p. 585-587). Leiden, Boston: Brill.

Schmidt, P. (2005). Iordanes. In C. F. Salazar et al (eds.), *Brill's Encyclopaedia of the Ancient World - Hat-Jus* (Vol. VI, pp. 917-918). Leiden, Boston: Brill.

Vassis, I. (2007). Phocius. In C. F. Salazar et al (eds.), *Brill's Encyclopaedia of the Ancient World - Phi-Prok* (Vol. XI, pp. 186-187). Leiden, Boston: Brill.

## ESTUDOS

Bradley, H. (1891). *The Goths, from the earliest times to the end of the gothic dominion in Spain*. Londres: T. Fisher Unwin.

Burns, T. S. (1994). *Barbarians within the gates of Rome: a study of roman military policy and the barbarians ca. 375-425 A.D.* Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press.

Burns, T. S. (2015). Al otro lado del Rin. Los bárbaros en el s. IV. In *Desperta Ferro antigua y medieval*, nº 29, 48-54.

Cameron, A. & Long, J. (1993). *Barbarians and Politics at the Court of Arcadius*. Berkeley, Los Angeles, Londres: University of California Press.

Cameron, A. (2011). *The Last Pagans of Rome*. Oxford: Oxford University Press. pp. 93-130.

Cameron, Alan (1970). *Claudian. Poetry and Propaganda at the Court of Honorius*. Oxford: Clarendon Press. pp. 63-188.

Clark, G. (2011). Augustine and the Merciful Barbarians. In R. Mathisen e D. Shanzer (eds.), *Romans, Barbarians and the Transformation of the Roman World*. Surrey: Ashgate Publishing Limited. pp. 34-42.

De Sena, E. C. (2012). Stilicho: Virtuous Vandal, Defender of Rome. In D. Bacuet-Crisan e H. Pop (eds.), *Festschrift in Honor of Alexandru V. Matei*.

DeVries, K & Smith, R. D. (2007). *Medieval Weapons. An illustrated history of their impact*. Santa Barbara, Denver, Oxford: ABC-CLIO. pp. 33-34.

Doyle, C. (2014). *The Endgame of Treason: Suppressing rebellion and usurpation in the Late Roman Empire, AD 397-411*. Dissertação de doutoramento. Galway, National University of Ireland.

Eisenberg, R. (2009). The Battle of Adrianople: A Reappraisal. In *Hirundo*, Vol. VIII, 108-120.

Elton, H. (2009). Military Forces. In P. Sabin, H. Van Wees, M. Whitby (eds.), *The Cambridge History of Greek and Roman Warfare* (Vol. II, pp. 270-310). Cambridge: Cambridge University Press.

Erdkamp, P. (ed.) (2007). *A Companion to the Roman Army*. Malden, Oxford, Victoria: Blackwell Publishing.

Fields, K. (2014). *Fighting for the Empire. Military morale in the fourth-century Roman Army*. Dissertação de mestrado em estudos antigos gregos e romanos, Brandeis University: Massachusetts, E.U.A.

Gibbon, E. (1906a). *The Decline and Fall of the Roman Empire* (Vol. IV; J. B. Bury, ed.). Nova Iorque: Fred de Fau & Company. pp. 259-339.

Gibbon, E. (1906b). *The Decline and Fall of the Roman Empire* (Vol. V; J. B. Bury, ed.). Nova Iorque: Fred de Fau & Company. 1906, pp. 1-288.

Giménez, I (2012). Los hunos, el azote del Imperio. In *Desperta Ferro antigua y medieval*, nº I, 10-15.

Goldsworthy, A. (2009). *O Fim do Império Romano* (Boléo, J., trad.). Lisboa: A Esfera dos Livros. 626 p.



Halsall, G. (2007). *Barbarian Migrations and the Roman West 376-568*. Cambridge: Cambridge University Press.

Heather, P. (1999). The Creation of the Visigoths. In P. Heather (ed.). *The Visigoths. From the migration period to the Seventh Century, an ethnographic perspective* (pp. 41-72). San Marino: The Boydell Press.

Heather, P. (2006). *The Fall of the Roman Empire. A New History of Rome and the Barbarians*. Oxford: Oxford Press. pp. 3-250.

Heather, P. (2009). *Empires and Barbarians. The Fall of Rome and the Birth of Europe*. Oxford: Oxford Press.

Hinds, K. (2010). *Barbarians! Goths*. Nova Iorque: Marshall Cavendish Benchmark. p. 61.

Jones, A. H. M. (1964a). *The Later Roman Empire 284-602. A Social, Economical and Administrative Survey* (Vol. I). Oxford: Basil Blackwell.

Jones, A. H. M. (1964b). *The Later Roman Empire 284-602. A Social, Economical and Administrative Survey* (Vol. II). Oxford: Basil Blackwell.

Jones, A. H. M. (1964c). *The Later Roman Empire 284-602. A Social, Economical and Administrative Survey* (Vol. III). Oxford: Basil Blackwell.

Kazanski, M. (2013). Barbarian Military Equipment and its Evolution in the Late Roman and Great Migration Periods (3rd–5th C. A.D.). In A. Sarantis & N. Christie (eds.), *War and Warfare in Late Antiquity* (pp. 493-521). Leiden, Boston: Brill.

Kehne, P. (2007). War and Peacetime Logistics: Supplying Imperial Armies in East and West. In P. Erdkamp (ed.), *A Companion to the Roman Army* (pp. 329-330). Malden, Oxford, Victoria: Blackwell Publishing.

Kulikowski, M. (2007). *Rome's Gothic Wars*. Cambridge: Cambridge University Press. 225 p.

Lee, A. D. (2007). *War in Late Antiquity*. Malden, Oxford, Victoria: Blackwell Publishing.

Lee, A. D. (2009). Warfare and the State. In P. Sabin, H. Van Wees & M. Whitby (eds.), *The Cambridge History of Greek and Roman Warfare*, (Vol. II, pp. 379-424). Cambridge: Cambridge University Press.

Letki, P. (2009). The state factories (*fabricae*) during the time of tetrarchy. In *STUDIA NAD KULTURĄ ANTYCZNĄ, V* (pp. 49-64). Opole: Uniwersytet Opolski.

Liebeschuetz, W. (2007). Warlords and Lordlords. In P. Erdkamp (ed.), *A Companion to the Roman Army* (pp. 479-494). Malden, Oxford, Victoria: Blackwell Publishing.

MacDowall, S. & Embleton, G. (1995). *Late Roman Infantryman 236-565 AD*. Oxford: Osprey Publishing.

MacDowall, S. & McBride, A. (1996). *Germanic Warrior 236-568 AD*. Oxford: Osprey Publishing.

MacDowall, S. (2001). *Adrianople AD 378*. Oxford: Osprey Publishing.

MacDowall, S. (2002). *Late Roman Cavalryman 236-565 AD*, Oxford: Osprey Publishing.

MacDowall, Simon (2012). El ejército romano en el siglo V. In *Desperta Ferro antigua y medieval, n° 1*, 16-22.

Mathisen, R. & Shanzer, D. (eds.) (2011). *Romans, Barbarians and the Transformation of the Roman World*. Surrey: Ashgate Publishing Limited.

Mathisen, R. (2013). "Becoming Roman, Becoming Barbarian": Roman Citizen and the assimilation of barbarians into the Late Roman World. In U. Bosma et al (eds.), *Migration and Membership Regimes in Global and Historical Perspective* (pp. 191-217). Leiden: Brill.

Mathisen, R. (2013). Roma a Gothis Alarico duce capta est. In J. Lipps, C. Machado & P. Von Rummel (eds.), *The Sack of Rome in 410 AD: The Event, Its Context and Its Impact* (pp. 87-102). Wiesbaden: Reichert Verlag.

McNab, C. (ed.) (2010). *The Roman Army - The Greatest War Machine of the Ancient World*. Oxford: Osprey Publishing. pp. 206-261.

Neal, J. (2011). *Visigoths and Romans: Integration and ethnicity*. Dissertação de bacharelato em artes. Forest Grove, Pacific University, E.U.A.

Pawlak, M. (2005). Theodosius, a son of Athaulf and Galla Placidia. In *Eos XCII* (pp. 225-243). Bydgoszcz: Kazimierz Wielki University.

Poulter, A. (2013). Goths on the lower Danube: their impact upon and behind the frontier. *AnTard*. [s.l.], 31-44.

Richardot, P. (2015). El ejército romano a mediados del s. IV. In *Desperta Ferro antigua y medieval*, nº 29, 20-25.

Sanz-Serrano, R. (2013). The Role of Gala Placidia in the creation of the Gothic Western Kingdom. In García-Gasco, R. et al (eds.), *The Theodosian Age (A.D. 379-455): Power, place, belief and learning at the end of the Western Empire* (pp. 53-66). Oxford: Archaeopress.

Sarantis, A. e Christie, N. (eds.) (2013). *War and Warfare in Late Antiquity*. Leiden, Boston: Brill.

Sarantis, A. (2013). Waging War in Late Antiquity. In A. Sarantis & N. Christie (eds.), *War and Warfare in Late Antiquity* (pp. 23-25). Leiden, Boston: Brill.

Syvanne, I. (2012). El ejército romano en el siglo V. *Desperta Ferro antigua y medieval*, nº 1, 28-35.

Warry, J. (2004). *Warfare in the Classical World*. Norman: University Oklahoma Press. pp. 204-217.

Weller, J. (1999). *Roman Traction Systems*. [s.l.]: [s.n.]. Disponível em <http://www.humanist.de/rome/rts/wagon.html>

Whately, C. (2013a). Organization and Life in the Military. In A. Sarantis & N. Christie (eds.), *War and Warfare in Late Antiquity* (pp. 209-238). Leiden, Boston: Brill.

Whately, C. (2013b). War in Late Antiquity: Secondary works, literary sources and material evidence. In A. Sarantis & N. Christie (eds.), *War and Warfare in Late Antiquity* (pp. 101-151). Leiden, Boston: Brill.

Whitby, M. (2002). *Rome at War AD 293-696*. Oxford: Osprey Publishing.

Whitby, M. (2007). Army and Society in the Late Roman World: A Context for Decline?. In P. Erdkamp (ed.), *A Companion to the Roman Army* (pp. 516-531). Malden, Oxford, Victoria: Blackwell Publishing.

Wilcox, P. & Trevino, R. (2002). *Barbarians against Rome*. Oxford: Osprey Publishing. pp. 7-52.

Wilkes, J. (2013). THE ARCHAEOLOGY OF WAR: HOMELAND SECURITY IN THE SOUTH-WEST BALKANS (3RD–6TH C. A.D.). In A. Sarantis & N. Christie (eds.), *War and Warfare in Late Antiquity* (pp. 735-736).

Wilkinson, R. H. (2007). *Private armies and personal power in the Late Roman Empire*. Dissertação de mestrado em artes, Tuscon, University of Arizona.

Williams, S. & Friell, G. (1998). *Theodosius, The Empire at Bay*. Londres: Routledge.

Wolfram, H. (1988). *The History of the Goths* (Dunlap, T. J., trad.). Berkeley, Los Angeles, Londres: University of California Press. pp. 001-171.

Woods, D. (1993). The Ownership and Disposal of Military Equipment in the Late Roman Army. In *Journal of Roman Military Equipment Studies* 4 (pp. 55-65). Oxford: Oxbow Books.